



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Karine Souza da Silva

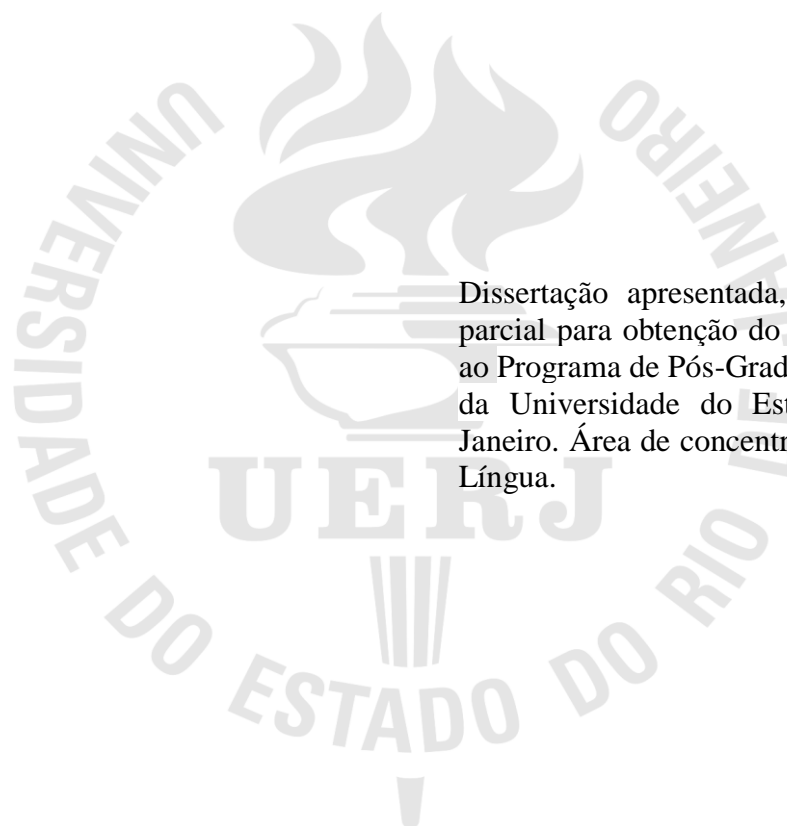
Visão multimodal do conceito de resiliência à luz da Linguística Cognitiva

Rio de Janeiro

2021

Karine Souza da Silva

Visão multimodal do conceito de resiliência à luz da Linguística Cognitiva



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Sandra Pereira Bernardo

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S586

Silva, Karine Souza da.

Visão multimodal do conceito de resiliência à luz da Linguística
Cognitiva / Karine Souza da Silva. – 2021.
170 f.:il.

Orientadora: Sandra Pereira Bernardo.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Linguística - Teses. 2. Semântica – Teses. 3. Resiliência (Traço da
personalidade) – Teses. 4. Metáfora – Teses. I. Bernardo, Sandra Pereira. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Karine Souza da Silva

Visão multimodal do conceito de resiliência à luz da Linguística Cognitiva

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 02 de julho de 2021.

Banca de Examinação:

Prof^a. Dra. Sandra Pereira Bernardo (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Ana Paula Ferreira
Colégio Pedro II

Prof^a. Dra. Naira de Almeida Velozo
Instituto de Letras – UERJ

Rio de Janeiro

2021

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem investido na minha educação e me incentivado a chegar até aqui, além de todo o cuidado e carinho que me oferecem.

Aos meus tios Luis e Rhonda, pelo apoio, incentivo e carinho de sempre.

À Professora Doutora Sandra Bernardo pela orientação, apoio e paciência.

À professora Isabel Arco Verde, por sempre me apoiar, me incentivar, me ajudar e por ser meu anjo da guarda.

Às professoras Naira e Ana Paula, que iluminaram as minhas dúvidas.

Aos professores Mário e Alzira, que me inspiraram a seguir o caminho de Letras.

Aos meus amigos Nicolly, Bellyze, Sila, Jéssica, Renan, Gabriela, Brízzida, Lívia, Camila e Lúcia, que sempre me apoiaram e estiveram na torcida, sem me deixar desanimar.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com toda sua equipe institucional por possibilitarem o aprendizado acadêmico.

O melhor presente que podemos dar ao mundo é a nossa própria transformação.

Lao Tsé

RESUMO

SILVA, Karine Souza da. *Visão multimodal do conceito de resiliência à luz da Linguística Cognitiva*. 2021. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, investigam-se, à luz da Linguística Cognitiva, diferentes formas de conceptualização da resiliência e as ferramentas conceptuais comuns a tais conceitos. Para alcançar esse objetivo, analisam-se dados compostos por textos retirados do *site* eletrônico da Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) e por imagens referentes aos Modelos de Crenças Determinantes, oriundos da Abordagem Resiliente, além de símbolos que representam a resiliência em diferentes culturas. Para tanto, adota-se, mais especificamente, o referencial teórico da Teoria da Metáfora Conceptual Estendida (KÖVECSES, 2017, 2020). Este trabalho é norteado pelas seguintes questões: quais são os processos cognitivos subjacentes às conceptualizações de resiliência analisadas? Quais ferramentas conceptuais são comuns aos conceitos de resiliência abarcados pelos dados analisados? Os resultados das análises apontaram que há diversos processos cognitivos subjacentes às conceptualizações de resiliência analisadas como, por exemplo, metáforas, mesclas, metonímias, ativação de espaços mentais, *frames*, compressões, domínios e esquemas imagéticos. Muitos desses são recorrentes, conforme notou-se que, de um total de dezessete (17) análises, dez (10) são estruturadas pelo esquema imagético FORÇA e doze (12) pelo esquema imagético OBJETO. Além desses esquemas imagéticos, outros mais recorrentes são ORIGEM-PERCURSO-META e PROCESSO. Quanto aos *frames* mais comuns, são os relacionados a OBJETO (3), PLANTA (3), ANIMAIS (3) e CORPO (2). Referente aos domínios mais comuns para caracterizar resiliência, há OBJETO (7), ANIMAIS (3), PLANTA (2) e CORPO (2).

Palavras-chave: Resiliência. Teoria da metáfora conceptual estendida. Integração conceptual.

ABSTRACT

SILVA, Karine Souza da. *Multimodal view of the resilience concept in the light of the Cognitive Linguistics*. 2021. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Through a bibliographic and qualitative research, different forms of conceptualization of resilience and the conceptual tools common to such concepts are investigated in the light of Cognitive Linguistics. To reach such goal, the data analyzed is composed by texts found in the Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) website, by images referring to the Models of Determining Beliefs from the Resilience Approach and by symbols that represent resilience in different cultures. For this purpose, the theoretical framework of the Extended Conceptual Metaphor Theory (KÖVECSES, 2017, 2020) is adopted. This work is guided by the following questions: what are the cognitive processes underlying the analyzed conceptualizations of resilience? Which conceptual tools are common to the concepts of resilience covered by the analyzed data? The results from the analyzes shows that there are several cognitive processes underlying the resilience conceptualizations analyzed here, such as metaphors, blends, metonymies, activation of mental spaces, frames, compressions, domains and image schemas. Many of those are recurrent, as was observed that among seventeen (17) analyzes, ten (10) of them are structured by the STRENGTH image schema and twelve (12) by the OBJECT image schema. Besides these image schemas, SOURCE-PATH-GOAL and PROCESS are also very recurrent. As for the most common frames, those are the ones related to OBJECT (3), PLANT (3), ANIMALS (3) and BODY (2). Referring to the most common domains to characterize resilience, there are OBJECT (7), ANIMALS (3), PLANT (2) and BODY (2).

Keywords: Resilience. Conceptual Metaphor. Conceptual Integration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Hierarquia de esquematicidade para as estruturas conceptuais.....	21
Figura 2 –	Esquematicidade como inclusão.....	22
Figura 3 –	A hierarquia esquemática com três distinções maiores entre níveis.....	24
Figura 4 –	Ativação e estruturas entre os níveis.....	26
Figura 5 –	Tipos de metonímias PARTE-TODO e TODO-PARTE.....	32
Figura 6 –	Tipos de metonímias PARTE-PARTE.....	33
Figura 7 –	Princípios determinantes na seleção de veículos em metonímia.....	34
Figura 8 –	Etapas do processo de interpretação.....	56
Figura 9 –	Etapas para os Modelos de Crenças Determinantes.....	56
Figura 10 –	Relação entre conflito e comportamento.....	57
Figura 11 –	Oito Modelos de Crenças Determinantes.....	59
Figura 12 –	Flor de lótus.....	63
Figura 13 –	Metamorfose da borboleta.....	65
Figura 14 –	Fênix.....	66
Figura 15 –	Elástico.....	67
Figura 16 –	Bambu chinês.....	68
Figura 17 –	Conceptualização de resiliência-cesta de frutas.....	71
Figura 18 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-cesta de frutas.....	72
Figura 19 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-cesta de frutas.....	76
Figura 20 –	Conceptualização de resiliência-cultivo de crenças.....	77
Figura 21 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-cultivo de crenças...	78
Figura 22 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-cultivo de crenças.....	80

Figura 23 –	Conceptualização de resiliência-balancear crenças.....	82
Figura 24 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-balancear crenças....	83
Figura 25 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-balancear crenças.....	85
Figura 26 –	Conceptualização de resiliência-invencibilidade.....	87
Figura 27 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-invencibilidade.....	88
Figura 28 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-invencibilidade.....	90
Figura 29 –	MCD <i>autocontrole</i>	92
Figura 30 –	Conceptualização de resiliência-autocontrole.....	93
Figura 31 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-autocontrole.....	95
Figura 32 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-autocontrole.....	96
Figura 33 –	MCD <i>leitura corporal</i>	98
Figura 34 –	Conceptualização de resiliência-leitura corporal.....	99
Figura 35 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-leitura corporal.....	100
Figura 36 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-leitura corporal.....	102
Figura 37 –	MCD <i>otimismo</i>	103
Figura 38 –	Conceptualização de resiliência-otimismo.....	104
Figura 39 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-otimismo.....	106
Figura 40 –	Metáforas em níveis na conceptualização em resiliência-otimismo.....	107
Figura 41 –	MCD <i>análise do ambiente e contexto</i>	108
Figura 42 –	Conceptualização de resiliência- <i>análise do ambiente/ contexto</i>	109
Figura 43 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-análise do ambiente/ contexto.....	111
Figura 44 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-análise do ambiente/ contexto.....	112
Figura 45 –	MCD <i>empatia</i>	113

Figura 46 –	Conceptualização de resiliência-empatia.....	114
Figura 47 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-empatia.....	116
Figura 48 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-empatia.....	117
Figura 49 –	MCD <i>autoconfiança</i>	118
Figura 50 –	Conceptualização de resiliência-autoconfiança.....	119
Figura 51 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-autoconfiança.....	120
Figura 52 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-autoconfiança.....	122
Figura 53 –	MCD <i>conquistar e manter pessoas</i>	123
Figura 54 –	Conceptualização de resiliência-conquistar e manter pessoas.....	124
Figura 55 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-conquistar e manter pessoas.....	125
Figura 56 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-conquistar e manter pessoas.....	127
Figura 57 –	MCD <i>sentido de vida</i>	128
Figura 58 –	Conceptualização de resiliência-sentido de vida.....	129
Figura 59 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-sentido de vida.....	130
Figura 60 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-sentido de vida.....	131
Figura 61 –	Conceptualização de resiliência-flor de lótus.....	135
Figura 62 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-flor de lótus.....	136
Figura 63 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-flor de lótus.....	138
Figura 64 –	Conceptualização de resiliência-borboleta.....	139
Figura 65 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-borboleta.....	140
Figura 66 –	Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-borboleta.....	141
Figura 67 –	Conceptualização de resiliência-fênix.....	143
Figura 68 –	Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-fênix.....	144

Figura 69 – Esquema de forças e renascimento da fênix.....	145
Figura 70 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-fênix.....	146
Figura 71 – Conceptualização de resiliência-elástico.....	147
Figura 72 – Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-elástico.....	148
Figura 73 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-elástico.....	149
Figura 74 – Conceptualização de resiliência-bambu.....	151
Figura 75 – Estruturas conceptuais dos <i>inputs</i> 1 e 2 em resiliência-bambu.....	152
Figura 76 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-bambu.....	153

LISTA DE GRÁFICOS E QUADRO

Gráfico 1 – Total de publicações sobre resiliência por grandes áreas entre 1996-2019.....	45
Gráfico 2 – Total de publicações sobre resiliência em pequenas áreas entre 1996-2019.....	46
Gráfico 3 – Área de pesquisa x número de publicações em 2018.....	46
Gráfico 4 – Área de pesquisa x número de publicações em 2019.....	47
Gráfico 5 – Publicações de resiliência por pequenas áreas entre 2018-2019.....	48
Quadro 1 – Mecanismos cognitivos.....	160

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	18
1.1	Linguística Cognitiva.....	18
1.2	Metáfora Conceptual.....	19
1.3	Integração Conceptual.....	27
1.4	Metonímia Conceptual.....	31
2	ESTUDOS SOBRE RESILIÊNCIA.....	37
2.1	Etimologia e definições da palavra resiliência em dicionários.....	37
2.2	Resiliência na Física.....	39
2.3	Resiliência na Biologia.....	40
2.4	Resiliência na Psicologia.....	41
2.4.1	<u>Psicologia Positiva e Resiliência.....</u>	42
2.4.2	<u>Projeto Internacional de Resiliência.....</u>	43
2.5	Comparação entre áreas de estudo.....	44
3	METODOLOGIA DE PESQUISA.....	50
3.1	Natureza e questões norteadoras da pesquisa.....	50
3.2	Escolha da fonte de dados, coleta e organização dos dados.....	51
4	SOBRARE.....	54
4.1	Abordagem Resiliente.....	55
4.2	Modelos de Crenças Determinantes (MCDs).....	57
5	SÍMBOLOS DE RESILIÊNCIA.....	63
5.1	Flor de lótus.....	63
5.2	Borboleta.....	65

5.3	Fênix	66
5.4	Elástico	67
5.5	Bambu	68
6	CONCEITOS DE RESILIÊNCIA: PALAVRAS, IMAGENS E SÍMBOLOS	70
6.1	Conceitos de resiliência	70
6.1.1	<u>Resiliência e cesta de frutas</u>	70
6.1.2	<u>Resiliência e cultivo de crenças</u>	76
6.1.3	<u>Resiliência e balancear crenças</u>	81
6.1.4	<u>Resiliência e invencibilidade</u>	86
6.1.5	<u>Mecanismos cognitivos comuns às conceptualizações dos conceitos de resiliência</u>	90
6.2	Modelos de Crenças Determinantes	92
6.2.1	<u>MCD autocontrole</u>	92
6.2.2	<u>MCD leitura corporal</u>	97
6.2.3	<u>MCD otimismo</u>	103
6.2.4	<u>MCD análise do ambiente e contexto</u>	108
6.2.5	<u>MCD empatia</u>	113
6.2.6	<u>MCD autoconfiança</u>	118
6.2.7	<u>MCD conquistar e manter pessoas</u>	123
6.2.8	<u>MCD sentido de vida</u>	128
6.2.9	<u>Mecanismos cognitivos comuns à conceptualização de resiliência à luz dos MCDs</u>	132
6.3	Análise de símbolos de resiliência	134
6.3.1	<u>Resiliência e flor de lótus</u>	134
6.3.2	<u>Resiliência e borboleta</u>	139

6.3.3	<u>Resiliência e fênix</u>	142
6.3.4	<u>Resiliência e elástico</u>	147
6.3.5	<u>Resiliência e bambu</u>	150
6.3.6	<u>Mecanismos cognitivos comuns às conceptualizações dos símbolos de resiliência</u>	154
6.4	Mecanismos cognitivos nas conceptualizações desenvolvidas	156
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
	REFERÊNCIAS	164

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, são investigadas diferentes formas de conceptualização da resiliência à luz da Linguística Cognitiva. São analisados textos, imagens e símbolos de resiliência, assim como os aspectos que são revelados nessas conceptualizações com base em processos cognitivos da construção de sentido. Para alcançar esse objetivo, adota-se, mais especificamente, o referencial teórico da Teoria da Metáfora Conceptual Estendida (KÖVECSES, 2017, 2020), um desenvolvimento recente dos estudos sobre Metáfora Conceptual que conta com poucos trabalhos desenvolvidos em português.

As diferentes formas de conceptualização serão analisadas a partir de três objetos de estudo: (i) conceitos de resiliência com base nos Modelos de Crenças Determinantes obtidos em textos retirados do *site* eletrônico da Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE); (ii) imagens obtidas em busca no *Google*, tomando como gatilho as palavras que nomeiam os Modelos de Crenças Determinantes; (iii) símbolos selecionados na primeira página do *Google* imagens que representam a resiliência em diferentes culturas e vertentes: flor de lótus, fênix, borboleta, bambu, elástico. Os critérios de seleção e restrições dos dados serão descritos no capítulo de metodologia de pesquisa.

O surgimento e a importância deste tema se dão pelo notável aumento de problemas políticos, sociais, econômicos e, conseqüentemente, psicológicos. Concomitantemente, há a pandemia causada pelo COVID-19, em que todas as pessoas de todos os países têm necessitado desenvolver resiliência. Esse assunto tem sido frequentemente falado ultimamente e, até mesmo, símbolos que representam resiliência têm sido tatuados no corpo das pessoas, devido à tamanha relevância (Diário da Região, 2018). Além desses motivos, existe um estudo que serviu de inspiração para a escolha desse tema. O pesquisador, cientista, fotógrafo e escritor japonês, Masaru Emoto, escreveu um livro chamado *A mensagem da água*, em que explica com experiências e teorias a importância das palavras. Para isso, ele estudou o comportamento da água e, segundo o pesquisador, as estruturas moleculares da água se modificam quando expostas a palavras, sentimentos, música e até imagens.

Tais mudanças eram notáveis através das formas que as moléculas de água tomavam: quando expostas a estímulos positivos, tomavam formas de cristais bonitos e, quando expostas a estímulos negativos, tornavam-se deformadas. Considerando que o corpo humano é composto por aproximadamente 70% de água, é possível notar como a água e as palavras

podem influenciar em nossas vidas. Esse experimento também foi feito com plantas e arroz, o que permite uma visão mais concreta da hipótese.

Devido à complexidade e interdisciplinaridade para lidar com o efeito de palavras em relação a outras substâncias no âmbito da Linguística Cognitiva em um estudo de nível de mestrado, foi necessário adaptar o tema para algo menos complexo e mais concreto. Logo, seguindo o raciocínio de que palavras e estímulos positivos podem ter efeitos benéficos no ser humano, deu-se a escolha do tema resiliência com uma visão da psicologia positiva – incluindo palavras positivas – em relação à superação de adversidades.

Há de se considerar, também, a crescente necessidade de se desenvolver a capacidade de resiliência todos os dias, considerando que é essencial para superar as adversidades do cotidiano. É não somente um assunto de nível individual, mas, também, de nível coletivo e cultural, pois, além de se tratar de um desenvolvimento individual, de autoconhecimento e de resistências psicológica e emocional, trata-se de algo intimamente relacionado à condição social de uma cultura. A partir do momento em que um indivíduo busca autoconhecer-se, ele compreende ao próximo também, o que gera um ciclo de união e compaixão, desenvolvida através da empatia necessária à resiliência, o que será desenvolvido nos capítulos de estudos sobre resiliência, de informações da SOBARE e de análises.

Cada cultura, de acordo com seus históricos e circunstâncias particulares, relaciona esse tema a diferentes elementos. Tal relação baseia-se, muitas vezes, em aspectos da natureza, que servem como exemplos precursores de resiliência. Assim, por meio dos dados selecionados, busca-se demonstrar algumas das diversas maneiras como diferentes culturas conceptualizam a resiliência. Dessa forma, revelam-se processos cognitivos de cada povo da amostra estudada.

Ao analisar as formas em que a resiliência é trabalhada em cada cultura selecionada para esta dissertação, revela-se como operam seus campos emocional e psicológico e, em geral, seus processos cognitivos, considerando que a cognição é constituída daquilo que vemos, ouvimos, sentimos, percebemos e memorizamos. Ou seja, daquilo que alimenta nossos sentidos. Dessa forma, é possível melhor compreender sobre as experiências socioculturais de cada povo. A partir do estudo deste tema é possível compreender as características individuais e coletivas que podem ser desenvolvidas, para que os indivíduos consigam enfrentar as situações adversas e se tornarem fortalecidos. Ademais, há uma quantidade escassa de estudos sobre o conceito de resiliência na área de Letras; por isso, considera-se relevante abordar este tema.

Este trabalho é norteado pelas seguintes questões: quais são os processos cognitivos subjacentes às conceptualizações de resiliência analisadas? Quais ferramentas conceptuais são comuns aos conceitos de resiliência abarcados pelos dados analisados? Ao responder a essas perguntas, espera-se evidenciar processos sociocognitivos subjacentes aos conceitos de resiliência em produções reais de uso linguístico e imagístico.

A fim de organizar o estudo, esta dissertação está dividida em seis capítulos. No primeiro, são apresentados os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva que embasam a pesquisa. O segundo é dedicado a um levantamento histórico sobre a origem desse conceito, partindo da etimologia da palavra, com o objetivo de traçar seu percurso do concreto para o abstrato. Já no terceiro capítulo, são descritos os procedimentos metodológicos usados para desenvolver a pesquisa. Optou-se por uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e de base indutiva.

O quarto capítulo trata da SOBARE e dos Modelos de Crenças Determinantes que estruturam a resiliência. Em seguida, no quinto capítulo, serão apresentados alguns símbolos de resiliência, extraídos de diferentes culturas e vertentes. E, no último capítulo, de natureza analítica, serão analisados os dados selecionados como objetos de estudo. Por fim, serão apresentadas as considerações finais acerca dos achados obtidos com as análises.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, são apresentadas as teorias e os conceitos subjacentes à Linguística Cognitiva (LC), que servirão de base para as análises deste trabalho. Na primeira seção, resumem-se noções basilares da Linguística Cognitiva. Na segunda, aborda-se a Teoria da Metáfora Conceptual Estendida (KÖVECSES, 2017, 2020); enquanto na terceira, trata-se da Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) e, na quarta seção, apresenta-se a Teoria da Metonímia Conceptual (LITTLEMORE, 2015).

1.1 Linguística Cognitiva

Pode-se considerar que a LC surgiu em 1989, quando foi realizada a Primeira Conferência Internacional de Linguística Cognitiva. Criou-se, então, a ICLA (International Cognitive Linguistics Association) e, em 1990, houve o lançamento do periódico *Cognitive Linguistics*. A palavra cognição tem origem em *cognitio*, nome derivado do verbo *cognoscere* (conhecer) em latim e seu estudo engloba percepção, atenção, memória, conceitos, crenças, estruturas de conhecimento, categorização, raciocínio, resolução de problemas, tomada de decisões, conhecimento e habilidades linguísticas, dentre outros.

A LC é um quadro teórico flexível, em vez de uma teoria de linguagem única, e constitui um conjunto de abordagens que se interpenetram, que partilham ferramentas, perspectivas e conceitos. Geeraerts (2006) a caracteriza metaforicamente como um arquipélago, formado por diversas ilhas ligadas por pontes – pressupostos e teorias – que compõem este arquipélago teórico. Um de seus pressupostos é que a estrutura léxico-gramatical das línguas reflete a estrutura do pensamento, e sua característica básica é a ideia de que não se deve apenas descrever conceitos e categorias em termos abstratos, mas considerar as coisas sobre as quais as definições tratam para atingir um nível adequado de conhecimento (GEERAERTS, 2006). Em termos gerais, o rótulo cognitivo refere-se a várias abordagens em que a linguagem natural é estudada como um fenômeno mental e o seu princípio fundamental é de que a linguagem é pensamento: um instrumento para organizar, processar e transportar informações.

A crença de que a atuação de capacidades cognitivas e de linguagem proporciona o significado de uma palavra através de como o mundo é experienciado, faz parte das considerações da LC. Nessa abordagem, o significado linguístico é perspectivado, dinâmico e flexível, baseado no uso e na experiência e, também, enciclopédico e não autônomo, partindo do princípio de que este é um instrumento para organizar, processar e transportar informações. O significado linguístico é construído na e através da linguagem e, a partir da noção de que somos seres incorporados, percebe-se que nossa natureza orgânica influencia nossa experiência de mundo e essa experiência é refletida quando usamos a língua(gem), de modo que esta pode revelar a identidade social e cultural dos grupos de falantes.

Ademais, a LC adota a concepção da Hipótese da Corporificação, em que a linguagem é concebida como o reflexo da experiência do corpo no mundo real. Assim, atribui corpo ao sujeito e ressalta o papel de sua experiência.

A Linguística Cognitiva lida com quatro conceitos fundamentais para este trabalho: esquema imagético, espaços mentais, metonímia e metáfora conceptual. Tais conceitos serão apresentados nas seções seguintes.

1.2 Metáfora Conceptual

A visão de metáfora no âmbito da LC como uma forma de pensar foi introduzida por Lakoff e Johnson em 1980, em seu livro *Metaphors we live by*. Tais autores afirmam que as metáforas são usadas no dia a dia, não somente na linguagem, mas no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual comum, em termos do qual nós pensamos e agimos, tem um papel fundamental em definir nossa realidade diária e, se considerar que este é fundamentalmente metafórico por natureza, então a forma com que pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todo dia é um aspecto da metáfora.

Já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceitual que usamos para pensar e agir, a língua é uma fonte importante de evidência para como é o sistema. Logo, tais autores definem que a metáfora conceptual é um processo cognitivo que consiste em entender um domínio da experiência – domínio alvo, que é tipicamente mais abstrato – em termos de outro – domínio fonte – que é tipicamente mais concreto. Como exemplo, a frase “olha o quão

longe nós chegamos”¹ (LAKOFF, JOHNSON, 1980, p.44, tradução nossa) é fundamentada pela metáfora conceptual AMOR É VIAGEM, em que os viajantes são os amantes, o destino é a meta da relação, a viagem se relaciona aos eventos da relação, a distância percorrida é o progresso da relação e os obstáculos são as dificuldades.

Para dar conta do significado de conceitos abstratos, a proposta da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) é que as abstrações se tornem significativas em virtude de metáforas conceptuais que conectam um conceito abstrato a um físico. Neles, padrões gerais de experiência perceptiva dão sentido a conceitos abstratos e, assim, o sistema conceptual, incluindo conceitos abstratos, torna-se corporificado, ou seja, baseado na percepção.

A metáfora começa a ser vista como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana e não mais como um simples ornamento do discurso (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999; ORTONY, 1993; KÖVECSES, 2003). Ademais, é considerada como básica e indispensável ao pensamento e normalmente é enraizada na natureza interacional humana com o mundo sócio-físico de experiência corporificada.

A capacidade para auto-entendimento pressupõe a capacidade para entendimento mútuo. Entender a nós mesmos não é diferente de outras formas de entendimento – vem da nossa constante interação com nossos ambientes físico, cultural e interpessoal. As habilidades requeridas para entendimento mútuo são necessárias até para abordar o auto-entendimento. E, já que muito da nossa realidade social é entendida em termos metafóricos e que aspectos da realidade variam de cultura para cultura, nota-se que diferentes culturas têm diferentes percepções da realidade e, conseqüentemente, sistemas conceituais diferentes.

Pessoas com sistemas conceituais muito diferentes devem entender o mundo de forma muito variada e, conseqüentemente, devem haver diferentes critérios para a verdade e a realidade. Neste trabalho, será adotada a definição de cultura explicada por Kövecses (2005, p.1, tradução nossa)², em que a cultura é o compartilhamento de um conjunto de entendimentos que caracteriza grupos pequenos ou grandes de pessoas.

Segundo a TCM, metáforas unem razão e imaginação. A razão, no mínimo, envolve categorização e inferência. Imaginação envolve ver um tipo de coisa em termos de outro tipo de coisa – o que chamamos de pensamento metafórico. Logo, metáfora é racionalidade imaginativa e a racionalidade comum é imaginativa por sua natureza.

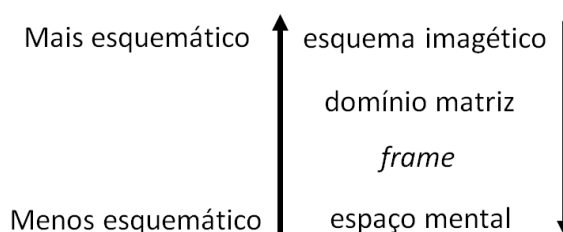
¹ No original: “Look how far we've come”.

² No original: “culture as a set of shared understandings that characterize smaller or larger groups of people.”

A partir dos estudos de Lakoff e Johnson, foram surgindo desdobramentos e, entre eles, em 2017 surge uma visão multiníveis da metáfora conceptual por Kövecses em seu artigo *Levels of metaphor*. A partir disso, em 2020, o autor publica o livro *Extended Conceptual Metaphor Theory*, em que apresenta com maior profundidade a Teoria da Metáfora Conceptual Estendida (KÖVECSES, 2017, 2020), na qual se baseia esta pesquisa.

O autor sugere uma hierarquia de esquematicidade em que as metáforas conceptuais envolvem, simultaneamente, estruturas conceptuais da organização do pensamento em vários níveis distintos de esquematicidade e distingue quatro desses níveis: o de esquema imagético (LAKOFF 1990, 1993); o de domínio matriz (LANGACKER 1987); o de *frames* (KÖVECSES 2006; LAKOFF 1996) e o de espaços mentais (FAUCONNIER; TURNER 2002). Tais níveis não possuem fronteiras rígidas nas hierarquias de esquematicidade: são classificados de acordo com suas esquematicidades em que os quatro níveis vão do mais esquemático ao menos esquemático, conforme representado na figura 1.

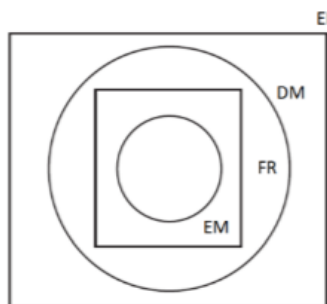
Figura 1 – Hierarquia de esquematicidade para as estruturas conceptuais



Fonte: KÖVECSES, 2020, p.52. Adaptado para o português.

A seta para cima no diagrama indica o aumento da esquematicidade, enquanto a seta para baixo indica o aumento da especificidade. Segundo Leal (2020, p. 37), “a esquematicidade, portanto, é uma relação entre conceitos: quanto mais geral, maior nível de esquematicidade; quanto mais específico, menor o nível de esquematicidade”. A hierarquia baseada em esquematicidade também pode ser representada como uma série de inclusões, como na figura 2, em que EI significa esquema imagético; DM, domínio matriz; FR, *frame* e EM, espaço mental. Doravante, o termo domínio se refere ao domínio matriz.

Figura 2 – Esquematicidade como inclusão



Fonte: KÖVECSES, 2020, p.52. Adaptado para o português.

Para explicar os conceitos de esquema imagético, *frame*, domínio e espaço metal, será utilizado o exemplo da palavra construção a partir de Kövecses (2020). Nas palavras de Gibbs e Colston (1995: 347), os esquemas imagéticos são “*gestalts* experienciais [...] que emergem a partir da atividade sensório-motora, conforme manipulamos objetos, nos orientamos espacial e temporalmente”. São estruturas cognitivas imaginativas, corporificadas, altamente esquemáticas, abstratas, e de padrões flexíveis, que surgem diretamente de nossa observação e interação cotidiana com o mundo ao redor e são os primeiros guias na conceptualização de experiências.

Tais estruturas pré-conceptuais basilares incluem CONTÊINER, ORIGEM-PERCURSO-META, FORÇA, VERTICALIDADE e várias outras. Devido à sua natureza altamente esquemática, tais esquemas abrangem todo o sistema conceptual, tornando uma grande variedade de conceitos e experiências significativos. Utilizando o exemplo de construção – que possibilita elementos como casa, prédio, catedral, entre outros – nota-se que é caracterizado por esquemas imagéticos de CONTÊINER, VERTICALIDADE, PARTE-TODO e OBJETO.

Quanto ao domínio, Langacker (1987, p. 488) o define como “uma área coerente de conceituação em relação à qual unidades semânticas podem ser caracterizadas”. Um domínio é mais rico em informações do que os esquemas imagéticos, inclui ou consiste de *frame* e representa uma experiência com um conjunto de aspectos organizados em um todo significativo. Considerando um conjunto de domínios utilizados para dar base a um significado, tem-se o domínio matriz, o qual “pressupõe uma variedade de conceitos que caracterizam diferentes aspectos de um domínio”³ (KÖVECSES, 2017, p. 325). Através do exemplo de construção, nota-se que possui domínio de um objeto físico no espaço que possui

³ No original: “[...] presupposes a variety of concepts that characterize different aspects of the domain”.

tamanho, localização, forma, cor, função, extensão vertical e horizontal e é um objeto estruturado, feito de matéria física, fechado e dividido em partes.

Já os *frames* são estruturas conceptuais menos esquemáticas que os domínios. Segundo Fillmore (1982), são um conjunto de conhecimentos em relação ao qual uma palavra deverá ser interpretada. Kövecses difere domínios de *frames* pelo nível de esquematicidade, pois estes elaboram aspectos particulares de um domínio matriz e envolvem mais informação conceptualmente específica. A partir do mesmo exemplo de construção, este possui *frame* CONSTRUÇÃO (como um processo), SUPORTE (físico, no qual existem elementos organizados de maneira estruturada) e FUNÇÃO DA CONSTRUÇÃO (que fornece informações sobre quem usa o edifício, de que forma e com qual finalidade).

O autor compartilha da definição de espaços mentais dada por Fauconnier (2007, p. 351): “os espaços mentais são estruturas muito parciais construídas quando pensamos e conversamos, para fins de compreensão e ação local”. Ademais, são níveis nos quais papéis são preenchidos por valores no discurso em situações específicas de comunicação – bastante influenciados por vários tipos diferentes de informações contextuais – estruturados por *frames* e modelos cognitivos e são, ainda, mais específicos que os *frames*. Espaços mentais são representações *on-line* – construídos à medida que pensamos e falamos, para propósitos específicos ao discurso – de nossa compreensão da experiência. Operam na memória de trabalho, mas são construídos parcialmente pela ativação de estruturas da memória de longo termo e a relação entre espaços mentais tem o potencial de produzir ilimitados significados (EVANS, 2007).

Espaços mentais podem conter informações como um elemento, uma propriedade ou uma relação e, diferentemente, os *frames* e domínios são estruturas de conhecimento convencionalizadas na memória de longo prazo. Nesse nível, todo o conhecimento é colocado em uso para atingir objetivos comunicacionais e possibilitam novas inferências e avaliações no contexto. Segundo LEAL (2020), enquanto falamos, pensamos e construímos significados, vários espaços mentais são ativados durante o desencadeamento do pensamento, sendo parcialmente construídos a partir de estruturas armazenadas na memória de longo prazo e operando na memória de trabalho para a elaboração de sentido. Ainda no exemplo de construção, o espaço mental adiciona informações sobre seus *frames* como associado à frase ‘Maria construiu para si uma casa forte’.

A partir desses conceitos, é possível exemplificar a hierarquia de esquematicidade com a metáfora MARIA CONSTRUINDO UMA CARREIRA É MARIA CONSTRUINDO UMA CASA. No nível do esquema imagético, há a metáfora SISTEMAS ABSTRATOS COMPLEXOS SÃO OBJETOS

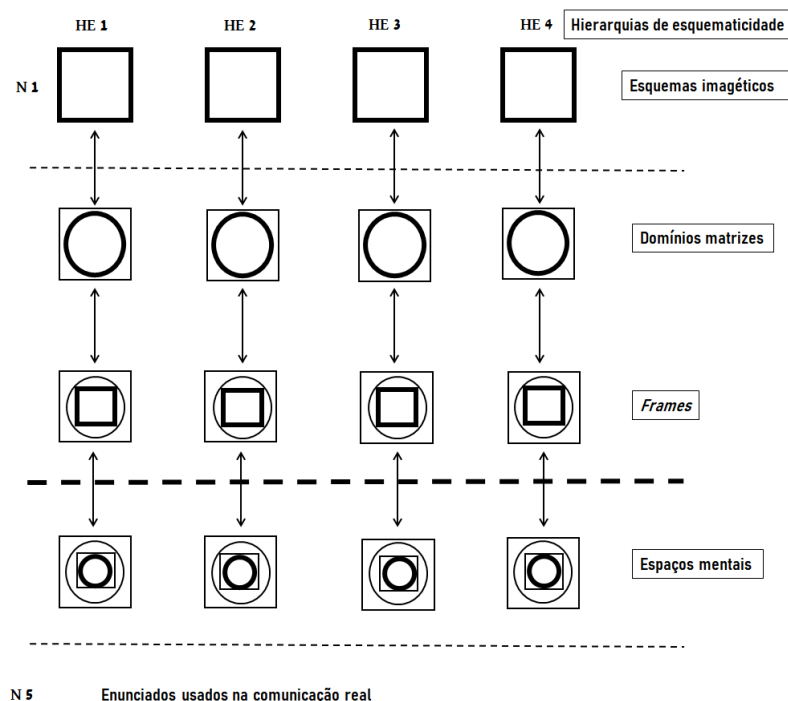
CONTÊINERS; no nível do domínio, há CRIAÇÃO DO SISTEMA É CRIAÇÃO FÍSICA DA CONSTRUÇÃO; no nível do *frame*, há CONSTRUÇÃO DO SISTEMA É CONSTRUÇÃO (COMO PROCESSO) e, no nível do espaço mental finalmente alcança-se a metáfora MARIA CONSTRUINDO UMA CARREIRA É MARIA CONSTRUINDO UMA CASA.

Considerando todos esses aspectos, Kövecses (2020, p.54, tradução nossa)⁴ afirma que

esquemas imagéticos, domínios, *frames* e espaços mentais são usados por conceptualizadores/ oradores com o objetivo de promover organização e coerência à nossa experiência. Considero os esquemas imagéticos mais esquemáticos e os espaços mentais menos esquemáticos entre as estruturas cognitivas (isto é, as mais ricas em termos conceptuais).

Além desses quatro níveis, existe o nível de comunicação, nível 5, em que o falante e o ouvinte usam algumas formas linguísticas para tornarem manifesto o conteúdo de determinadas informações. Essa relação pode ser representada em uma hierarquia de esquematicidade (HE) de acordo com a figura 3.

Figura 3 – A hierarquia esquemática com três distinções maiores entre níveis



Fonte: KÖVECSES, 2020, p.55. Adaptado para o português.

⁴ No original: In brief, image schemas, domains, frames, and mental spaces are all used by conceptualizers/speakers for the purposes of lending organization and coherence to our experience. I take image schemas to be the most schematic and mental spaces the least schematic (i.e., the conceptually richest) cognitive structures that can have this organizing function.”

A linha pontilhada que separa ESQUEMAS IMAGÉTICOS e DOMÍNIOS/*FRAMES* indica que os esquemas imagéticos são estruturas analógicas – pois surgem da relação do corpo com o ambiente ao criar esquemas abstratos –, enquanto domínios e *frames* não são analógicos. A linha pontilhada em negrito entre DOMÍNIOS/*FRAMES* e ESPAÇOS MENTAIS indica que os domínios e os *frames* estão na memória de longo prazo, enquanto os espaços mentais são usados no processamento *on-line* na memória de trabalho. A linha pontilhada entre L4 e L5 separa o conceptual do linguístico. De acordo com Leal (2020, p.50),

com essa proposta, Kövecses (2017, p. 328) pretende responder um problema recorrente na TMC: “[d]omínios fonte tipicamente contêm muito mais material conceptual do que é realmente transferido para o domínio alvo”. Como a noção de domínio conceptual é muito ampla, vários linguistas e suas pesquisas (Clausner; Croft, 1997; Grady, 1997; Kövecses, 2000; Lakoff, 1990) tentaram dar conta do problema e não conseguiram, porque se apoiavam apenas nesse conceito e nos mapeamentos entre domínios.

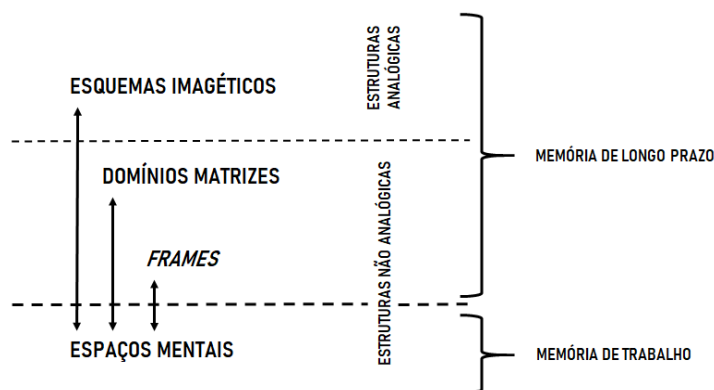
O argumento de Kövecses (2017, 2020) é que os domínios conceptuais, por terem alto grau de esquematicidade, não são ideais para determinar os aspectos dos mapeamentos. Logo, é necessário considerar os níveis mais baixos de esquematicidade: os *frames* selecionam aspectos do domínio matriz, enquanto os espaços mentais fazem a elaboração dos *frames*.

A proposta da TMC é que os conceitos abstratos se tornem significativos em virtude de metáforas conceptuais que conectam um conceito abstrato a um concreto. Assim, o sistema conceptual, incluindo conceitos abstratos, torna-se corporificado, ou seja, baseado na percepção completamente.

Kövecses (2010, p. 321) organiza a visão linguístico-cognitiva da metáfora em três níveis: o nível subindividual – o mais esquemático e o menos específico –, que diz respeito a aspectos universais de vários tipos de corporificação e se constitui de esquemas imagéticos; o nível supraindividual – mais esquemático, menos específico –, que representa o modo como uma determinada língua e cultura reflete padrões metafóricos descontextualizados e se constitui de domínios e *frames* e, por último, o nível individual – menos esquemático, ainda mais específico –, que corresponde ao sistema cognitivo metafórico usado pelos falantes da língua e se constitui de espaços mentais.

Na TMC, descrições de metáforas conceptuais costumam acontecer no nível supraindividual, o que empobrece a descrição, já que a riqueza da conceptualização metafórica acontece no nível individual, dos espaços mentais. Na figura 4, observa-se como esses níveis se organizam nas memórias.

Figura 4 – Ativação e estruturas entre os níveis



Fonte: KÖVECSES, 2020, p.70. Adaptado para o português.

Na figura 4, nota-se que os esquemas imagéticos, domínios e *frames* operam na memória de longo prazo, enquanto apenas os espaços mentais operam na memória de trabalho. Além disso, é possível observar que os esquemas imagéticos são estruturas conceptuais análogas, enquanto os domínios, *frames* e espaços mentais são estruturas não-análogas, pois são estruturas que organizam nosso conhecimento enciclopédico.

Através da concepção de multimodalidade das metáforas – cujos alvos e fontes são representados em diferentes modos –, as metáforas conceptuais identificadas na linguagem também ocorrem em gestos, representações visuais (como desenhos animados), artes visuais (como pintura) e outras. Logo, há de se abordar, também, em prol de futuras análises presentes neste trabalho, a metáfora visual, de acordo com a visão de Forceville (2016). Tal tipo de metáfora pode ser composta não apenas de signos – significados, imagem sonora e conceitos transmitidos pelo signo –, mas também de experiências visuais como quando se observa um edifício ou uma cena na natureza.

Assim, as metáforas conceptuais realizadas visualmente não podem ser encontradas fora do organismo humano; elas são encontradas internamente à medida que os seres humanos processam experiências e seu alvo e fonte são reproduzidos em termos visuais. Por exemplo, uma forma pictórica onde é acrescentada uma juba à cabeça de um homem remete à metáfora O HOMEM É UM LEÃO e à certas características como bravura, coragem e independência. Nota-se, portanto, que imagens podem ser mais facilmente perceptíveis e especificadas do que palavras.

Forceville (2006) classifica as metáforas pictóricas de acordo com (i) a formação – metáforas contextuais, híbridas, símile, verbo-pictórica e integradas; (ii) a fonte – se está

dentro ou fora da história na qual é apresentada; (iii) o gênero – propagandas, cartuns, quadrinhos, óperas, peças de teatro, filmes, gestos, sinais de trânsito, figuras, pinturas, ilustrações, estátuas etc; (iv) o grau de convencionalidade – criativa ou estrutural – e (v) modalidade empregada – monomodal ou multimodal.

Ademais, nesta pesquisa, são abordados os seguintes subtipos de metáfora visual: *símile pictórico* – dois objetos são representados em sua totalidade de forma que parecem similares – e *metáfora integrada* – um fenômeno experienciado como um objeto unificado é representado em sua totalidade de maneira que se assemelha a outro objeto, mesmo sem pistas contextuais. Logo, além de imagens serem mais facilmente reconhecidas transnacionalmente do que palavras, metáforas pictóricas e multimodais permitem maior acesso transcultural do que as verbais. Entretanto, a conceptualização dessas imagens pode ser diferente dependendo de como a referida imagem é concebida em uma determinada cultura. Normalmente, seus domínios fonte possuem apelo emocional mais forte do que as verbais.

1.3 Integração Conceptual

A integração conceptual, ou *mescla conceptual*, é responsável, muitas vezes, por processos mentais básicos e diários como a imaginação, construção de sentido, conceitos, processamento de informações e conhecimentos e, até mesmo, a pensamentos mais simples. É algo dinâmico, podendo ser construído no momento de fala, para dar origem a novas ideias e seu principal objetivo é alcançar a escala humana a partir de compressões. Assim, Fauconnier e Turner buscam mostrar que o estudo dessa teoria pode mudar nossa forma de ver o mundo, porque permite descrever fenômenos aparentemente díspares, relacionando-os e ampliando-os de modo a revelar novos fenômenos.

Segundo Fauconnier e Turner (2002, p. 6), isso é possível devido a três operações: identidade, integração e imaginação. Perceber identidade, semelhanças e diferenças entre todas as coisas, a fim de estabelecer relações, é resultado de um trabalho complexo da mente. Logo, a integração conceptual surge de uma rede de espaços mentais, cuja configuração mínima envolve a projeção seletiva de elementos de quatro espaços: (a) espaços *input* 1 e 2 interconectados; (b) espaço genérico, que se projeta sobre cada um dos inputs, contendo o que esses dois espaços têm em comum em qualquer momento do desenvolvimento da rede de integração conceptual e (c) espaço *mescla* – em que elementos dos espaços iniciais (inputs)

são parcialmente projetados. Dessa forma, a mescla é sempre imaginativa e criativa e, uma vez criada, pode se tornar uma rotina cognitiva fixa, armazenada, com potencial para se tornar o input de outro processo de integração conceptual. Um exemplo de integração conceptual é o enigma do monge budista (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p.39, tradução nossa)⁵, o qual conta que

um monge budista começa, pela manhã, a subir uma montanha, alcança o ápice ao pôr-do-sol, medita no topo por vários dias até que, em uma manhã, começa a caminhar de volta para o sopé da montanha, ao qual chega ao pôr-do-sol. Sem questionar sobre suas paradas ou sobre seus passos durante as viagens. Há um lugar no caminho que ele ocupa na mesma hora do dia nas duas jornadas? (Tradução nossa).

Para se demonstrar que esse lugar existe é preciso imaginar que o monge tenha subido e descido a montanha no mesmo dia e que haja um lugar onde ele encontraria consigo mesmo na mesma hora em cada uma das duas jornadas. O enigma está resolvido, porém a resolução é fantástica, porque o mesmo monge não pode “encontrar consigo mesmo”. Entretanto, isso não impede o entendimento do enigma e sua resolução. Mesclam-se as jornadas de subida e descida, gerando uma estrutura emergente que possibilita a resposta hipotética.

Assim, alguns dos demais objetivos da integração conceptual são comprimir o que é difuso; obter uma visão global; ir de muitos para um; permitir transferência de emoções, inferências e construção de identidade através de compressão e, tal mecanismo de compressão evita que a mente e a memória sejam sobrecarregadas. Assim, a capacidade de abrir, conectar e mesclar espaços mentais fornece um *insight* global, uma compreensão em escala humana e um novo sentido, tornando os seres humanos mais eficientes e criativos. Um dos mais importantes aspectos dessa eficiência, em termos de *insight* e criatividade, é a compressão alcançada por meio da integração de relações conceptuais, denominadas relações vitais (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 92). Tais relações vitais podem ser classificadas nos seguintes tipos:

- a) MUDANÇA – conecta um elemento em outro, ou um par de elementos em outro. Por exemplo, um broto se transforma em árvore.

⁵ No original: “A Buddhist Monk begins at dawn one day walking up a mountain, reaches the top at sunset, meditates at the top for several days until one dawn when he begins to walk back to the foot of the mountain, which he reaches at sunset. Make no assumptions about his starting or stopping or about his pace during the trips. Riddle: Is there a place on the path that the monk occupies at the same hour of the day on the two separate journeys?”

- b) IDENTIDADE – pode estabelecer relações entre papéis desempenhados pelas entidades referenciadas. Por exemplo, um bebê, uma criança, um adolescente e um adulto podem ser conectados por relações de identidade.
- c) TEMPO – ligada à memória, à mudança, à continuidade, à simultaneidade, à instantaneidade, bem como ao nosso entendimento da causalidade. Por exemplo, um dinossauro evoluindo para um pássaro. Uma vida inteira pode ser comprimida em apenas um minuto em uma história.
- d) ESPAÇO – semelhante ao Tempo, em que os espaços costumam ser comprimidos na mescla. Um lugar pode representar um evento. Por exemplo, Bastilha remete-se à Revolução Francesa.
- e) REPRESENTAÇÃO – um input pode ter uma representação de outro. Por exemplo, o desenho de uma pessoa.
- f) PROPRIEDADE – o status de uma propriedade é como uma relação vital intraespaço. Como exemplo, a propriedade de um santo é ser sagrado.
- g) SIMILARIDADE – relação vital intra-espaço estabelecida entre elementos que partilham propriedades, como cores similares.
- h) CATEGORIA – o status de uma categoria é estabelecido como uma relação vital intra-espaço. Analogia interespaço entre um vírus e um programa de computador que invisivelmente se aloja no computador é comprimida dentro de uma categoria no espaço-mescla. Assim um programa é um vírus.
- i) INTENCIONALIDADE – abarca relações vitais ligadas à esperança, ao desejo, à vontade, ao medo, à crença, à lembrança e a outras atitudes mentais e disposições direcionadas a/pela nossa essência. Por exemplo, um político que bloqueia um projeto de lei que teria autorizado a utilização de fundos para o alívio da fome, pode ser acusado de estar “tirando alimento da boca de crianças morrendo de fome”. Nesse caso, há intencionalidade de atacar.
- j) SINGULARIDADE – vários objetos são comprimidos numa entidade singular para dar conta de um todo. Como vários tipos de dinossauros são comprimidos em um para dar conta da história da evolução das espécies.
- k) PAPEL-VALOR – relação vital onipresente. Como exemplo, dado o papel de presidente, Lincoln será um valor para presidente em 1983.
- l) ANALOGIA – um tipo de comparação estabelecida com base na compressão papel-valor e sem depender de uma conjunção comparativa: o livro é tal qual uma ponte para o infinito.

- m) DESANALOGIA – processo reverso à analogia. Por exemplo, a desanalogia entre vários dinossauros em diferentes estágios da evolução corresponde à mudança de um único dinossauro.
- n) CAUSA-EFEITO – é a relação vital em que concebemos as informações como sendo consequência ou efeito de algum outro elemento causador. Por exemplo, o fogo na lareira é ligado por causa e efeito a cinzas frias.
- o) PARTE-TODO – uma parte representa um conjunto inteiro de elementos. Por exemplo, uma foto 3x4 em que só aparece a parte do rosto, representa o corpo todo da pessoa.

Portanto, a compressão pode escalar TEMPO, ESPAÇO, CAUSA-EFEITO e INTENCIONALIDADE. ANALOGIA pode ser comprimida dentro de IDENTIDADE e SINGULARIDADE. CAUSA-EFEITO dentro de PARTE-TODO e IDENTIDADE dentro de SINGULARIDADE.

As teorias da metáfora e da integração conceptuais podem ser consideradas complementares (GRADY *et al.*, 1999), porque, embora existam metáforas primárias motivadas por correlações de experiências físicas e/ou perceptuais básicas, como importância e tamanho, que, segundo a literatura, não envolvem integração, tais metáforas podem configurar *inputs* para meclagem. Metáforas conceptuais foram desenvolvidas através de metáforas primárias, que são corporificadas, baseadas em experiências em que o conceito alvo causa a experiência referida pelo conceito fonte ou, menos frequentemente, em que o conceito fonte causa o conceito alvo. Por exemplo, a metáfora ELE ESTAVA FERVENDO DE RAIVA, é baseada na relação de que o ser humano sente calor quando sente raiva.

Ademais, na seção seguinte, será abordado mais um elemento conceptual indispensável para uma melhor compreensão das integrações conceptuais. Tal elemento é a metonímia conceptual e, em prol das análises feitas neste trabalho, faz-se necessário afirmar que não há metáfora sem metonímia, pois ao selecionar um aspecto do domínio fonte para acessar o domínio alvo, automaticamente já há pensamento metonímico. Essa interação entre metáfora e metonímia será melhor explicada na próxima seção.

1.4 Metonímia Conceptual

A metonímia, nos termos de Kövecses (2006, p. 104, tradução nossa⁶), “é um processo cognitivo no qual um elemento ou entidade conceitual (coisa, evento, propriedade), o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceitual (coisa, evento, propriedade), o alvo, dentro do mesmo *frame*, domínio ou modelo cognitivo idealizado (MCI)”. O conceito de MCI abarcaria tanto cenários dinâmicos quanto *frames* estáticos, visto que consistem em um conjunto coerente e estável de representações do conhecimento que pode ser organizado de várias maneiras (LAKOFF, 1987), sendo assim flexíveis e esquemáticos, porque não necessariamente reais, mas idealizados.

Como exemplo de metonímia, a frase *eles leram Machado de Assis* refere-se às obras de Assis. Na LC, enquanto a metáfora envolve a projeção entre domínios diferentes e sua função principal é a compreensão, a metonímia envolve a projeção dentro de um único domínio e possui uma função referencial, porque representa uma entidade por outra. Entretanto, a metonímia assemelha-se à metáfora por não consistir apenas em um mecanismo linguístico, mas por estar presente no modo como se age, pensa e fala no dia a dia, baseando-se na nossa experiência.

Pensamos metonimicamente o tempo todo para colocar uma grande quantidade de informação que está disponível sobre o mundo em uma forma mais administrável (LITTLEMORE, 2015). Ademais, é considerada uma figura de linguagem e de pensamento na qual uma entidade é usada para prover acesso a outra entidade a qual é relacionada de alguma forma, além de ser ferramenta que usamos para pensar sobre coisas e para comunicar nossos pensamentos e, como tal, é uma propriedade tanto do nosso sistema conceptual quanto do linguístico (GIBBS, 1999).

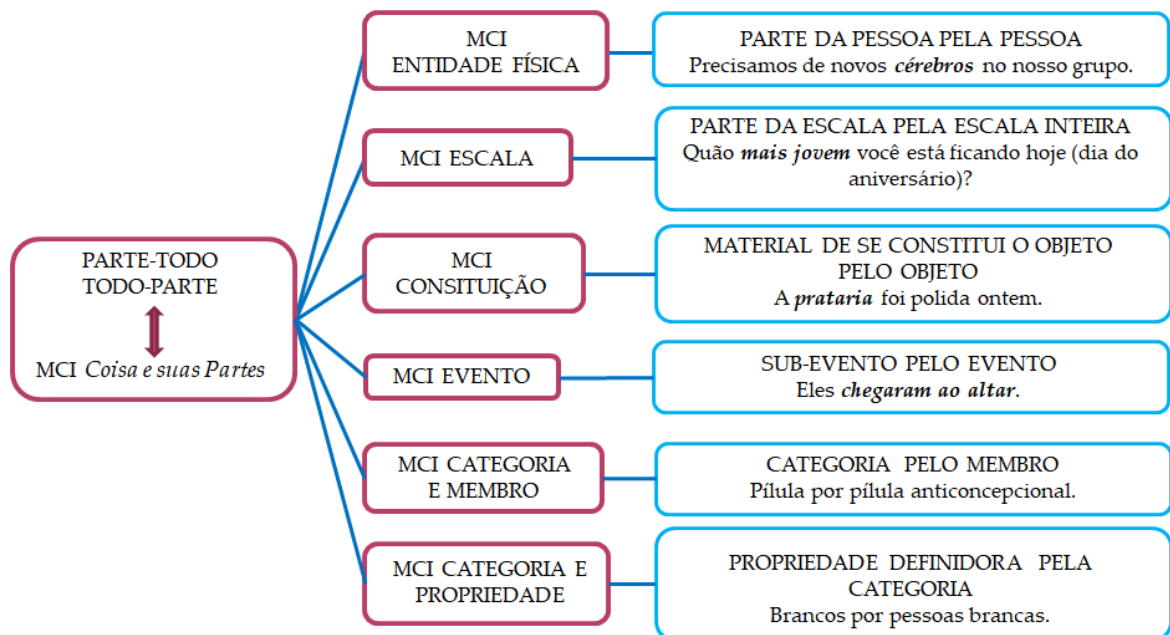
Pensamos metonimicamente porque é fisicamente impossível ativar conscientemente todo o conhecimento que temos de um conceito em particular de uma só vez, então temos a tendência a focar em um aspecto saliente daquele conceito, e usá-lo como um ponto de acesso para o conceito inteiro. É um tipo de forma abreviada de comunicação, permitindo às pessoas usarem seu conhecimento de mundo compartilhado para comunicar com menos palavras do que precisariam. E, diferentemente da metáfora, não envolve comparação.

⁶ No original: “Metonymy is a cognitive process in which a conceptual element or entity (thing, event, property), the vehicle, provides mental access to another conceptual entity (thing, event, property), the target, within the same frame, domain, or idealized cognitive model (ICM)”. Nessa passagem, Kövecses retoma definições presentes em Kövecses e Radden (1998) e Radden e Kövecses (1999).

De acordo com Littlemore (2015), Radden e Kövecses (1999) agrupam as metonímias em duas grandes categorias: PARTE-TODO e PARTE-PARTE, com base nos MCIs ativados nos processos metonímicos. Metonímias PARTE-TODO envolvem situações em que a parte de algo representa um todo – por exemplo, *Inglaterra* por Grã-Bretanha – ou TODO-PARTE, *América* por EUA. Nessa categoria, são identificados seis MCIs.

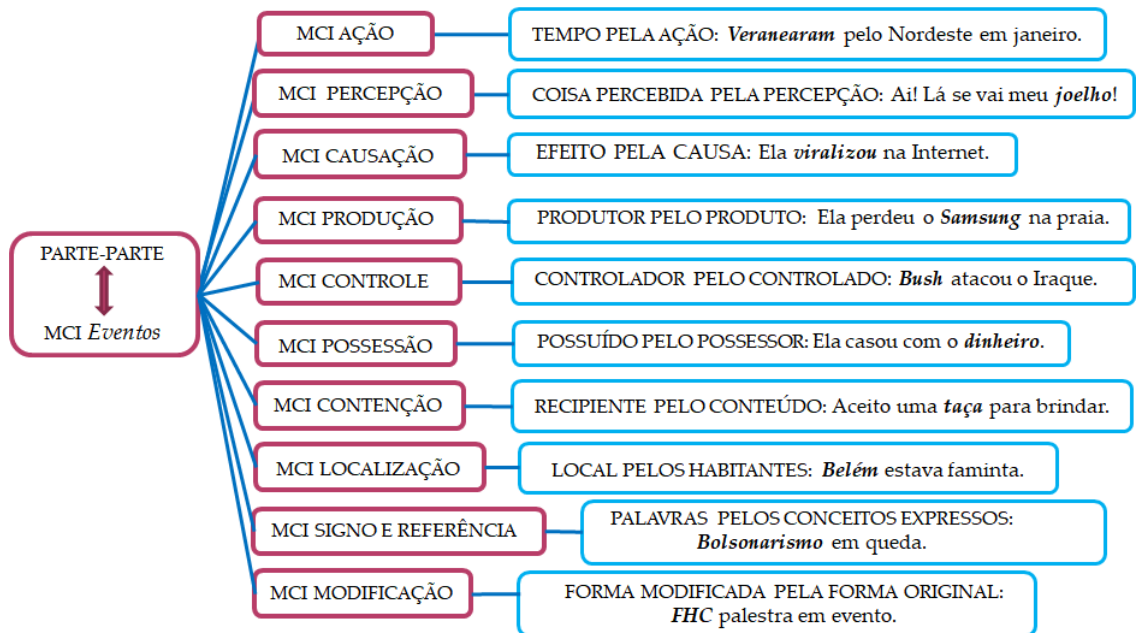
Nas metonímias PARTE-PARTE, algo é usado para se referir a um conceito ao qual isso é relacionado – por exemplo, ‘Maria casou com dinheiro’, em que o dinheiro é apenas algo que pertence ao esposo ao invés de ser parte dele. Nessa categoria, são identificados dez MCIs. Uma visão resumida da taxonomia de Radden e Kövecses (1999, p. 29-43) é apresentada por Littlemore (2015, p. 22), conforme as figuras 5 e 6, com exemplos citados pelos autores adaptados para o português. Nem todas as metonímias listadas por Radden e Kövecses (1999, p. 29-43) são listadas nessas figuras.

Figura 5 – Tipos de metonímias PARTE-TODO e TODO-PARTE



Fonte: LITTLEMORE, (2015, p. 22, a partir de RADDEN; KÖVECSES (1999, p. 29-43). Adaptado.

Figura 6 – Tipos de metonímias PARTE-PARTE



Fonte: LITTLEMORE, (2015, p. 22, a partir de RADDEN; KÖVECSES (1999, p. 29-43). Adaptado.

Além da taxonomia de tipos de metonímias, Radden e Kövecses (1999) oferecem uma lista de princípios determinantes de ativação de veículos metonímicos. Muitos desses correspondem às experiências diárias das pessoas com o mundo, o que demonstra uma premissa de que a linguagem é um reflexo e um produto de nossas interações cotidianas com o mundo real. Tais princípios, ilustrados na figura 7, segundo Littlemore (2015, p. 36, tradução nossa)⁷,

se enquadram em três grandes categorias: ‘experiência humana’ (nossas interações cotidianas com o mundo), ‘seletividade perceptual’ (coisas que somos mais propensos a notar por causa da forma como nosso cérebro funciona) e ‘preferências culturais’ (coisas que aprendemos a notar por causa da cultura na qual fomos criados). Além disso, nossa preferência por certos tipos de veículos também é influenciada por nossa necessidade de sermos claros e relevantes (esses são referidos como “princípios comunicativos”). Também pode haver fatores mais importantes,

⁷ No original: “The principles proposed by Radden and Kövecses fall into three broad categories. These are ‘human experience’ (our everyday interactions with the world), ‘perceptual selectivity’ (things that we are more likely to notice because of the way our brains work) and ‘cultural preferences’ (things that we have learned to notice because of the culture in which we have been brought up). In addition to this, our preference for certain vehicle types is also influenced by our need to be clear and relevant (these are referred to as ‘communicative principles’). There can also be overriding factors, such as the desire to produce certain rhetorical effects, or to speak euphemistically. In these situations, the speaker may want to be deliberately vague, which means that the principle of clarity will be overridden.”

como o desejo de produzir certos efeitos retóricos ou de falar eufemisticamente. Nessas situações, o falante pode querer ser deliberadamente vago, o que significa que o princípio da clareza será anulado.

Figura 7 – Princípios determinantes na seleção de veículos em metonímia



Fonte: LITLIMORRE, 2015, p.37. Adaptado.

Radden e Kövecses (1999) identificam e exemplificam alguns desses princípios. Referente às preferências culturais, um é denominado o BÁSICO SOBRE NÃO-BÁSICO, normalmente usado em aproximações vagas, como em: eu já ouvi uma dúzia de histórias como essa. Outro princípio é O ESTEREOTÍPICO SOBRE NÃO ESTEREOTIPADO, com a noção de que ideias estereotipadas são mais propensas a serem selecionadas como veículos metonímicos do que ideias não-estereotipadas, como no exemplo de *garotos são garotos*, que é carregado de pressupostos culturais. Nesse exemplo, há a metonímia PARTE PELO TODO, em que a parte de características imaturas de garotos são o veículo para o TODO, alvo, de garotos como gênero masculino.

Outro princípio é INÍCIO OU FINAL PELO MEIO, que se refere a eventos que ocorrem no início ou no final do processo são mais propensos a serem escolhidos para representar o processo inteiro do que eventos que ocorrem no meio. Por exemplo, a frase ‘nem conseguiu pegar em uma bicicleta de *janeiro a dezembro*’ (LITLIMORE, 2015, p. 35, tradução nossa)⁸.

⁸ No original: “Neither managed to get on a bike from January to December.”

Radden e Kövecses (1999) propõem que itens concretos são mais propensos a serem escolhidos como veículos metonímicos do que itens abstratos, porque são mais fáceis de perceber, como ao usar o termo *onze de setembro* para se referir ao ataque às Torres Gêmeas nos Estados Unidos; exemplo estruturado pela metonímia DATA PELO EVENTO. Segundo Littlemore (2015), nós temos a capacidade de acessar rapidamente a metonímias como OBJETO PELA AÇÃO – ao vermos uma cadeira, percebemos como algo em que podemos sentar –; EFEITO PELA CAUSA – ao vermos um copo, entendemos como algo em que podemos colocar um líquido e bebê-lo – e CONTÊINER/RECIPIENTE PELO CONTEÚDO – ao vermos uma cadeira de bebê bagunçada, imaginamos uma criança sentada fazendo bagunça – por causa da corporificação. Nas palavras de Littlemore (2015, p. 39, tradução nossa)⁹,

Radden e Kövecses apontam que os princípios determinantes de seleção do veículo podem ser substituídos quando um falante ou escritor deseja obter um efeito retórico específico, embora não entrem em detalhes sobre como esses efeitos predominantes realmente operam. (...) Por exemplo, a análise do discurso mostrou que certos termos são escolhidos para a seleção do veículo simplesmente porque foram usados em pontos anteriores do texto, às vezes de forma literal e às vezes metafórica. Considere, por exemplo, o seguinte extrato do jornal Sun, que aparece no Banco de Inglês:

Cada um tomou uma **mão** e deram uma volta de honra para oficialismo ... terminando com Reed pulando nos braços do Gerard Houllier surpreso. Isso TERIA sido um gesto de significado duradouro. As **mãos** contratadas no estúdio de TV poderiam ter tido um dia de campo – depois de verificar em câmera lenta para certificar de que foi Houllier e não David O’Leary quem o pegou. (grifo nosso)

Radden e Kövecses (1999) também apontam que fatores contextuais podem ser mais determinantes do que alguns dos princípios de veículos que eles identificaram. Dessa forma, nota-se que preferências culturais, princípios comunicativos, efeitos retóricos e sociocomunicativos – como usar coisas concretas pra falar de abstrato – podem ativar princípios cognitivos.

Retomando a ideia proposta na seção anterior, referente à interação entre metáfora e metonímia, é possível afirmar que, a partir da leitura do texto Metafonímia (Goossens, 2003), sabe-se que Goossens foi o primeiro autor a sistematizar a interação entre os processos metafórico e metonímico. Em seu trabalho, parte-se do pressuposto da existência de domínios

⁹ No original: “Radden and Kövecses point out that the principles determining vehicle selection can be overridden when a speaker or writer wants to achieve a particular rhetorical effect, although they do not go into detail about how these overriding effects actually operate. (...) For example, discourse analysis has shown that particular terms are chosen for vehicle selection simply because they have been used at previous points in the text, sometimes in a literal and sometimes in a metaphorical form. Consider, for example, the following extract from the Sun newspaper, which appears in the Bank of English: They took a hand each and took a lap of honour for officialdom ... ending with Reed leaping into the arms of a startled Gerard Houllier. Now that WOULD have been a gesture of lasting significance. The hired hands in the TV studio could have had a field day – after checking the slow-mo to make sure it was Houllier and not David O’Leary who caught him.”

complexos construídos pela combinação de outros domínios. Assim, as fronteiras entre os domínios conceituais são consideradas fluidas, motivo pelo qual pode haver a interpenetração entre metáfora e metonímia. O autor afirma que esse tipo de interação pode ser explicado pelo fato de que “subjacente à metáfora, há o entendimento de que os domínios fonte e alvo podem ser unidos de forma natural e simultânea numa única cena complexa, o que produz uma metonímia” (GOOSSENS, 2003, p. 366, tradução nossa)¹⁰. Para exemplificar tal interação, Natália Sperandio (2014, p.70) utiliza

a sentença estudada por Goossens (2003): “Ela tomou o ouvido do ministro e o persuadiu a aceitar seu plano” (She caught the Minister's ear and persuaded him to accept her plan). Nessa sentença temos a metáfora ATENÇÃO É UMA ENTIDADE FÍSICA EM MOVIMENTO e a versão específica da metonímia convencional PARTE DO CORPO POR FUNÇÃO, neste caso OUVIDO POR ATENÇÃO. Tomando a explicação de Goossens (2003), o autor propõe que OUVIDO POR ATENÇÃO coloca-se no mapeamento metafórico, sendo atenção o domínio-alvo, ou seja, apenas quando a atenção torna-se domínio-alvo, desenvolve-se o mapeamento metonímico com orelha representando um atributo específico (atenção) de sua função típica (audição).

Aspectos específicos dos fundamentos apresentados neste capítulo serão recrutados nas análises. Um dos fundamentos não resumidos, devido à sua restrição a um único dado, é a conceituação de símile de Dancygier e Sweetser (2014), citado apenas na análise. Isso posto, o capítulo seguinte é dedicado aos conceitos de resiliência desde sua origem até o momento atual, os quais serão examinados, também, por diferentes ângulos e diferentes áreas de estudo.

¹⁰ No original: “underlying the metaphor there is an awareness that the donor domain and the target domain can be joined together naturally in one complex scene, in which case they produce a metonymy”.

2 ESTUDOS SOBRE RESILIÊNCIA

Este capítulo tem o objetivo de traçar a trajetória do conceito de resiliência desde sua origem até a atualidade. Inicialmente, na primeira seção, será informada sua origem etimológica e através de definições obtidas de diferentes dicionários. Em seguida, na próxima seção, será abordado esse conceito na área da Física. Na terceira seção, será apresentado na área da Biologia e, na quarta seção, na área da Psicologia. Dessa maneira, é possível observar esse conceito percorrendo sua trajetória do concreto para o abstrato, como uma extensão metafórica, ao transpor da Física para a Psicologia. Incluso na última seção, abre-se uma subseção para tratar da Psicologia Positiva, cujo ponto de vista será adotado nas análises dos dados. Abre-se, também, outra subseção para apresentar o Projeto Internacional de Resiliência, criado por Edith Grotberg.

Alguns autores apontam que os estudos sobre a resiliência podem ser organizados em três correntes: a norte-americana ou anglo-saxônica, a européia e a latino-americana (OJEDA, 2004; FANTOVA, 2008). A corrente norte-americana seria mais pragmática, tomando como avaliação da resiliência dados observáveis e quantificáveis, com enfoque behaviorista ou ecológico transacional. A resiliência aqui surge como produto da interação entre o sujeito e o meio em que está inserido. A vertente européia teria uma perspectiva ética, mais relativista, com enfoque psicanalítico, tomando a visão do sujeito como relevante para a avaliação da resiliência. Já a corrente latinoamericana é mais comunitária, enfocando o social como resposta aos problemas do sujeito em meio às adversidades.

2.1 Etimologia e definições da palavra resiliência em dicionários

Ao pesquisar a palavra resiliência no dicionário *Houaiss*, na seção de etimologia, tem-se a informação de que, considerando a origem no inglês em 1824, *resilience* significa elasticidade e capacidade rápida de recuperação. De acordo com o Dicionário Macmillan (tradução nossa)¹¹, a palavra *resilience* em inglês, que significa ‘o ato de ressaltar’, foi usada

¹¹ No original: “*resilience*, meaning ‘the act of rebounding’, was first used in the 1620s and was derived from ‘resiliens’, the present participle of Latin ‘resilire’.” Disponível em:

pela primeira vez na década de 1620 e foi derivada de *resiliens*, o particípio presente do latim *resilire*.

Outra definição etimológica informa que a palavra vem do latim *resilio*, *resilire*. *Resilio*, de acordo com dois dicionários latim-português (FARIA, 1967; SARAIVA, 2000), seria derivada de *re* (partícula que indica retrocesso) e *salio* (saltar, pular), significando saltar para trás, voltar saltando.

O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1986), traz definições para a palavra resiliência em dois aspectos. A primeira, no âmbito da física, afirma que resiliência é uma propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica. A segunda, no âmbito figurativo, afirma que significa uma resistência ao choque. Segundo o dicionário *Houaiss*, tem-se que, de acordo com o âmbito da física, é uma propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica. Em termos figurativos, significa a capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças.

Considerando a derivação da palavra inglesa *resilience*, faz-se necessário apresentar definições oriundas de dicionários desse idioma. Assim, os conhecidos dicionários *Michaelis* (*Novo Michaelis Dicionário Ilustrado*, 1971; *The New Michaelis Illustrated Dictionary*, 1972) e *Oxford* (FOWLER, FOWLER, ALLEN, 2002) apresentam, de forma semelhante, a palavra *resilience*, para ser traduzida para o português. No dicionário *Oxford*, afirma-se que *resilience* significa, em um aspecto figurativo, uma capacidade de rapidamente recuperar-se de dificuldades; enquanto, no âmbito da física, significa a habilidade de uma substância ou objeto de voltar ao formato original; elasticidade. Já, no dicionário *Michaelis*, há traduções para *resilience*, no âmbito da física, como a elasticidade que possibilita a volta de certos corpos deformados à sua forma original e, em um aspecto figurativo, como a capacidade de rápida adaptação ou recuperação.

O dicionário de língua inglesa *Longman Dictionary of Contemporary English* (1995) oferece duas definições de resiliência, sendo a primeira uma habilidade de voltar para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças e dificuldades; em outras palavras, é uma resiliência de caráter. Na segunda explicação para o termo, encontrada no mesmo dicionário, resiliência é a habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade.

Através desses dados, é possível observar que a maioria dos dicionários apresenta, primeiramente, uma definição na área da física, para somente depois, apontar na área da Psicologia. Na próxima seção, será detalhada a origem do termo na Física.

2.2 Resiliência na Física

Nas ciências exatas, o termo se torna parte dos estudos sobre resistência dos materiais e já era usado desde, pelo menos, 1807, quando o inglês Thomas Young publicou a obra em que a noção de módulo de elasticidade foi introduzida pela primeira vez. Assim, a resiliência é definida como a capacidade de um material de absorver energia na região elástica (NASH, 1982), sendo a região elástica aquela capaz de voltar à forma original quando encerra a causa de sua deformação (PINTO, 2002).

Ao pesquisar a etimologia da palavra resistência no dicionário *Houaiss*, sabe-se que vem do latim *resistentia*, de *resistere*: ficar firme, aguentar. Formado por *re-*: para trás, contra, e *sistere*: ficar firme, manter a posição. Segundo o mesmo dicionário, dentre os vários significados apontados, alguns são (i) o que se opõe ao movimento de um corpo, forçando-o à imobilidade; (ii) a capacidade de suportar a fadiga, a fome, o esforço; (iii) a qualidade de quem demonstra firmeza, persistência; (iv) a propriedade que apresentam alguns materiais de resistir a agentes mecânicos, físicos ou químicos e (v) a força em sentido oposto à do movimento de um corpo.

Nos materiais, há o módulo de resiliência e este pode ser obtido em laboratório através de medições ou da utilização de uma fórmula matemática que relaciona tensão e deformação. Ao pesquisar a origem deste módulo em inglês, de acordo com o site eletrônico *Sciencing*, tem-se que “o módulo de resiliência para um dado componente, representa a área de porção elástica da curva estresse-deformação para este componente”(tradução nossa)¹². Considerando a palavra *estresse*, nota-se que, segundo o dicionário *Houaiss*, significa força ou sistema de forças externas (carga) que age sobre um corpo sólido, por unidade de área, e é capaz de provocar compressão, cisalhamento ou tração; tensão. Ao observar sua origem

¹² No original: “The modulus of resilience for a given compound represents the área under the elastic portion of the stress strain curve for that compound.”. Disponível em: <https://sciencing.com/calculate-modulus-resilience-8631063.html>.

no latim *strictus*, significa apertado, sem flexibilidade, e *stringere*, significa apertar, amarrar forte.

Na literatura brasileira, pode-se dizer que há um consenso a respeito do conceito da resiliência ter originado da física ou ter sido importado dessa disciplina. Na seção seguinte, a resiliência será abordada na área da Biologia.

2.3 Resiliência na Biologia

A noção de Resiliência Ambiental ficou conhecida em 1973, graças ao trabalho do ecologista canadense C. S. Holling, que publicou um artigo chamado *Resilience and stability of ecological systems*, a fim de criar modelos para entender as mudanças dentro da estrutura e a função dos ecossistemas. O autor conseguiu ilustrar a existência de múltiplos domínios, em sistemas naturais e como esses domínios se relacionam com os processos ecológicos, eventos aleatórios (por exemplo, perturbações, queimadas, tempestades) sobre uma larga heterogeneidade de escalas temporais e espaciais. Em outras palavras, é a aptidão de um determinado sistema que lhe permite recuperar o equilíbrio depois de ter sofrido uma perturbação. Esse conceito remete à capacidade de restauração de um sistema.

A *Resilience Alliance* – uma organização criada em 1999 que explora as dinâmicas de sistemas sociais-ecológicos –, afirma que a

resiliência é a capacidade de um sistema social-ecológico de absorver ou suportar perturbações e outros estressores de forma que esse sistema permanece no mesmo regime, essencialmente mantendo sua estrutura e funções. Isso descreve o grau em que o sistema é capaz de se auto-organizar, aprender e adaptar¹³.

Recentes avanços teóricos incluem sete princípios que foram identificados por construir resiliência e sustentar serviços do ecossistema em sistemas socioecológicos: manter diversidade, administrar conectividade, administrar variáveis e *feedbacks*, promover o pensamento complexo de sistemas adaptativos, encorajar aprendizagem, ampliar participação e promover sistemas de governança policêntrica (BIGGS *et al.* 2012).

¹³ No original: “Resilience is the capacity of a social-ecological system to absorb or withstand perturbations and other stressors such that the system remains within the same regime, essentially maintaining its structure and functions. It describes the degree to which the system is capable of self-organization, learning and adaptation”. Disponível em: <https://www.resalliance.org/resilience>

Um significado mais abrangente, com implicações econômicas e sociais, foi alcançado no começo deste século quando a ONU adotou o conceito em seus relatórios sobre clima. Além da adaptação a mudanças, a resiliência está relacionada ao grau de organização social capaz de aprender com desastres passados e se proteger contra riscos futuros, como define a *International Strategy for Disaster Reduction*.

Logo, resume-se que a resiliência natural é a capacidade que um ecossistema tem de absorver distúrbios, readaptar-se e persistir funcionando dentro de determinado domínio de estabilidade. O fortalecimento da resiliência também requer a ocorrência de distúrbios de pequenas dimensões, pois, de outro modo, o ecossistema não desenvolverá resiliência e estará mais vulnerável a impactos.

2.4 Resiliência na Psicologia

Mais tarde, no campo da psicologia, Bonanno define a resiliência como “um caminho estável de funcionamento saudável ao longo do tempo, bem como a capacidade de gerar emoções positivas” (BONANNO, 2004, p. 21) e como um processo dinâmico que envolve a adaptação positiva dentro de um contexto significativamente adverso (LUTHAR; CICCETTI; BECKER, 2000). Nessa área, sua definição não é clara, nem precisa quanto na Física, e nem poderia ser, considerando a complexidade e multiplicidade de fatores e variáveis que devem ser levados em conta no estudo dos fenômenos humanos.

Michael Rutter (1991, *apud* INFANTE, 1997), psiquiatra precursor do estudo de resiliência, a define como uma resposta global em que estão em jogo os mecanismos de proteção, entendendo por estes não a valência contrária aos fatores de risco, mas aquela dinâmica que permite ao indivíduo sair fortalecido da adversidade, em cada situação específica, respeitando as características pessoais. Já Flach (1991) atribui o uso do termo em 1966, para descrever as forças psicológicas e biológicas exigidas para atravessar com sucesso as mudanças na vida. Para ele, o indivíduo resiliente é aquele que tem habilidade para reconhecer a dor, perceber seu sentido e tolerá-la até resolver os conflitos de forma construtiva.

Para Luthar (2000, p. 543), resiliência é como “um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade”. Segundo Tavares (2001), a resiliência também é uma capacidade de as pessoas resistirem a situações adversas sem

perder o seu equilíbrio inicial. Ou seja, é a capacidade que temos de ser flexíveis em nossos pensamentos e comportamentos, nos momentos em que estamos enfrentando as dificuldades turbulentas do dia a dia.

Alguns cientistas, para explicá-la, seguem mais a teoria do estresse, ligando-a às habilidades de resolver traumas, recorrendo-se aos mecanismos de fuga que temos. Outra vertente dos cientistas costuma explicá-la utilizando das teorias da terapia cognitiva e psicologia positiva e, nesse caso, apresentam a resiliência como a capacidade de uma pessoa atribuir significados positivos e convenientes aos seus pensamentos e crenças.

2.4.1 Psicologia Positiva e Resiliência

Determinados autores do espectro psicológico afirmam que a psicologia positiva surgiu no período em que Martin E. P. Seligman atuou como presidente da *APA – American Psychological Association*, lançando aos profissionais da área o desafio de desenvolver uma psicologia baseada nas forças e virtudes do ser humano, incluindo a noção sobre o que há de melhor nos indivíduos (CHRISTOPHER *et al.*, 2008). Somente a partir do ano de 1998, a mudança do foco no sofrimento para o enfoque na saúde alcança a psicologia, com o surgimento da psicologia positiva. Até o final do século XX, a área da psicologia havia negligenciado pesquisas sobre as características positivas do ser humano, levando em consideração especialmente aquelas relacionadas ao sofrimento (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000, PALUDO; KOLLER, 2007).

O objetivo da psicologia positiva é concentrar-se nas virtudes e forças do ser humano para prevenir e lidar com os problemas de ordem psicológica (SELIGMAN, 2002). A partir deste momento, várias pesquisas têm sido realizadas com este objetivo – felicidade, otimismo, resiliência, bem-estar, entre outros. É definida como uma “tentativa de levar os psicólogos contemporâneos a adotarem uma visão mais aberta e apreciativa dos potenciais, das motivações e das capacidades humanas” (SHELDON; KING, 2001, p. 216). Trata-se, portanto, de uma psicologia que almeja antes de tudo romper com o viés “negativo”.

Em relação ao Brasil, o início da psicologia positiva aconteceu por meio de pesquisas relacionadas à resiliência, devido aos aspectos de vulnerabilidade, bem como situações de risco presentes no contexto nacional. De acordo com um estudo feito sobre o tema (MALTA,

et al.), os principais fatores de risco são falta de saneamento, tabagismo, dieta inadequada, atividade física insuficiente, abuso sexual e uso de drogas.

A primeira obra sobre psicologia positiva desenvolvida e publicada por autores brasileiros foi *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*, desenvolvida com base em uma coletânea de dez artigos científicos publicados por dezesseis colaboradores da área da psicologia, entre os anos de 2004 a 2006 (DELL'AGLIO *et al.*, 2006).

A contribuição da Psicologia Positiva para a resiliência está nas características da felicidade, na autodeterminação, na fé, na sabedoria, no autocontrole, na esperança, no otimismo, entre outras virtudes próprias e inerentes às pessoas, segundo Barbosa (2015). Yunes (2006, p.43) aponta a resiliência como um “construto inserido nas prioridades de investigação da Psicologia Positiva”. Tal ponto de vista positivo perante a psicologia e a resiliência é adotado neste trabalho.

2.4.2 Projeto Internacional de Resiliência

Esta subseção tem o objetivo de demonstrar como os trabalhos sobre resiliência psicológica têm crescido. Tal crescimento se dá não somente pelo aumento quantitativo, mas, também, por um aprofundamento no tema e por seu maior alcance mundial.

Considerando a definição adotada pelo Projeto Internacional de Resiliência, coordenado por Edith Grotberg e apoiado pela *Bernard van Leer Foundation*, “resiliência é uma capacidade universal que permite que uma pessoa, grupo ou comunidade previna, minimize ou supere os efeitos nocivos das adversidades” (GROTBERG, 1995, p. 7). Tal autora trabalhou para as Nações Unidas durante muito tempo e destacou um novo olhar para os comportamentos resilientes a partir dos projetos que ela desenvolveu através de uma perspectiva cognitiva. Através de seus estudos e pesquisas, a autora comprovou que se nós trabalhássemos a ruptura de uma crença e ajudássemos o indivíduo a adquirir um novo sistema de crenças, ele poderia entrar em uma nova condição com maior resiliência. Grotberg aborda cinco blocos de construção fundamentais ou pilares da resiliência:

- (i) **Confiança:** quando alguém se sente dentro de uma relação de confiança e carinho, está disposto a aceitar limites para os seus modelos de comportamentos. Está pronto para ser mais atencioso e otimista, podendo se desenvolver mais facilmente nas relações

interpessoais, nas resoluções de conflitos em diferentes áreas. E desenvolver a confiança de que pode pedir alguma ajuda;

- (ii) Autonomia: quando alguém se torna autônomo, a vontade e o desejo de aceitar limites sobre os seus comportamentos são reforçados. Desse modo, é desenvolvido o respeito por si mesmo e por outras pessoas, empatia, solidariedade e o fato de ser responsável por suas próprias ações e atitudes. Desenvolve-se, também, o gerenciamento de seus sentimentos e emoções;
- (iii) Iniciativa: quando geramos habilidades e comportamentos de iniciativa, as nossas relações de confiança no outro reforçam o reconhecimento de nossos comportamentos de autonomia que, somados à iniciativa, reforçamos a sensação de sentir bem-disposto, e demonstrar empatia e solidariedade, ser otimista, seguros de nós mesmos. Promover também as novas ideias ou formas de incentivar alguma coisa, expressar nossos pensamentos, resolução de problemas, equilíbrio dos sentimentos e comportamentos e quando necessário, pedindo ajuda de outras pessoas;
- (iv) Aplicação: é importante aprender a desenvolver não apenas os comportamentos resilientes para serem usados em dada circunstância, mas também entender como eles devem ser aplicados. É desenvolver a capacidade de gestão para resolver situações problemáticas. É relevante manter uma tarefa até a sua conclusão e resolver problemas;
- (v) Identidade: trata-se da necessidade de cada pessoa desenvolver sua identidade e saber responder a pergunta “quem sou eu?” para auxiliar na resolução de conflitos.

O projeto e seus pilares têm base na visão da Psicologia Positiva e permitem facilitar o processo de desenvolvimento de resiliência. Considerando que é um projeto internacional, é possível aferir que esse campo de estudo e seus respectivos pressupostos estão se propagando e alcançado mais partes do mundo. Na seção seguinte, será feita uma comparação entre as diferentes áreas de estudo que abordam o tema resiliência.

2.5 Comparação entre áreas de estudo

Esta seção é dedicada a apresentar uma justificativa em termos da forma em que o assunto vem sendo abordado nas diferentes áreas acadêmicas ao longo do tempo. Faz-se,

portanto, uma comparação da quantidade de trabalhos sobre resiliência publicados entre as diferentes áreas.

Ao pesquisar o termo resiliência no catálogo de teses do *site* eletrônico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e observar as grandes áreas de estudo que possuem publicações sobre este tema, nota-se uma grande disparidade entre os números. Assim, foi possível gerar os gráficos 1 ao 5. O primeiro trabalho sobre resiliência registrado nessa plataforma data em 1996 e serve como referência cronológica para os gráficos 1 e 2.

Gráfico 1 – Total de publicações sobre resiliência por grandes áreas entre 1996 – 2019

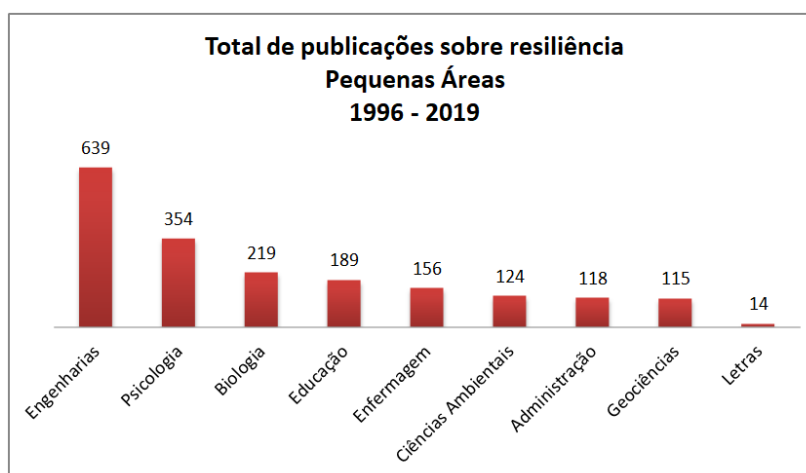


Fonte: Gráfico elaborado pela autora através do catálogo de teses da CAPES

Ao observar o gráfico 1, nota-se que há maior quantidade de publicações sobre resiliência na área de Ciências Humanas. Em contrapartida, na área de Linguística, Letras e Artes – na qual se situa a presente dissertação – há poucas publicações.

O gráfico 2 diferencia-se do primeiro ao ilustrar as pequenas áreas de estudo exclusivamente. Assim, é possível ter uma visão mais específica e aprofundada sobre as áreas. Analisando dentre as pequenas áreas, de forma mais específica, nota-se que, no gráfico 2, há enorme concentração de publicações na área de Engenharias e uma quantidade ínfima na área de Letras. Considerando que a origem do conceito de resiliência parte da Engenharia e da Física, é natural que possua a maior parcela de publicações

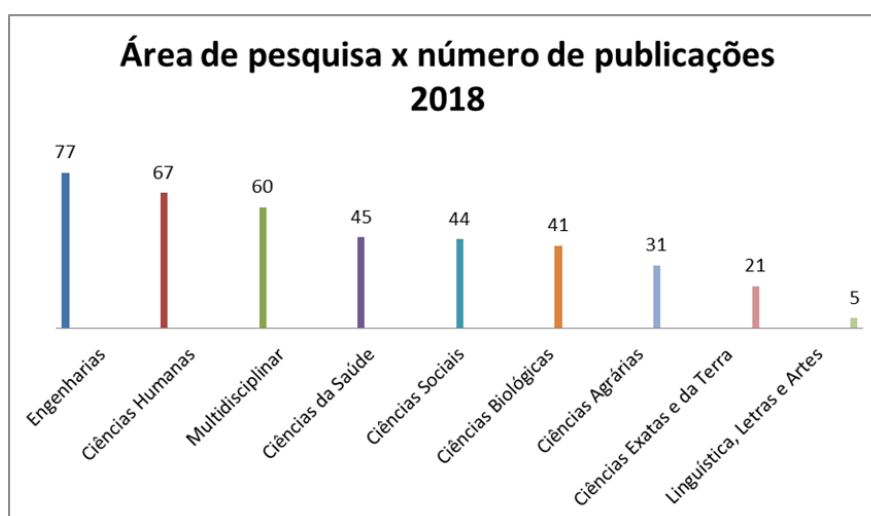
Gráfico 2 – Total de publicações sobre resiliência em pequenas áreas entre 1996 – 2019



Fonte: Gráfico elaborado pela autora através do catálogo de teses da CAPES

A fim de verificar como esse cenário se apresentava nos dois últimos anos, a busca foi feita nos anos de 2018 e 2019, que serve de base para os gráficos 3, 4 e 5. Considerando apenas o ano de 2018, o gráfico 3 apresenta a quantidade de publicações sobre resiliência em cada uma das grandes áreas. Nesse ano, a Engenharia continua possuindo a maior concentração de trabalhos nesse tema.

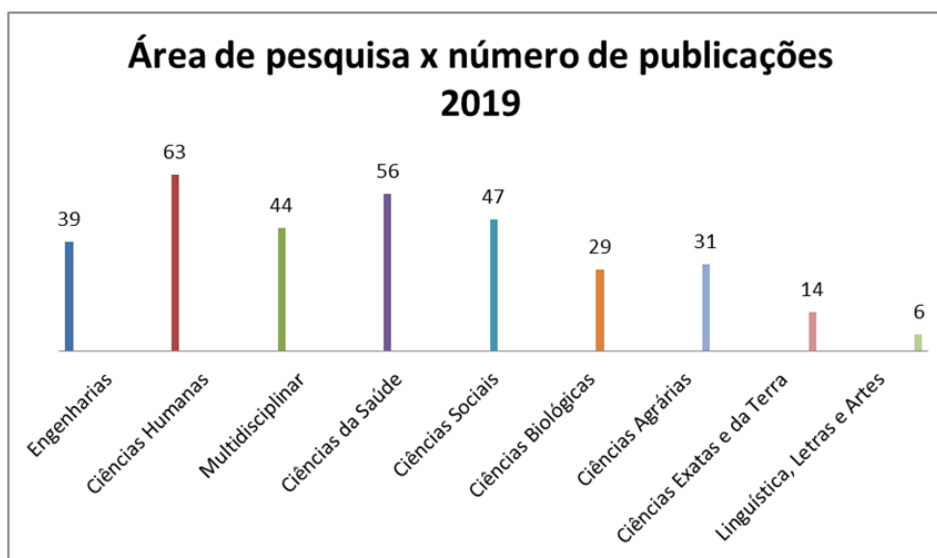
Gráfico 3 – Área de pesquisa x número de publicações em 2018



Fonte: Gráfico elaborado pela autora através do catálogo de teses da CAPES

Considerando apenas o ano de 2019, o gráfico 4 apresentará a quantidade de publicações sobre resiliência em cada uma das grandes áreas. Perceber-se-á uma grande diferença entre os dados em comparação com o ano anterior.

Gráfico 4 – Área de pesquisa x número de publicações em 2019

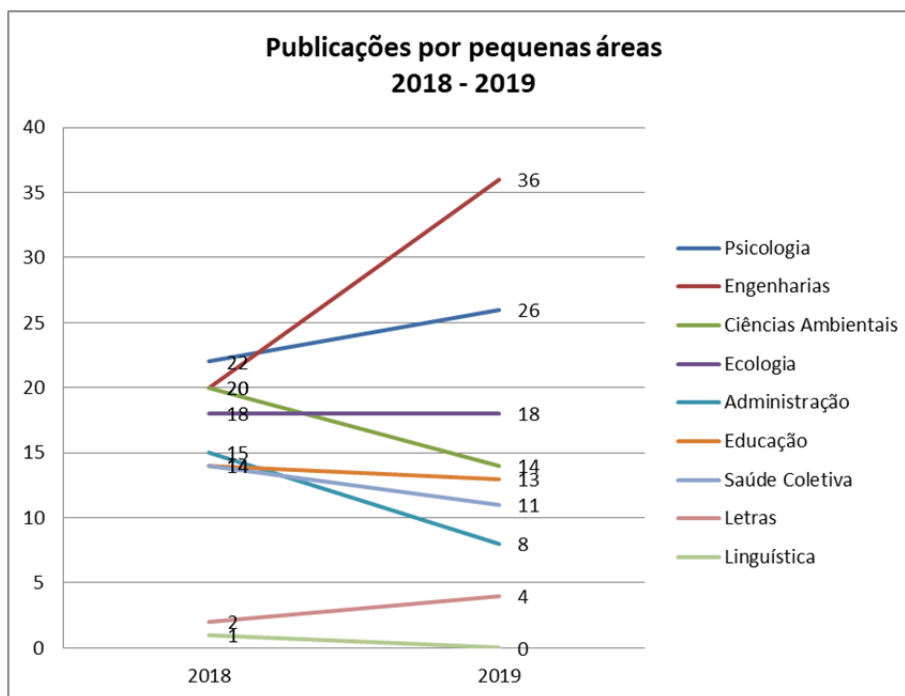


Fonte: Gráfico elaborado pela autora através do catálogo de teses da CAPES

Ao comparar os gráficos 3 e 4, nota-se que na área de Engenharias, sempre predominante no número de publicações, houve uma queda significativa em 2019 e, inversamente, há uma elevação na quantidade de publicações na área de Ciências Humanas. Isso demonstra que tem crescido um interesse em tratar mais da resiliência humana, conforme surgem adversidades e preocupação em cuidar da saúde mental.

Através do gráfico 5, é possível ter uma visão ampla da diferença entre o montante de publicações em cada uma das pequenas áreas destacadas entre 2018 e 2019. Exclusivamente em linguística – área de especificidade da presente dissertação –, nota-se que em 2018 houve apenas uma publicação, enquanto que em 2019, esse número se reduziu a zero.

Gráfico 5 – Publicações de resiliência por pequenas áreas entre 2018 – 2019



Fonte: Gráfico elaborado pela autora através do catálogo de teses da CAPES

Segundo os dados coletados no catálogo de teses e dissertações da CAPES, há apenas 15 trabalhos sobre este tema na área de Letras e somente 3 na área de Linguística desde 1996. Todos esses com abordagens diferenciadas ao que a presente dissertação apresenta.

É interessante notar que, independente de qual seja a área em que a palavra resiliência é utilizada, os significados se assemelham à condição humana. Assim como na área ambiental, muitas pessoas já sofreram perturbação emocional e buscam a recuperação do seu equilíbrio, da mesma forma como na área administrativa, muitos passam por situações de desgates que podem abalar o equilíbrio. Mas o que é relevante quando se fala sobre resiliência na física em comparação com a resiliência psicológica é que na física o objeto é elevado a grandes pressões e retorna ao seu estado original, enquanto na psicologia, a pessoa que passa por grandes pressões, nunca mais volta ao seu estado original, mas o transcende, amadurecendo emocionalmente e adquirindo um novo estado emocional mais fortalecido do que antes.

Uma diferença fundamental entre a resiliência estudada pela física e pela psicologia foi ressaltada por Junqueira e Deslandes (2003) no que se refere ao retorno do ente (objeto ou pessoa) ao seu estado anterior à pressão sofrida. Entretanto, a resiliência, para a psicologia,

em algumas de suas conceituações, envolve algo além do retorno ao que se era antes, pois envolve um crescimento a partir da superação da pressão.

Esse levantamento de dados sobre as áreas de estudo que possuem trabalhos publicados sobre resiliência demonstra que este conceito não é bastante estudado, principalmente na área de Letras. Ademais, todas as adversidades relacionadas à política, à economia, às saúdes física e psicológica no Brasil e no mundo suscitam a necessidade de abordar esse tema. A seguir, o capítulo 3 tratará da metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentam-se a metodologia e os procedimentos adotados na análise, no que tange à categorização do tipo de pesquisa, à seleção e à apresentação dos dados analisados. A última seção deste capítulo é dedicada à coleta e à organização desses dados.

3.1 Natureza e questões norteadoras da pesquisa

Quanto à sua natureza e aos procedimentos técnicos empregados em sua realização, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e de base indutiva. Sua bibliografia é pautada nos pressupostos teóricos da LC e de estudos conceituais de resiliência. Os dados utilizados para análise também foram extraídos de fonte bibliográfica, uma vez que foram consultados em sites eletrônicos. No que tange ao seu objetivo geral, o trabalho pode ser considerado descritivo, pois envolve a busca de relações entre os conceitos que servirão de base para o estudo.

Através da necessidade de encontrar respostas satisfatórias sobre a abrangência dos estudos cognitivos, foram designadas duas questões teóricas para direcionamento da investigação: quais os processos cognitivos subjacentes às conceptualizações de resiliência analisadas? Quais ferramentas conceituais são comuns aos conceitos de resiliência abarcados pelos dados analisados?

A primeira questão surgiu a partir de reflexões acerca da visão cognitiva sobre processos mentais e linguísticos, de pensamento metafórico/ metonímico decorrentes de conceitos sobre um tema cotidiano como a resiliência. Além disso, reflexões sobre padrões mentais através de diferentes visões, suscitaram a segunda questão norteadora desta pesquisa. Assim, busca-se traçar um percurso diferente nesta pesquisa. Uma vez apresentadas as características desta pesquisa e expressas as questões teóricas, passa-se às questões envolvidas na coleta e na organização dos dados.

3.2 Escolha da fonte de dados, coleta e organização dos dados

Os objetos de estudo são conceitos de resiliência elencados com o olhar da psicologia positiva, concentrando-se no que é considerado benéfico para o tratamento das adversidades. Após escolher o tema “resiliência”, o primeiro passo foi coletar definições sobre este. Ao escrever “conceito de resiliência” no *Google*, encontrou-se o *site* Sociedade Brasileira de Resiliência (SOBRARE) dentre os primeiros cinco itens que apareceram na primeira página.

Os conceitos que serão analisados nesta pesquisa são coletados desse *site* eletrônico e a escolha dessa fonte se deu em razão de que esta sociedade foi fundada em 2009 com a missão de desenvolver resiliência, criar em conjunto diversas práticas educativas e apoiar o desenvolvimento social, se tornando a principal desenvolvedora de estudos nesse âmbito. Foram encontradas definições de resiliência neste *site* e, também, foram encontrados os livros *Conceitos Básicos da Resiliência* (BARBOSA, 2019), *Apostila ERA* (BARBOSA, 2020) e *Guia rápido – o que é resiliência* (ASSIS, 2020), que forneceram bastante material para este trabalho.

Por meio desses materiais, foram selecionadas quatro (4) definições de resiliência de BARBOSA (2019; 2020) e do *site* eletrônico da SOBRARE, utilizando o critério de predominância referente à reincidência de conceitos constituídos de processos cognitivos e não literais. Para tal, foram observadas definições expressas por meio de gatilhos linguísticos que evidenciavam domínios não conceituais, mais concretos, para a definição de resiliência. Essa identificação de processos cognitivos foi influenciada pelos Procedimentos para Identificação de Metáfora (PIM), embora não restrito à busca de metáforas no caso deste estudo, porém observando relação entre domínios concreto e abstrato no conceito selecionado, por isso na etapa 4 não buscou-se apenas metáforas, mas processos e estruturas cognitivos. O PIM consiste em 4 passos, a saber (PRAGGLEJAZ GROUP, 2007, p. 3):

1. Leia o texto completo para estabelecer uma compreensão geral.
2. Determine as unidades lexicais no texto ou discurso estudado.
3. Para cada unidade lexical no texto,
 - a) determine seu significado em contexto, ou seja, como se aplica a uma entidade, relação ou atributo na situação contextual.
 - b) determine se há um significado contemporâneo mais básico em outros contextos. Para o PIM, significados básicos tendem a ser mais concretos, relacionados a ação corporal, mais precisos (em oposição a vagos), historicamente mais antigos.

Significados básicos não são necessariamente os mais frequentemente usados na língua.

- c) decida se o significado contextual contrasta com o básico mas pode ser entendido em comparação a esse.

4. Em caso afirmativo, marque a unidade lexical como metafórica.

O outro conjunto de dados selecionados foi os oito (8) Modelos de Crenças Determinantes – que serão abordados no capítulo seguinte. Para essa etapa de análise, utiliza-se predominantemente o primeiro e/ou segundo períodos iniciais das definições de Barbosa (2019), de modo a ter as primeiras caracterizações de cada MCD. Os trechos literais das definições desses MCDs foram relacionados a imagens exibidas na primeira página de busca no *Google* Imagens, tendo palavras-chave de cada MCD como critério de pesquisa: por exemplo, para obter imagens referentes ao MCD *autocontrole*, utilizou-se o termo *autocontrole*.

O conceito de resiliência na Abordagem Resiliente está estruturado a partir da Teoria Cognitiva Comportamental, que trata da forma como cada pessoa vê, sente e pensa com relação à uma situação que causa desconforto; da Teoria dos Sistemas, uma teoria interdisciplinar sobre a natureza de sistemas complexos na natureza, sociedade e ciência; da Teoria da Psicologia Positiva e do olhar psicossomático, que se refere à atitude de olhar a relação humana (BARBOSA, 2010).

Os demais objetos de estudo constituem uma coletânea de cinco (5) principais símbolos de resiliência. Foram determinados ao notar que, ao pesquisar sobre resiliência no *Google* Imagens, aparecerem símbolos como a flor de lótus, a fênix e a metamorfose da borboleta. Assim, foram pesquisados, no *Google* e no *Google* Imagens, os símbolos de resiliência em diferentes culturas, metáforas da resiliência e conceptualização de resiliência. Os símbolos mais recorrentes encontrados foram a flor de lótus, a fênix, a metamorfose da borboleta, o bambu e o elástico, os quais foram elecandos como objetos de estudo. Logo, a pesquisa seguinte no *Google* foi sobre a relação de cada um desses símbolos com a palavra *resiliência*. Foi necessário mapear as histórias de cada um desses símbolos para analisá-los.

Ao pesquisar o termo resiliência no catálogo de teses e dissertações do *site* eletrônico da CAPES, foi possível observar uma escassa quantidade de trabalhos sobre este tema na área de Letras – total de quinze (15) – e, mais especificamente, na área de Linguística – apenas três (3), cujos títulos são (i) Literatura: transição ecológica para aquisição de resiliência; (ii) O léxico da apicultura e da meliponicultura no Brasil: limites e flexibilidade para sua fixação em

um dicionário terminológico e (iii) Línguas, identidades culturais, migrações e narrativas: um estudo sobre falantes de árabe em foz do iguaçu. Assim, percebe-se que tais trabalhos abordam o tema de formas diferentes do que a presente dissertação.

Ao pesquisar no *Google*, também foi possível encontrar diferentes conceitos de resiliência de acordo com áreas como a Física – de onde se originou o termo –, a Biologia e a Psicologia. Foi necessário traçar um percurso histórico da modificação de seu conceito desde sua origem até os dias atuais e em algumas das áreas em que predominantemente atua. A partir disso, foram feitas novas pesquisas no *site* da CAPES sobre resiliência nessas e em outras áreas de estudo. Dessa forma, foi possível fazer uma comparação entre todos os conceitos coletados.

O capítulo a seguir trata da SOBRARE e de suas questões teóricas, como a Abordagem Resiliente e os Modelos de Crenças Determinantes. Tais modelos constituem os objetos de estudo escolhidos para análise do presente trabalho.

4 SOBRARE

Neste capítulo, será abordada a visão de resiliência pela SOBRARE (Sociedade Brasileira de Resiliência). Será apresentada, na primeira seção, a abordagem resiliente que constitui esta visão e, na segunda seção, serão descritos os Modelos de Crenças Determinantes. No capítulo seis, tais modelos serão analisados à luz da Linguística Cognitiva.

O conceito de resiliência, nesses últimos anos, foi apresentado como a capacidade que uma pessoa tem de superar um forte desafio ou crise, transformando esses momentos de adversidades em lições de amadurecimento. Para ter comportamento resiliente nos momentos de desafios e estresse, é preciso desenvolver equilíbrio e olhar a situação de crise de forma madura e equilibrada. A SOBRARE divide os períodos de mudança no conceito de resiliência em três gerações.

A primeira geração é sobre “os que suportam”, em que se entendia a resiliência como as pessoas que suportavam a qualquer preço os desafios da vida. Por volta dos anos 1950, um novo conceito tornou-se comum na época, no qual tais pessoas eram as invencíveis, aquelas que não sucumbiam ao desgaste emocional no enfrentamento da situação adversa. Usou-se muito essa conotação de suportar a pressão.

A segunda é sobre “os que se recuperam”, em que as pessoas se recuperam de uma adversidade. Dentro dessa visão dos estudos, destaca-se a contribuição do Dr. Martin Seligman, um autor reconhecido na Psicologia Positiva, que treinou e trabalhou com os soldados que retornavam da guerra no Iraque e que precisavam de apoio para se adaptar, reorganizar e se recolocar na sociedade. Em seus estudos, Seligman procurou concentrar-se na vivência de emoções positivas como uma forma de enfrentamento do estresse ou de uma adversidade. Seligman também trouxe para o campo da pesquisa os aspectos das virtudes humanas, como, por exemplo, gratidão, perseverança, empatia e outras virtudes, que poderiam influenciar no desenvolvimento da flexibilidade e felicidade.

A última geração é sobre “os que transformam”. Trata de pessoas com a capacidade de transformar a realidade e foi possível observar uma presença forte dos profissionais de recursos humanos e treinamentos corporativos, cujas organizações começam efetivamente a se apropriar do tema da resiliência.

4.1 Abordagem Resiliente

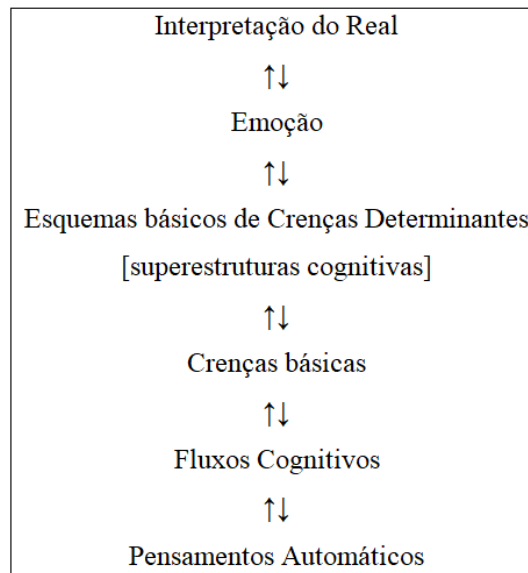
No desenvolvimento da Abordagem Resiliente – metodologia criada por George Barbosa –, também encontramos uma evolução do tema e, para o autor, é necessário suportar e se recuperar de uma adversidade ou forte desafio, sabendo que cada pessoa tem características e crenças diferentes sobre uma mesma situação adversa.

O trabalho principal está no indivíduo como protagonista da situação adversa, colocando o foco em suas habilidades, talentos e recursos internos, não mais no problema em si. Aqui se entende que alguém já não é resiliente, mas, sim, está resiliente. A resiliência se desenvolve por meio de um processo de aprendizagem e sua essência está no autoconhecimento. Uma pessoa pode ser resiliente em uma determinada situação de adversidade na vida, porém isso não indica que a mesma pessoa será resiliente em outra situação com dificuldades. Estar resiliente é aprender como parar e observar a forma que se pensa e se comporta ao enfrentar uma situação de crise ou difícil angústia.

O conceito de resiliência na Abordagem Resiliente está estruturado a partir da Teoria Cognitiva Comportamental, da Teoria dos Sistemas e do olhar psicossomático. Essa abordagem considera que a resiliência tem sua origem em sistemas específicos de crenças e diante das adversidades da vida, tais esquemas de crenças se apresentam como modelos de crenças. Portanto, nesta abordagem, o conceito de resiliência se revela como a capacidade de aprender a administrar e superar adversidades e situações de elevado estresse, a partir da ressignificação das crenças básicas. Por meio disso, quando esses modelos de crenças tornam-se flexíveis, capacitam as pessoas a enxergar, compreender e encontrar em seus próprios recursos internos, condições para tomar decisões adequadas para lidar, superar, sobreviver e vencer as situações de adversidade nas diferentes áreas da vida, com uma visão positiva, que favorece retomar seu equilíbrio, tornando-se mais fortalecidas e maduras.

Nessa abordagem teórica, a resiliência é definida como a capacidade de balancear as crenças na presença de riscos, por meio da gestão do racional e do emocional, visando potencializar a identificação e interpretação dos processos intrínsecos em determinada adversidade, por meio da visão orientada para aspectos positivos de si e da vida. Esse processo pode ser representado através da figura 8.

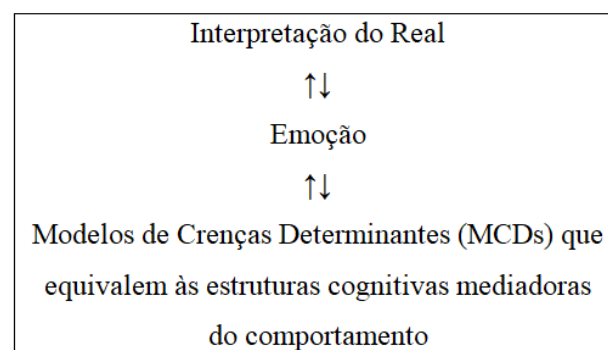
Figura 8 – Etapas do processo de interpretação



Fonte: BARBOSA, 2012, p.1. Adaptado.

Observa-se, na figura 5, tanto de forma ascendente, como no modo descendente, que as setas indicam haver uma afetação recíproca nas várias etapas, propiciando que o emocional afete o processamento da informação, que, por sua vez, também impacta e constitui o comportamento, que, da mesma forma, também afeta as interpretações de significados e as atribuições realizadas pela pessoa. Quando se efetua um treino ou uma capacitação em alguma das etapas, ocorrem alterações em todo o sistema e, assim, se avança para a mudança desejada. No caso da resiliência, o seu produto final: a superação por meio da flexibilidade em crenças coerentes entre si e o contexto. A partir desses pressupostos, foi elaborada uma organização, como se nota na figura 9.

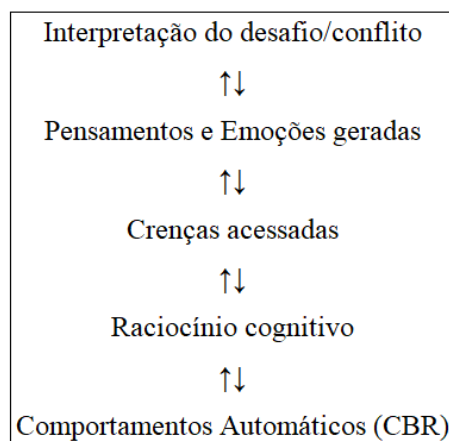
Figura 9 – Etapas para os Modelos de Crenças Determinantes



Fonte: BARBOSA, 2012, p.2. Adaptado.

É preciso colocar em evidência de que forma os pensamentos, emoções e crenças estão relacionados com o modo de agir e se comportar, principalmente quando existe uma situação de estresse e angústia elevada. Isso pode ser observado na figura 10.

Figura 10 – Relação entre conflito e comportamento



Fonte: BARBOSA, 2019, p.29. Adaptado.

Tal abordagem lida com os domínios das crenças do respondente, subdividindo-as em oito categorias denominadas de Modelos de Crenças Determinantes (MCDs), que expressam o quanto uma pessoa acredita e defende seus modelos de crença. Segundo Barbosa (2020, p.35), “a resiliência é composta por agrupamentos de crenças que são utilizadas para determinar o nosso comportamento, principalmente relacionados com os enfrentamentos da vida, superação e autorrealização.” Esse ponto de vista permite categorizar aspectos intrínsecos ao ser humano, em prol de seu próprio desenvolvimento.

4.2 Modelos de Crenças Determinantes (MCDs)

Em geral, a forma como falamos ou como expressamos os comportamentos que temos nos momentos de forte estresse são gerados de acordo com outras situações parecidas que já passamos na vida anteriormente, embasadas nas vivências de cada um. Segundo Arthur Freeman (BARBOSA, 2019), não importa por qual situação uma pessoa esteja passando, é o que ela pensa e acredita acerca desta situação que determina o que ela vai sentir a respeito e o

que fará nesse momento. Cada pensamento automático que emerge determina como um indivíduo se sente e esses sentimentos, por sua vez, vão modular as crenças. Ao consolidar a nossa forma de pensar, construímos um agrupamento de crenças, que serão expressas por um padrão de comportamentos, argumenta George Barbosa (2019).

Essa abordagem é regida por quatro princípios: o primeiro estabelece que a personalidade de uma pessoa está enraizada em seu cérebro, controlada pela sua fisiologia cerebral. O segundo princípio é que a personalidade do indivíduo continua se desenvolvendo ao longo da vida e vai se constituindo por todos os eventos que acontecem no decorrer do seu crescimento. O terceiro esclarece que a personalidade se desenvolve e evolui, portanto, não é fixa e nem estática e o quarto princípio se desdobra a respeito da singularidade de cada pessoa e, simultaneamente, o reconhecimento da individualidade.

Ao pesquisar no dicionário *Houaiss*, crenças são opiniões adotadas com fé e convicção; processo mental de quem acredita em pessoas ou coisas; com convicção profunda sobre algo; ação de acreditar. Desde a infância, coletam-se informações e experiências que vão traçando e bordando o nosso sistema mental de crenças. Sofremos adequações desde pequenos por parte de nossos pais, recebemos deles influências de experiências que foram vividas em seu passado, o que afeta diretamente em nossa construção de crenças.

Barbosa (2019) afirma que as crenças podem ser formadas por dois caminhos: repetição de experiências em que recebemos a mesma carga e significado emocional e acontecimento que demanda forte peso emocional, o qual afeta diretamente o modo como interpretamos a realidade. As nossas crenças são baseadas no modo como interpretamos a nossa realidade. Em outras palavras, o significado que damos a determinados pensamentos ou experiências e o modo como interpretamos tais fatos que nos ocorrem.

Por crescermos sobre forte influência de nossas famílias, culturas e contextos diferentes, cada pessoa desenvolve o seu sistema de crença. Por esse motivo, é bem provável que diante da mesma situação cada pessoa deve agir e se comportar de forma diferente.

Na metodologia Abordagem Resiliente adotada pela SOBRARE, essas crenças básicas são denominadas de Modelos de Crenças Determinantes (MCDs) que envolve oito áreas da vida e equivalem a estruturas cognitivas localizadas na memória inconsciente que estruturam o processamento do real. São esquemas mentais (grupos de crenças acerca de uma área da vida) que convencionalmente organizam a atitude, o comportamento, o emocional e o intelecto de todos nós (FREEMAN, 1998). Esses MCDs são estruturados desde a primeira infância e são crenças que se aglutinam quando vamos conhecendo/ aprendendo/ experimentando os fatos da vida com aqueles que nos cercam. Esses MCDs quando

organizados com uma base adequada, já desde cedo, capacitam a criança a aquilatar de forma simples e flexível suas convicções face às adversidades. Na figura 11, apresentam-se os oito MCDs.

Figura 11 – Oito Modelos de Crenças Determinantes



Fonte: SOBRARE: fundamentos e ferramentas da abordagem resiliente. Disponível em: <http://sobrare.com.br/fundamentos-e-ferramentas-da-abordagem-resiliente/>

Na figura 8, nota-se que os oito modelos são interligados e concomitantes. Doravante, nesta seção, serão sintetizadas as definições de cada Modelo de Crença Determinante de acordo com Marco Barbosa em seu livro *Conceitos Básicos da Resiliência*, publicado em 2019.

O primeiro MCD é o de autocontrole e, de acordo com Barbosa (2019, p. 33),

essa é a área da resiliência que se refere à capacidade de administrar as emoções de modo apropriado em diferentes contextos de vida. Resiliência neste agrupamento de crenças é sinônimo de controle das suas emoções, de modo que melhore as negociações, para promover um ambiente agradável emocionalmente e facilitar os enfrentamentos da vida.

São crenças que trabalham com a intensidade de demonstrar o quanto uma pessoa acredita no controle sobre seu estado emocional e o modo como consegue se organizar diante de fortes conflitos. Suas características principais podem ser resumidas em controlar o comportamento de modo flexível; controlar o temperamento e controlar o impulso de agir.

Leitura corporal é o segundo MCD que, de acordo com Barbosa (2019, p. 34), trata de

quando buscamos o autoconhecimento para desenvolver resiliência, é muito importante ter cuidados necessários para entender as diferentes reações que acontecem em nosso corpo durante as situações do dia a dia. Seja quando nos encontramos em momentos de alegrias e descontrações, mas principalmente nos momentos de conflitos, angústia e estresse.

Para promover resiliência nessa área, é necessário desenvolver a percepção sobre suas reações corporais costumeiras e ter um entendimento sobre a consciência corporal, sua influência sobre as reações de comportamento, sobre o sistema nervoso e sobre questões de saúde física e mental. Seus principais aspectos são a solução para o desgaste do corpo, a identificação de reações corporais no outro e ter ciência das suas alterações corporais.

Já o terceiro MCD é sobre otimismo. Segundo Barbosa (2019, p.36), “são as crenças e convicções que estão relacionadas com os pensamentos de mudanças positivas. Crenças essas que determinam a capacidade de olhar com esperança e enxergar novas oportunidades”. Trata-se de pensamentos que refletem o investimento contínuo no entusiasmo e na capacidade de controlar o destino dos eventos. Essa é uma área que modula a intensidade dada às crenças relacionadas com o otimismo para com a vida, a esperança de encontrar soluções com bom-humor na busca de resoluções dos desafios e problemas complexos que geram angústia e desgastes. Suas principais características são a convicção de contornar problemas, o olhar de modo positivo e o cultivo de esperança.

O quarto MCD é o de análise do ambiente e contexto que, segundo Barbosa (2019, p. 34),

compreende-se como a área da resiliência que atua em crenças que determinam a capacidade de leitura do ambiente. Desenvolver a habilidade de capturar com clareza as pistas que demonstram os riscos que estão presentes em uma situação de adversidade e de planejar soluções.

São crenças que organizam o grau de ousadia que lhe parece ser saudável nas decisões a serem tomadas, tendo em consideração a leitura feita sobre o estresse elevado. Interpretar o ambiente, analisar as razões e motivos e planejar soluções são as principais características desse modelo de crença.

Empatia é o quinto MCD, o qual, segundo Barbosa (2019, p. 35), “é uma área da resiliência que atua na capacidade de uma pessoa emitir uma mensagem de tal forma que a outra pessoa, ao recebê-la, interprete e perceba como coerentes para ela e para sua realidade. Esta sintonia favorece a reciprocidade.”

Se refere à capacidade de compreender as outras pessoas, em seu estado emocional e psicológico, e agir de acordo com esse entendimento. Atua na clareza sobre a capacidade de

emitir um comportamento ou ideia de tal forma que a outra pessoa, ao receber, interprete de forma coerente para ela e para sua realidade. Nessa área, é importante desenvolver a capacidade de aproximação das pessoas. Suas principais características são expressar-se de modo claro, facilidade de conversar e identificação do sentimento de outra pessoa.

O sexto MCD é de autoconfiança. Segundo Barbosa (2019, p.33),

no contexto da resiliência, essa é uma área que atua nas crenças que determinam a condição de sentir-se confiante para realizar aquilo a que se propõe. Trata-se da confiança que uma pessoa tem nas suas habilidades para solucionar problemas e conflitos, de se sentir apto por meio de seus recursos pessoais ou de recorrer aos recursos que estão presentes no ambiente.

Desenvolver a autoconfiança significa fortalecer a segurança em cada um dos outros sete MCDs. Uma pessoa segura em ser empática, em conquistar e manter pessoas, em analisar o contexto, em ser otimista, em perceber e reorganizar suas reações físicas e emocionais é uma pessoa que tem autoconfiança dentro da resiliência. Seus principais aspectos são a capacidade de dividir responsabilidades, confiança para superação e sentimento de segurança.

O penúltimo MCD é sobre conquistar e manter pessoas. Segundo Barbosa (2019, p. 36),

esta é a área da resiliência, que atua nas crenças que determinam a capacidade de atração e envolvimento de outras pessoas, para uma mesma causa ou propósito. Também é uma área que possibilita agregar e cultivar relacionamentos positivos, tornando-os consolidados para uma base de apoio e segurança.

Ao adotar essa atitude de transparência nas relações, obtém-se o ganho de ter maior segurança e confiança necessária para as pessoas caminharem juntas nos momentos de enfrentar as situações de impactos negativos. Tem-se como características principais a preservação de amizades, a competência de manter relacionamentos e a preocupação com o outro.

Já o último MCD é sobre sentido de vida. De acordo com Barbosa (2019, p. 37), “são crenças que determinam a capacidade de encontrar um significado nos projetos e atividades em que estamos envolvidos.”. É uma área da resiliência que atua em modelos de crenças que determinam a capacidade de encontrar um significado naquilo em que se envolve, a fim de apropriar-se da causa e consolidar sua autorrealização profissional ou pessoal. São as crenças relacionadas ao sentido de vida em meio a situações de tensão e elevado estresse. Suas

principais características são a razão de viver, a avaliação de riscos e o significado e o propósito para a vida.

Essas são as principais crenças que se destacam nessas oito áreas, e que, nos momentos de forte estresse ou adversidade, serão expressadas por meio de nossos comportamentos para alcançar resultados esperados, muitas vezes ligados à superação do momento de adversidade.

Para finalizar este capítulo, destacam-se as palavras de Barbosa (2020, p.33) sobre como “é interessante imaginar a resiliência como uma grande cesta de frutas, que guarda dentro dela cada um desses grupos de crenças”. Esse conceito de resiliência será analisado no capítulo 6.

5 SÍMBOLOS DE RESILIÊNCIA

Neste capítulo, serão abordados cinco (5) diferentes símbolos que representam resiliência através do mundo e em diferentes culturas. Os símbolos são, respectivamente, flor de lótus, borboleta, fênix, elástico e bambu, os quais serão abordados respectivamente nas seções 5.1 a 5.5. Esses símbolos são ilustrados no início das seções como epígrafes visuais.

Segundo Clark (1996, p. 158)¹⁴, um símbolo “é um signo cujas características representativas consistem, precisamente, em ser uma regra que determinará seu interpretante. Todas as palavras, frases, livros e outros signos são símbolos”. Símbolo é algo que incorpora várias formas de construir o mundo intersubjetivamente, acumulados na cultura ao longo do tempo. É algo que reflete uma forma particular de ver um fenômeno e é compartilhado socialmente.

Em seguida, passa-se ao primeiro símbolo – flor de lótus.

5.1 Flor de lótus

Figura 12 – Flor de lótus



Fonte: Revista Prosa Verso e Arte¹⁵.

Ao pesquisar o simbolismo da flor de lótus em diferentes culturas, nota-se que há muitas semelhanças, porém cada uma possui sua particularidade. De acordo com o *site* eletrônico *Symbolism of Things*, no Oriente, esta flor é amplamente associada ao lado espiritual, remetendo à pureza do espírito e por esta razão é considerada como uma flor sagrada para todos os orientais.

¹⁴ No original: “is a sign "whose representative character consists precisely in its being a rule that will determine its interpretant. All words, sentences, books, and other conventional signs are symbols".

¹⁵ Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/seja-como-a-flor-de-lotus-renasca-a-cada-dia-diante-da-adversidade/>

Para a religião budista, tal flor também representa pureza, não apenas do espírito, mas também do corpo e da mente. O charco que acomoda as raízes dessa planta é um símbolo que pode ser interpretado como o apego que desenvolvemos a pensamentos e ações de baixa vibração energética: futilidades, crenças que nos limitam, comodidade ou conformismo, desejos que não nos fazem crescer, enfim, tudo aquilo que alimenta apenas nosso lado negativo.

Em todas as religiões nativas do continente asiático, suas divindades estão associadas à flor de lótus, talvez por isso seja muito comum que os deuses em forma de estátuas sejam apresentados sentados em cima de uma flor em rituais de meditação. Na prática da Yoga, existe uma posição, a *Padmāsana*, também chamada de Lótus, a mais tradicional para a meditação e é a representação da flor de lótus. Na literatura clássica do continente asiático, encontramos a flor associada às mulheres, em especial fazendo referência a todas as características femininas que, para a sociedade, são consideradas ideais e, dessa forma, é símbolo da pureza e da perfeição, e também da beleza, da graça e da elegância.

De acordo com o *site* eletrônico *CONTI outra* (2015), a mitologia grega considera a existência de um povo que viveu no norte da África chamado de *Lotófagos*, considerando que sua alimentação era a planta e a própria flor de Lotus. Para o Egito Antigo, essa flor sagrada é retratada no interior das pirâmides e nos antigos palácios do Egito. Segundo uma lenda, a flor está relacionada à criação do mundo e ao umbigo do Deus Vishnu, onde teria nascido uma brilhante flor de lótus e, desta, teria surgido outra divindade, o Brahma, o criador do cosmo e dos homens. Outra lenda egípcia diz que o deus do sol Horus, nasceu também de uma flor de lótus.

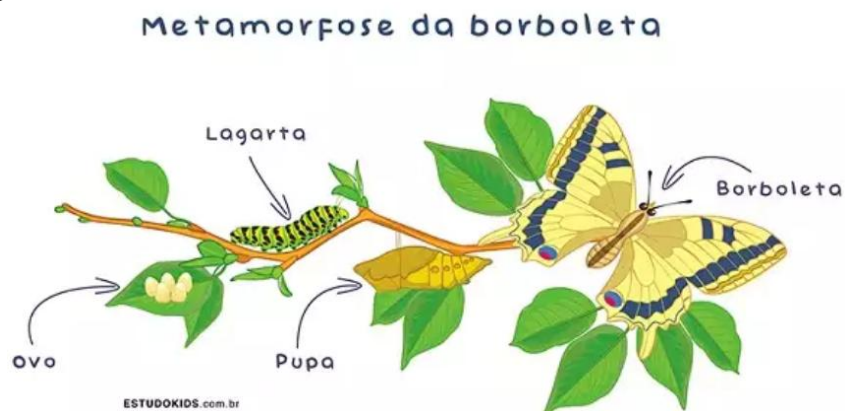
Em contrapartida, para a Ciência, a flor de lótus consegue repelir microorganismos, e além disso, as partículas de pó também não permanecem sobre ela. Essa planta tem a semente mais longa e mais resistente: pode aguentar até 30 séculos antes de florescer sem perder sua fertilidade. Ela emerge da lama pela qual é nutrida, ou nos pântanos e, quando floresce, sobe na lama. À noite, as pétalas da flor se fecham e a flor submerge sob a água. Ela se fecha para afundar na água, mas ao amanhecer ela sobe novamente sobre a água suja, intacta e sem impurezas pelo arranjo de suas pétalas em forma de espiral.

A flor de lótus é um excelente exemplo, retirado da natureza, de resistência e, também, de resiliência humana. O simbolismo está na capacidade de enfrentar a adversidade – lama, escuridão e sujeira – e superá-la, transcendendo sem traumas – florescendo limpa e pura, sem contaminação. Transforma-se, assim, a adversidade em potencialidade de desenvolvimento pessoal.

Em seguida, trata-se do segundo símbolo de resiliência – borboleta.

5.2 Borboleta

Figura 13 – Metamorfose da borboleta.



Fonte: Estudo Kids¹⁶.

A borboleta é tomada como símbolo de resiliência principalmente devido à sua transformação de lagarta em borboleta: uma das metáforas mais utilizadas para falar de resiliência, conforme é afirmado no *site* eletrônico *A mente é maravilhosa* (2017). Seu ciclo de vida consiste em, na fase de lagarta, alimentar-se e preparar-se para a fase seguinte em que se transforma em uma crisálida. Após a metamorfose, as borboletas adultas eclodem dos casulos. Logo, voam; acasalam-se; põem ovos, como um ciclo que se renova.

De acordo com o *site* eletrônico *Origem da palavra* (2011), a palavra metamorfose vem do Latim *metamorphosis*: transformação, alteração, formada por *meta-*: além, e *morpho*: forma. Refere-se às mudanças que ocorrem na estrutura, na forma do corpo e até mesmo na forma de vida de alguns organismos durante seu desenvolvimento. O termo também é utilizado no sentido figurado, indicando mudanças na aparência, comportamento ou maneira de pensar de um indivíduo.

Comparando essa metamorfose às mudanças comportamentais do ser humano, é estabelecida uma relação entre o casulo e o recolhimento interno humano em busca do autoconhecimento e após superar as adversidades, a lagarta se transforma em borboleta e voa livremente e o ser humano, paralelamente, desenvolve sua evolução interior. Fazendo essa

¹⁶ Disponível em: <https://www.estudokids.com.br/metamorfose-das-borboletas/>

comparação, Rubem Alves afirma que “não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses” (FARSOUN, 2018).

O terceiro símbolo de resiliência – fênix – é apresentado em seguida.

5.3 Fênix

Figura 14 – Fênix.



Fonte: Segredos do Mundo¹⁷.

Terceiro símbolo de resiliência, a fênix, de acordo com o *site* eletrônico *Psicanálise Clínica* (2020), é uma ave mitológica que simboliza o renascimento, porém sem perder a essência ao se tratar sempre da mesma criatura. De origem egípcia, milhares de anos antes de Cristo, representando a imortalidade e os ciclos da natureza, o mito afirma que, quando sentia que ia morrer, a fênix montava um ninho com incenso e outras ervas aromáticas para ser incinerada pelos raios do Sol. A partir de suas cinzas, nasceria uma nova ave.

Assim que se sentia forte, a nova fênix embalava as cinzas de onde surgiu em um ovo e o transportava para o templo do deus Rá, na cidade de Heliópolis. Para os egípcios, a fênix também representava a alma de Rá, o deus Sol, conforme afirma o historiador Norberto Luiz Guarinello, da USP, (para a revista *Super Interessante*, em 2011).

Segundo a mitologia, essa ave poderia viver mais de mil anos e durante esse período só existiria uma única fênix, por isso ela também simbolizava grandes ciclos da natureza – como os astronômicos. O mito também está presente em várias culturas como a grega, romana, árabe e chinesa. Algumas versões dessa história afirmam que a fênix se queimava, voltava a ressurgir e as cinzas que sobravam deste processo tinham a propriedade de ressuscitar os mortos. Segundo outras versões, a ave colocava um ovo e o chocava por três

¹⁷ Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/fenix/>

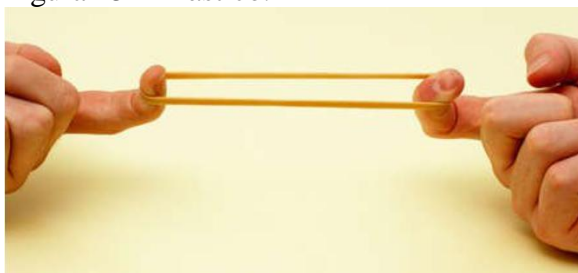
dias ao fim dos quais se produzia o incêndio. Outras afirmam que do fogo aparecia diretamente outra ave fênix. Ao construir seu ninho, ela busca as matérias mais ricas de sua terra que a ajudarão na sua transformação.

Essa criatura de fogo capaz de ressurgir das cinzas da sua própria destruição também simboliza o poder da resiliência, essa capacidade de nos transformarmos em seres mais fortes, corajosos e iluminados. Dessa maneira, simboliza a vida e seus ciclos, a esperança, o fato de que é preciso dar a volta por cima nas situações adversas.

Passa-se, em seguida, ao quarto símbolo de resiliência selecionado – elástico.

5.4 Elástico

Figura 15 – Elástico.



Fonte: Mundo Amarelo¹⁸.

O elástico é tomado como símbolo de resiliência em razão de sua matéria-prima, a borracha, não ser alterada: uma analogia para a nossa essência. A essência humana é caráter, a base humana. São os princípios e valores com base nos quais são tomadas várias decisões importantes na vida. Se a cada esticada de elástico pela qual se passa, se a cada decepção ou grande esforço empreendido por determinada situação que não deu certo, houver mudança na borracha, acabar-se-á mudando a personalidade.

De acordo com o *site* eletrônico *Sabedoria e outros conchavos* (2015), o elástico pode ser comparado à capacidade e disposição para acumular uma grande quantidade e qualidade de conhecimentos que se convergirão entre os tipos mais cognitivamente inteligentes e divergentes entre os mais criativos, isto é, os primeiros têm mais disposição cerebral para acumular conhecimentos já existentes enquanto que os mais criativos serão muito mais propensos a acumular seus próprios *insights* criativos, seu próprio conhecimento ou criações.

¹⁸ Disponível em: <https://mundoamarelo.wordpress.com/2011/09/28/assim-e-o-amor/>

Assim como o elástico se flexibiliza e não perde sua essência ao se esticar, assim deve ser, também, o processo de resiliência do ser humano ao passar por adversidades.

Em seguida, passa-se ao último símbolo de resiliência selecionado – bambu chinês.

5.5 Bambu

Figura 16 – Bambu chinês.



Fonte: Motivação e Foco¹⁹.

O bambu chinês, que “se curva, mas não quebra” e tem a capacidade de adaptação às (novas) condições surgidas, é considerado um símbolo de resiliência. Assim como o bambu se flexibiliza e se adapta aos ventos fortes, assim também deve ser o ser humano ao passar por adversidades.

No site eletrônico *Jornal do empreendedor*, a autora da matéria *10 lições incríveis do bambu* afirma que “o bambu tem qualidades valiosas e sensacionais. Ele nos lembra da nossa própria capacidade de enfrentar as dificuldades cabendo a nós colocar essas lições (ou lembretes) de resiliência no nosso dia-a-dia por meio da persistência e prática.” (CHA, 2017). Cha divulga o trabalho de Garr Reynolds, um consultor americano, especializado em apresentações, que vive no Japão há muitos anos e publicou seu livro *Apresentação Zen*, que se tornou um *best-seller* mundial. Nesse livro, Reynolds compara os desafios e a capacidade de resiliência de um bambu. Em sua apresentação *Be like the bamboo – the art & Science of resilience*, o autor conta sobre o plantio dessa planta, afirmando que depois de plantada a semente, o broto somente aparece após cinco anos. Durante esse tempo, o crescimento é subterrâneo, invisível ao olhar humano.

¹⁹ Disponível em: <https://motivacaoefoco.com.br/o-bambu-chines/>

Reynolds faz um paralelo desta história com as situações cotidianas humanas. Afirmar que uma das coisas mais impressionantes sobre o bambu é como ele se balança com a brisa e até com o vento mais forte, a planta ainda permanece firme. O autor declara, também, que essa atitude, “curvar-mas-sem-quebrar” ou “ir no fluxo natural”, é um dos segredos para o sucesso e que isto é um símbolo de humildade e flexibilidade.

6 CONCEITOS DE RESILIÊNCIA: PALAVRAS, IMAGENS E SÍMBOLOS

Neste capítulo, serão analisados os objetos de estudo selecionados para este trabalho: na seção (6.1), a análise será concentrada em quatro conceitos de resiliência; na (6.2), em oito Modelos de Crenças Determinantes; na (6.3), em símbolos de resiliência. Uma última seção (6.4) reúne os achados em termos de mecanismos cognitivos revelados pela análise como um todo. Pretende-se, assim, apresentar os processos cognitivos recrutados para as conceptualizações propostas.

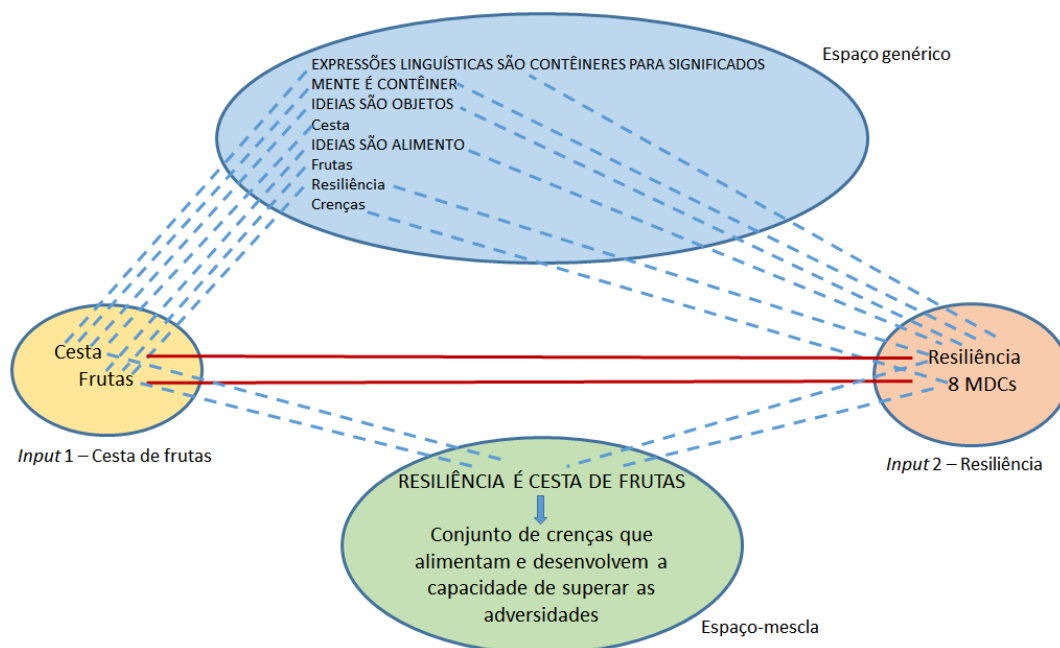
6.1 Conceitos de resiliência

Esta seção está dividida em subseções que correspondem aos conceitos analisados. Ao final da análise dos conceitos selecionados como objeto de estudo, os mecanismos cognitivos comuns às conceptualizações propostas serão resumidos em uma última subseção (6.1.5). Para tal, partiu-se da redação literal adotada nas definições presentes no material da SOBRARE selecionado para estudo.

6.1.1 Resiliência e cesta de frutas

Segundo a primeira definição de resiliência selecionada, “é interessante imaginar a resiliência como uma grande cesta de frutas, que guarda dentro dela cada um desses grupos de crenças” (BARBOSA, 2020, p. 33). Na figura 17, é exposta a configuração de rede para essa definição. Embora essa definição seja um símile, é possível relacioná-la a metáforas conceptuais convencionais, que, por sua vez, fundamentam a metáfora em nível de espaço mental RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS, uma especificação de outras metáforas mais esquemáticas, como será exposto em seguida.

Figura 17 – Conceptualização de resiliência-cesta de frutas



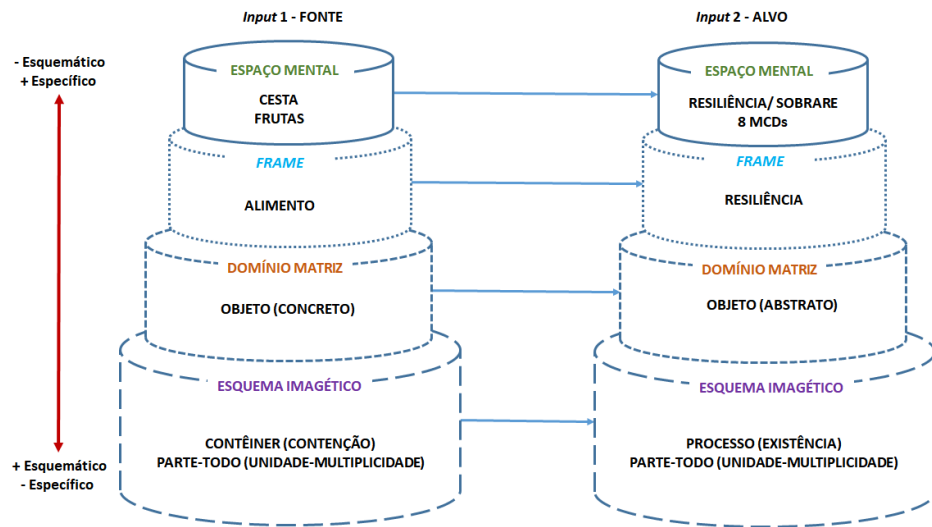
Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2020

Na figura 17, o espaço mental de *input 1* (I1), domínio fonte do símile, é aberto por meio de processo metonímico em que PARTE do *frame* ALIMENTO, “frutas”, é ativado em conjunto com elemento “cesta”, devido ao costume de guardar frutas em recipientes desse tipo. Todavia, “cesta” também se relaciona a um domínio matriz mais esquemático: OBJETO (CONCRETO). Assim, frutas, um tipo de ALIMENTO, são guardadas em cestos, OBJETOS, que se relacionam ao esquema imagético CONTÊINER. Logo, em termos de relações vitais, no I1, ocorre uma compressão PARTE-TODO, visto que PARTE do *frame* ALIMENTO e do domínio matriz OBJETO, já que frutas são um tipo de alimento e cesta, um tipo de recipiente, são metonimicamente ativados.

Essa mesma relação metonímica comprime os elementos abertos no *input 2* (I2) – domínio alvo –, reunindo elementos “resiliência” e “8 MCDs” (Oito Modelos de Crenças Determinantes), “cada um desses grupos de crenças”, conforme expresso na definição de Barbosa (2020, p. 33). O termo *resiliência*, item léxico ativado nesse espaço mental, evoca *frame* RESILIÊNCIA, que também pode ser relacionado ao domínio-matriz OBJETO (ABSTRATO). Como a definição visa à compreensão do conceito de resiliência, com base na experiência de processos físicos, como mastigação, caminhada, lavagem, e processos abstratos, como pensar, evoluir, o esquema imagético PROCESSO também fundamenta I2.

Na figura 18, são ilustradas as estruturas conceituais recrutadas na conceptualização pelos *inputs* 1 e 2 (Is1-2), em termos hierárquicos, como base em Kövecses (2020), porém numa ilustração cônica proposta por Bernardo (2021, informação pessoal).

Figura 18 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-cesta de frutas



Fonte: BERNARDO; SILVA (2021, informação pessoal)

Na figura 18,

a estrutura cônica visa evidenciar a relação de esquematicidade e contiguidade das estruturas conceituais, na medida em que as partes que compõem o cone se comprimem e se expandem, dos espaços mentais processados dinamicamente, *on-line*, na memória de trabalho, aos esquemas imagéticos, estruturas pré-conceituais analógicas, que, em conjunto com *frames* e domínios matrizes, encontram-se armazenados com diferentes níveis na memória de longo prazo, nos bastidores da conceptualização, disponíveis para ativação via integração conceptual. A seta representa não apenas a contiguidade e a esquematicidade, mas a possibilidade de uma mesma estrutura conceptual, por exemplo, esquema imagético CONTÊINER, basear metáforas e metonímias em diferentes níveis, devido ao permeamento dinâmico entre níveis. Os diferentes padrões de linhas, cheia, pontilhada e tracejadas estreito e largo, representam os níveis de ativação e subjacência da conceptualização (BERNARDO, 2021, informação pessoal).

Logo, no nível mais específico dos espaços mentais, são ativados os elementos recrutados pela definição textual. Esses elementos “cesta”, “frutas”, “resiliência”, item léxico usado na definição, e “8 MCDs” são fundamentados pelos *frames* ALIMENTO e RESILIÊNCIA, recrutados seletivamente para conceptualização da definição. Tais *frames*, por sua vez, estão ligados ao domínio matriz, mais esquemático, dos OBJETOS, concretos e teóricos, fundamentados pelos esquemas imagéticos de CONTÊINER (CONTENÇÃO) e PROCESSO

(EXISTÊNCIA), respectivamente, nível ainda mais esquemático, armazenados a partir das experiências perceptuais, ao lidar com objetos, e processuais, ao raciocinar sobre algo. A base metonímica dos *inputs* relaciona-se ao esquema de UNIDADE/MULTIPLICIDADE, devido a experiência com entidades compostas de partes ou processos realizados em etapas.

A seleção dos veículos metonímicos ativados no domínio fonte evidencia a atuação dos princípios cognitivos CONCRETO SOBRE ABSTRATO e BÁSICO SOBRE NÃO BÁSICO, em razão das experiências humanas culturais com alimentos e com modo de guardá-los terem sido tomados como termos de comparação do *símile* para imprimir um efeito retórico à definição, tornando a compreensão do conceito mais didática. A ANALOGIA, relação conceptual convencionalmente usada para compreender conceitos por meio de elementos concretos, está representada na conexão entre os Is1-2 por meio de uma linha sólida que conecta “cesta” e “resiliência”, assim como “frutas” e “8 MCDs”. Logo, a conexão entre os elementos desses *inputs* também evidencia a relação vital de REPRESENTAÇÃO, já que o conceito de resiliência é representado como uma cesta de frutas, em que estas correspondem aos MCDs.

O espaço genérico reúne os elementos comuns aos Is1-2, assim como formas convencionais de pensar sobre os elementos dos *inputs*, de modo a propiciar a relação entre esses espaços. Logo, há metáforas conceptuais definidas por Lakoff (1991), como IDEIAS SÃO OBJETOS e IDEIAS SÃO ALIMENTOS, em que as ideias projetam-se nos conceitos de resiliência e nos oito MCDs contidos nela, enquanto objetos e alimentos referem-se às frutas. Essas metáforas são estruturadas a partir dos esquemas imagéticos de CONTÊNER e PARTE-TODO, pois o conceito de resiliência envolve os 8 MCDs e cada um é uma PARTE do TODO da resiliência.

Há, também, as metáforas MENTE É CONTÊNER e EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO CONTÊNERES PARA SIGNIFICADOS, em que MENTE e EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS conectam-se aos MCDs e CONTÊNER, à cesta. Essas metáforas são estruturadas a partir dos esquemas imagéticos de CONTÊNER, porque *mente* e *palavras* podem conter metaforicamente significados.

O espaço-mescla herda as relações conceptuais recrutadas pela projeção entre os elementos dos *inputs*, de modo que o conceito de resiliência passa a ser definido como uma cesta de frutas: RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS, representando o *conjunto de crenças que alimentam e desenvolvem a capacidade de superar as adversidades*, intensificando a INTENCIONALIDADE do *símile* empregado na definição. Não se trata apenas de retirar a palavra *como* na verbalização da metáfora postulada, mas, por meio da mescla, evidenciar o efeito retórico do *símile*, que torna o discurso mais didático, e destacar, por meio da integração

conceptual, os processos cognitivos subjacentes à figuratividade explorada por Barbosa (2020, p. 33).

Essa visão da relação entre *símile* e *metáfora* está em consonância com Dancygier e Sweetser (2014, p. 148), segundo as quais,

um *símile* sugere uma *mescla* semelhante a uma *mescla* de *metáforas* (escopo único), mas o mapeamento é mais focado e normalmente não se espera que produza inferências ricas (usamos o termo *mescla* de escopo limitado para descrever isso). Em contextos de discurso estendido, no entanto, *símiles*, como *metáforas* e *analogias*, podem desempenhar papéis mais elaborados na *conceptualização* de conceitos de novas maneiras – mas (como com a *metáfora* e a *analogia*) isso depende do discurso, ao invés da natureza do próprio mapeamento [...] o discurso frequentemente estende o escopo dos mapeamentos e produz inferências que não poderiam ter sido solicitadas quando a expressão figurativa é entendida apenas como servindo a necessidades muito locais do discurso²⁰.

Assim, considerando o contexto discursivo com sua intenção didática e persuasiva, pois se espera que promova novas atitudes mentais por meio do desenvolvimento da resiliência, o emprego do *símile* visa ao alcance de reflexões e inferências por parte do *conceptualizador*. O emprego dessa comparação concreto-abstrato, ligada ao cotidiano, além de evidenciar as complexidades da construção de sentidos, permite, portanto, uma definição que se destaca por focar a aparente simplicidade do conceito trabalhado.

Nesse sentido, por meio da rede, a INTENCIONALIDADE global a ser alcançada com o conceito de resiliência em termos de cesta de frutas é destacada pelo *símile* e seu efeito persuasivo. A estabilidade emocional diante das adversidades é um objetivo a ser alcançado com o desenvolvimento da resiliência conforme a *conceptualização* proposta pela *mescla*.

Considerando a hierarquia de esquematicidade de Kövecses (2017, 2020), a *metáfora* RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS, subjacente ao *símile*, ocorre no nível dos espaços mentais, no espaço-*mescla*, por meio da composição dos elementos dos *inputs* interconectados reforçados por completamento na *mescla*, porque EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO CONTÊINERES PARA SIGNIFICADOS. Essa *metáfora* convencional não será incluída no espaço genérico das próximas *conceptualizações*, porque fundamenta as *metáforas* propostas para os conceitos de resiliência no nível dos espaços mentais, na medida em que o termo *resiliência* funciona como gatilho linguístico para o conceito específico ativado pelas definições da SOBRARE. Nessa relação

²⁰No original: “a simile prompts a blend which is similar to a metaphor blend (singlescope), but the cross-mapping is more focused and is usually not expected to yield rich inferences (we have used the term limited-scope blend to describe this). In extended discourse contexts, however, similes, like metaphors and analogies, can play more elaborate roles in construing concepts in new ways – but (as with metaphor and analogy) that depends on the discourse, rather than on the nature of the mapping itself [...] discourse often extends the scope of mappings and yields inferences which could not have been prompted when the figurative expression is only understood as serving very local discourse needs”.

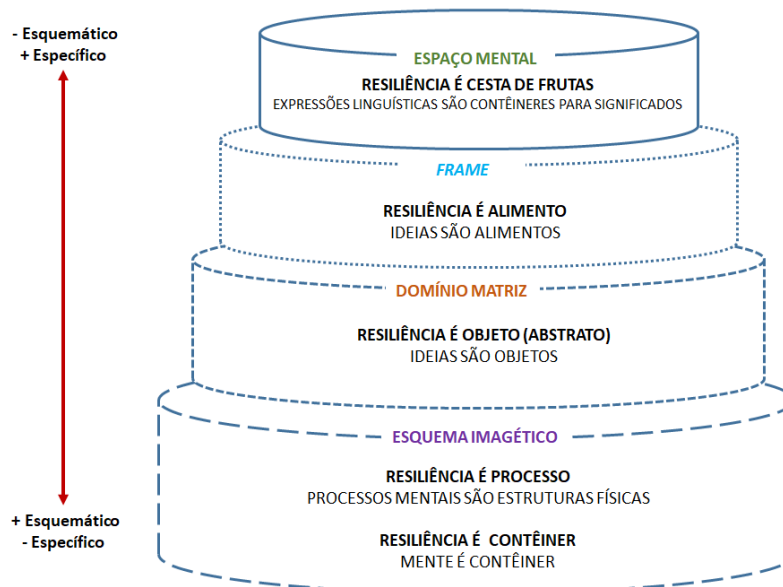
metafórica, reside a base metonímica *SIGNO PELO CONCEITO EXPRESSO*, ligado ao *MCI SIGNO E REFERÊNCIA* (cf. seção 1.4).

Todas as conceptualizações propostas neste estudo, não apenas para o conceito desta seção (6.1.1), alinham-se à visão de que relações metafóricas são fundamentadas por processos metonímicos, visto que a seleção de parte de um *frame* ou domínio envolve metonímia *PARTE PELO TODO*. Embora não seja um objetivo deste trabalho verbalizar metonímias específicas para todas as metáforas propostas, essa metonímia geral estará sempre subjacente ao conteúdo conceptualizado. Essa seleção de elementos ativados nos *inputs* das integrações conceptuais envolve a compressão da relação vital *PARTE-TODO*. Tal forma otimizada de ativar conhecimentos, por sua vez, está fundamentada pelo esquema imagético *PARTE-TODO*, surgido das experiências humanas com objetos e processos constituídos de partes (*UNIDADE/MULTIPLICIDADE*).

A metáfora *RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS* é fundamentada por *IDEIAS SÃO ALIMENTOS* no nível do *frame* e *IDEIAS SÃO OBJETOS* no nível do domínio matriz; logo, *RESILIÊNCIA É ALIMENTO* e *RESILIÊNCIA É OBJETO*, respectivamente. No nível do esquema imagético, encontram-se as metáforas *RESILIÊNCIA É CONTÊINER*, com base em *MENTE É CONTÊINER*, e *RESILIÊNCIA É PROCESSO*, com base em *PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS*, ligada ao esquema imagético de *EXISTÊNCIA*. A combinação dos esquemas imagéticos deve-se ao fato de poderem formar conjuntos ou redes de esquemas relacionados (EVANS; GREEN, 2006, 187)²¹. Na figura 19, expõe-se as metáforas propostas para o primeiro conceito analisado, distribuídas em níveis conforme a estrutura conceptual a que estão ligadas.

²¹ No original: “Image schemas can occur in clusters or networks of related image schemas”.

Figura 19 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência- cesta de frutas



Fonte: BERNARDO; SILVA (2021, informação pessoal)

Como pode ser observado na figura 19, metáforas postuladas para resiliência, grifadas em negrito, estão fundamentadas por metáforas convencionais, sem grifo. A seta representa a permeabilidade entre os níveis, de modo que CONTÊNER fundamente o material conceptual da metáfora convencional ligada à metáfora dos espaços mentais.

A partir dessa análise, é possível inferir que as crenças individuais são alimentos que desenvolvem a resiliência. Assim como as pessoas precisam se alimentar todos os dias, as crenças também devem ser alimentadas diariamente.

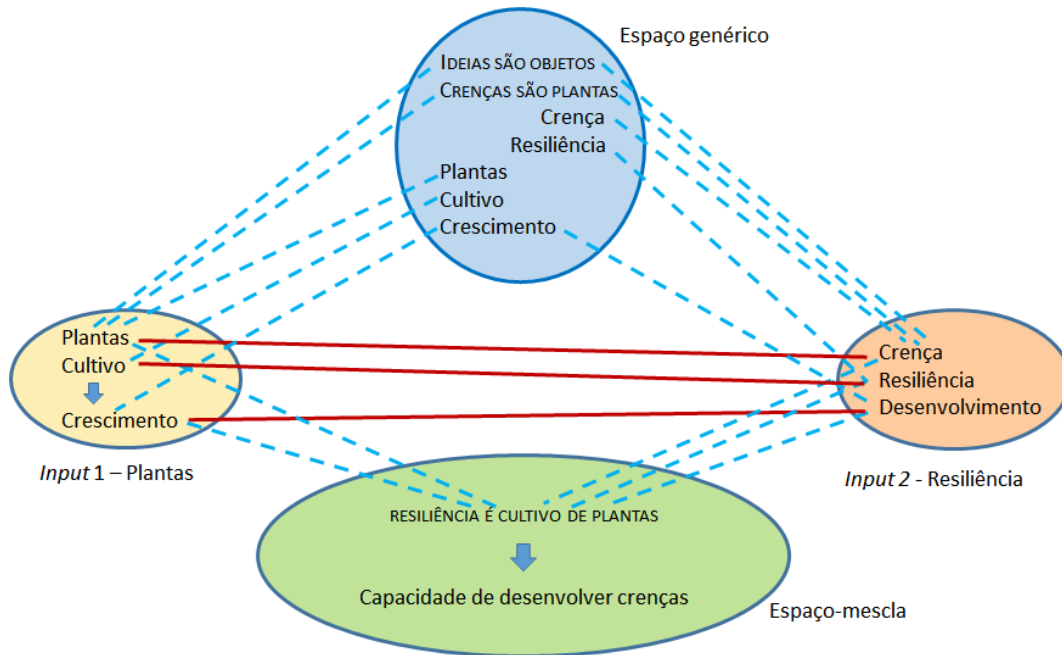
Em seguida, passa-se à análise da próxima definição.

6.1.2 Resiliência e cultivo de crenças

“[Q]uando pensamos em resiliência temos defendido que essa habilidade engloba a *capacidade de cultivar crença*” (SOBRARE²²). Na figura 20, é exposta a configuração de rede para essa segunda definição.

²² Disponível em: http://sobrare.com.br/quest_resiliencia-tabela-de-categorias/

Figura 20 – Conceptualização de resiliência-cultivo de crenças



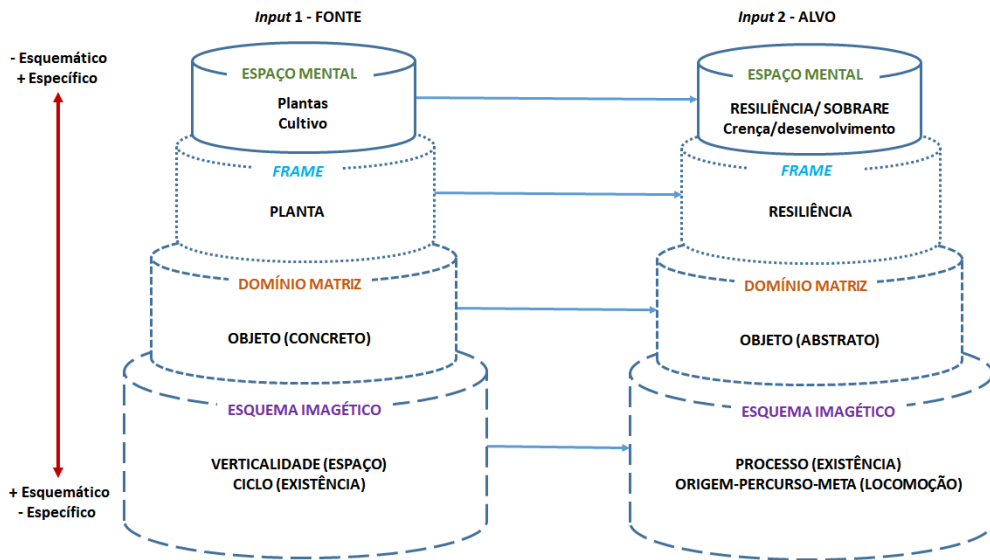
Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2021

A partir do trecho metafórico “cultivar crenças”, cria-se uma mescla cujo espaço mental de I1, domínio fonte, é aberto com base no *frame* PLANTAS, a partir do gatilho linguístico *cultivar*. Assim, reúne elementos que compõem a compreensão dessa palavra, como as próprias “plantas”, relacionadas ao domínio matriz OBJETO (CONCRETO); “cultivo”, parte do conhecimento sobre plantas, e “crescimento”, que surge de uma relação vital de CAUSA-EFEITO, visto que um plantio (CAUSA) propicia o crescimento (EFEITO) da planta. Ainda em termos de relações vitais dentro do I1, ocorrem as compressões MUDANÇA, devido ao processo da semente tornar-se uma planta; TEMPO ao considerar o tempo necessário de crescimento da planta; e INTENCIONALIDADE, visto que a atividade humana de cultivar plantas pressupõe um objetivo a ser alcançado.

O I2 – domínio alvo –, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de “resiliência”, de “crenças” – de acordo com a noção dos Modelos de Crenças Determinantes definida por Barbosa (2020, p. 33) – e de “desenvolvimento”, visto que é um processo realizado a partir das crenças. Tal *input* pode ser relacionado ao domínio matriz OBJETO (ABSTRATO), por tratar-se de um conceito abstrato.

Na figura 21, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceituais dos Is1-2, já apontadas.

Figura 21 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-cultivo de crenças



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Observando a figura 21, no nível mais específico dos espaços mentais do I1 são ativados os elementos “plantas” e “cultivo”, item léxico utilizado na definição que remete a um “crescimento” através da relação CAUSA-EFEITO. Tais elementos são relacionados ao *frame* PLANTA e ao domínio matriz OBJETO (CONCRETO), que, por sua vez, é fundamentado pelos esquemas imagéticos CICLO, pois cultivar plantas é um procedimento cíclico de semear, propiciar crescimento e replantio, e VERTICALIDADE, devido à direção do crescimento de plantas.

Já no I2, no nível dos espaços mentais são ativados os elementos “resiliência”, “crenças”, “SOBRARE”, em razão de ser a fonte dos materiais para trabalhar resiliência ativada através do gatilho lexical dos conceitos, e “desenvolvimento”, devido ao processo de desenvolver crenças para alcançar resiliência. Portanto, são fundamentados pelo *frame* RESILIÊNCIA e pelo domínio matriz OBJETO (ABSTRATO).

Tal conceito se relaciona aos esquemas imagéticos PROCESSO (EXISTÊNCIA) – devido ao processo de raciocinar sobre algo – e ORIGEM-PERCURSO-META (LOCOMOÇÃO), pois alcançar o objetivo resiliência é um percurso de desenvolvimento pessoal com etapas de início, meio e fim. Logo, da conexão entre os *inputs* decorre a relação vital de ANALOGIA ao igualar crenças com planta, resiliência com cultivo e crescimento com desenvolvimento de crenças.

Como o espaço genérico reúne os elementos comuns aos Is1-2, encontra-se “crença”, “resiliência”, “crescimento”, “plantas” e “cultivo”. Há, também, metáforas conceptuais definidas por Lakoff (1991), como IDEIAS SÃO OBJETOS e CRENÇAS SÃO PLANTAS, em que ideias projetam-se como crenças que, conseqüentemente, projetam-se como resiliência, enquanto objetos referem-se às plantas. Essas metáforas são estruturadas a partir do esquema imagético de OBJETO, com base no princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO, considerando que crença, um conceito humano abstrato, está sendo representada metaforicamente como plantas.

O espaço mescla herda as relações da projeção entre os elementos dos *inputs*, de modo que ativa a metáfora RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS, fundamentada pelos esquemas imagéticos OBJETO – relacionado às crenças e plantas – e PROCESSO, relacionado ao processo de cultivo. A partir dessa metáfora, visto que cultivo requer desenvolvimento, ativa-se, também, o conceito de que *resiliência é a capacidade de desenvolver crenças*. Isso intensifica as relações vitais de INTENCIONALIDADE de desenvolver-se crenças; de CAUSA-EFEITO, visto que por causa do desenvolvimento de crenças, alcança-se o efeito de resiliência; e de TEMPO que o processo de alcançar resiliência requer.

A conceptualização de *resiliência* como *a capacidade de desenvolver crenças* é motivada pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO, já que resiliência é um conceito abstrato representado por um conceito concreto; EFEITO PELA CAUSA, pois desenvolver crenças é a causa do efeito da resiliência; PRINCÍPIO DA RELEVÂNCIA, EFEITOS RETÓRICOS e EFEITOS SÓCIOCOMUNICATIVOS, uma vez que esse conceito tem efeitos e motivos comunicativos para o trabalho desenvolvido pela SOBRARE. Tais princípios são apenas apontados, porém não são desenvolvidos, pois não fazem parte do propósito do trabalho. Ademais, a relação CAUSA-EFEITO no II é reforçada na mescla, quando recebe o elemento “desenvolvimento” por meio da interconexão entre os dois espaços.

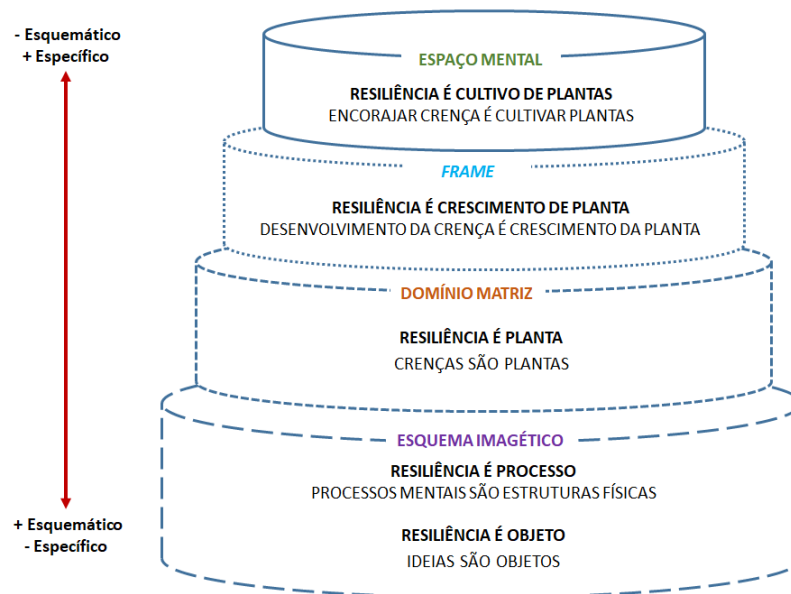
Considerando a hierarquia de esquematicidade de Kövecses (2017, 2020), no nível do espaço mental ocorre a metáfora RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS, porque ENCORAJAR CRENÇA É CULTIVAR PLANTAS, em que ambas são fundamentadas pelos esquemas imagéticos OBJETO e PROCESSO. A partir dessas metáforas, infere-se que alcançar resiliência é um processo que requer fortalecimento, aprimoramento, cuidado e dedicação para com as crenças.

A nova metáfora é fundamentada por DESENVOLVIMENTO DA CRENÇA É CRESCIMENTO DA PLANTA no nível do *frame*, em que crescimento é equivalente a desenvolvimento de crenças. Tal metáfora é estruturada pelos esquemas imagéticos OBJETO, VERTICALIDADE,

devido à direção do crescimento de plantas; PROCESSO e ORIGEM-PERCURSO-META, referente ao processo de crescimento de plantas e de desenvolvimento de crenças que possuem um início, meio e fim; assim, RESILIÊNCIA É CRESCIMENTO DE PLANTA. Logo, compreende-se que é preciso desenvolver crenças para alcançar resiliência.

No nível do domínio matriz, observa-se a metáfora CRENÇAS SÃO PLANTAS; logo, RESILIÊNCIA É PLANTA. Já no nível do esquema imagético, encontram-se as metáforas RESILIÊNCIA É OBJETO – com base em IDEIAS SÃO OBJETOS –, e RESILIÊNCIA É PROCESSO, com base em PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS, ligada ao esquema imagético de EXISTÊNCIA, em que *processos mentais* estão relacionados à resiliência e *estruturas físicas* estão relacionadas às plantas. Na figura 22, expõe-se as metáforas propostas para o segundo conceito analisado, distribuídas em níveis conforme a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 22 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência- cultivo de crenças



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como pode ser observado na figura 22, metáforas postuladas para resiliência, grifadas em negrito, estão fundamentadas por metáforas convencionais, sem grifo. A seta representa a permeabilidade entre os níveis, de modo que OBJETO fundamente o material conceptual da metáfora convencional ligada à metáfora dos espaços mentais. Todas essas metáforas são motivadas pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

Em suma, a partir desse conceito analisado, é possível inferir que há conexão entre resiliência e objetos (abstratos); crenças e plantas; crescimento e desenvolvimento e resiliência e cultivo. Logo, ao conceber que resiliência é a “capacidade de cultivar crenças”, nota-se que crenças são elementos que precisam ser cultivados e desenvolvidos, para que se alcance resiliência. O sistema de crenças escolhido e construído rege a maneira como cada ser humano interpreta a vida, e aquilo no que uma pessoa acredita torna-se sua realidade. Portanto, é necessário dedicação para desenvolver as crenças que desejamos em prol de uma vida melhor.

Em seguida, passa-se à análise do próximo conceito.

6.1.3 Resiliência e balancear crenças

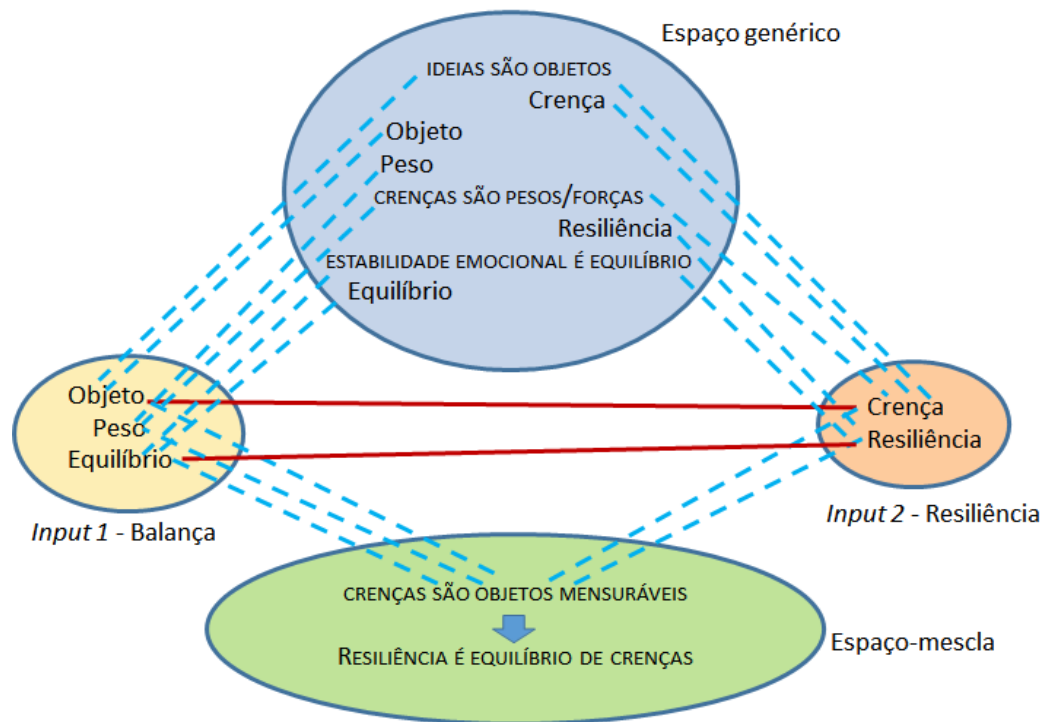
De acordo com a terceira definição de resiliência selecionada através do *site* eletrônico da SOBARE²³ (grifo nosso),

resiliência é definida como a **capacidade de balancear as crenças** na presença de perigos e riscos, por meio da gestão do racional e do emocional, visando potencializar a identificação e interpretação dos processos intrínsecos em determinada adversidade, por meio da visão orientada para aspectos positivos de si e da vida, que resulta na ressignificação com maturidade dos comportamentos, que é o “estar resiliente”.

Na figura 23, é exposta a configuração de rede para essa definição.

²³ Disponível em: http://sobrare.com.br/organizando-os-resultados-do-quest_resiliencia/.

Figura 23 – Conceptualização de resiliência-balancear crenças



Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2021

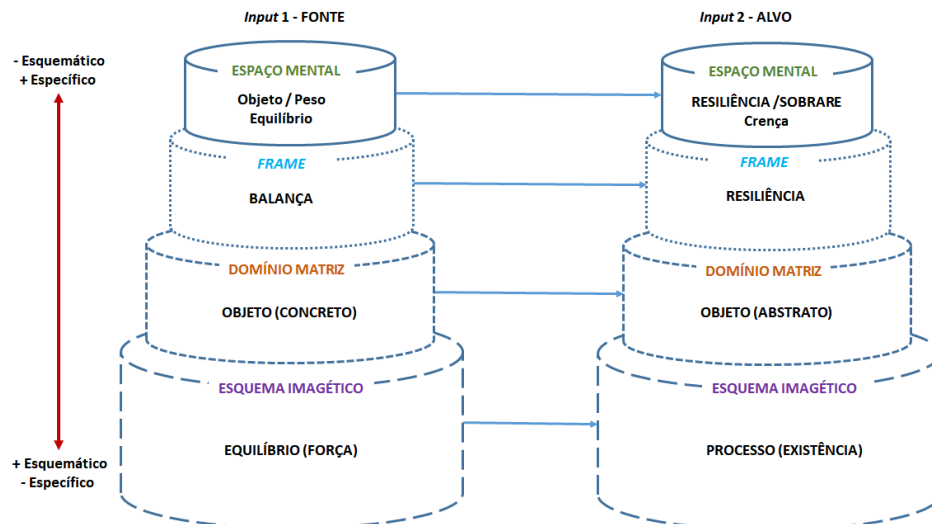
Com base na expressão linguística metafórica “balancear as crenças”, cria-se uma mescla cujo espaço mental de I1, domínio fonte, é aberto com base no *frame* BALANÇA, através do gatilho linguístico *balancear*. Tal *input* reúne os elementos associados a esse contexto, como “objeto”, pois coloca-se um objeto sobre uma balança, que se relaciona ao domínio matriz OBJETO (CONCRETO); “peso”, devido ao peso que o objeto a ser mensurado possui; e “equilíbrio”, alcançado ao colocar objetos com peso em uma balança.

Nesse *input*, há compressão das relações vitais de PROPRIEDADE, por tratar de um objeto que possui um peso, e de CAUSA-EFEITO, visto que balanças pesam e equilibram objetos – aqui trataremos de objetos concretos e abstratos como pessoas, corpo, mente e emoções. Ademais, numa visão metafórica, balanças pesam, também, emoções na busca de equilíbrio emocional e racional.

O I2 – domínio alvo –, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de “resiliência” e de “crenças” – de acordo com a noção dos Modelos de Crenças Determinantes definida por Barbosa (2020, p. 33) – e pode ser relacionado ao domínio matriz OBJETO (ABSTRATO), por se tratar de um conceito abstrato.

Na figura 24, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceituais dos Is1-2, já apontadas.

Figura 24 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-balancear crenças



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Observando a figura 24, no nível mais específico dos espaços mentais, no I1 são ativados os elementos “objeto”, “peso” e “equilíbrio”, fundamentados pelo *frame* BALANÇA. Tal *frame* está ligado ao domínio matriz OBJETO (CONCRETO), uma vez que se trata de um objeto cuja função é medir pesos, fundamentado pelo esquema imagético EQUILÍBRIO (FORÇA), já que balanças equilibram objetos com pesos, que requerem forças.

Já no I2, no nível dos espaços mentais, são ativados os elementos “resiliência” e “crença” e “SOBRARE” – em razão de ser a fonte dos materiais para trabalhar resiliência ativada através do gatilho lexical dos elementos relacionados ao *frame* RESILIÊNCIA e ao domínio matriz OBJETO (ABSTRATO).

Portanto, tal domínio é fundamentado pelo esquema imagético PROCESSO, devido ao processo de raciocínio e de desenvolvimento pessoal para alcançar resiliência. Logo, da conexão entre os *inputs* decorre a relação vital de REPRESENTAÇÃO e ANALOGIA, ao equiparar crenças com objetos e resiliência com equilíbrio.

Como o espaço genérico reúne os elementos comuns aos Is1-2, encontra-se “crença”, “resiliência”, “objeto”, “peso” e “equilíbrio”. Há, também, metáforas conceituais definidas por Lakoff (1991), como IDEIAS SÃO OBJETOS e CRENÇAS SÃO PESOS (FORÇAS), em que ideias

se projetam como crenças, que, conseqüentemente, se projetam como resiliência, enquanto objetos se referem a objetos com pesos e forças.

A primeira metáfora é estruturada a partir do esquema imagético de OBJETO, ao passo que a segunda, por OBJETO e FORÇA, pois, se um objeto pode ser medido, há uma força que o rege. Ambas as metáforas relacionam-se ao princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO, considerando que crença é um conceito humano abstrato representado por objetos mensuráveis concretos. Há, também, a metáfora ESTABILIDADE EMOCIONAL É EQUILÍBRIO, estruturada pelo esquema imagético EQUILÍBRIO e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

O espaço-mescla herda as relações da projeção entre os elementos dos *inputs*, de modo que surge a metáfora CRENÇAS SÃO OBJETOS MENSURÁVEIS, estruturada pelos esquemas imagéticos OBJETO e FORÇA, já que pode ser medido ou pesado, e comprimida pela relação vital ANALOGIA, ao relacionar crenças e objetos mensuráveis. CRENÇAS SÃO OBJETOS MENSURÁVEIS, porque o domínio fonte usado no conceito do texto remete à ideia de que as crenças devem ser balanceadas por um objeto que realiza essa função no mundo físico. Subjacente à concepção de que crenças são objetos mensuráveis, ocorre a relação estabelecida no nível do texto a partir do gatilho entre resiliência e balança.

Ademais, surge o conceito de que RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS, o que intensifica as relações vitais de INTENCIONALIDADE, ao se equilibrar emoções e crenças, e de CAUSA-EFEITO, já que, por causa do equilíbrio de crenças e emoções, alcança-se o efeito de resiliência.

Esse conceito de resiliência é estruturado pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO, já que resiliência é um conceito abstrato que está sendo representado por um conceito concreto, por meio da metonímia EFEITO PELA CAUSA, visto que desenvolver crenças é a causa do alcance (efeito) da resiliência. Nessa relação conceptual também atuam os princípios cognitivos de EFEITOS RETÓRICOS e EFEITOS SÓCIOCOMUNICATIVOS, uma vez que, por meio desse novo conceito, busca-se conferir efeitos e motivos comunicativos ao propósito da SOBRARE em trabalhar a resiliência.

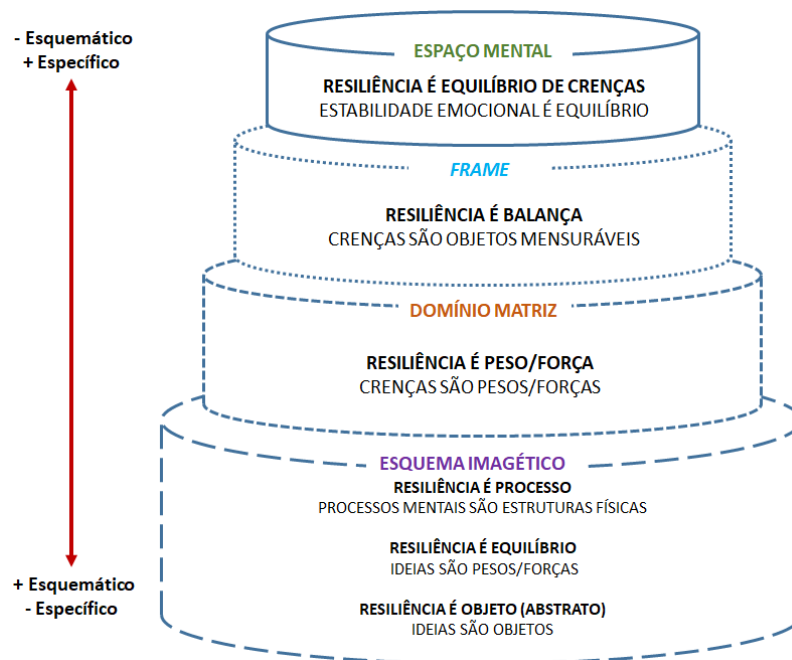
Considerando a hierarquia de esquematicidade de Kövecses (2017, 2020), no nível do espaço mental ocorre a metáfora RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS, porque ESTABILIDADE EMOCIONAL É EQUILÍBRIO, em que ambas são fundamentadas pelo esquema imagético EQUILÍBRIO. No nível do *frame*, a nova metáfora é fundamentada por CRENÇAS SÃO OBJETOS MENSURÁVEIS, ligada à IDEIAS SÃO OBJETOS; logo, RESILIÊNCIA É BALANÇA. Já no nível do domínio matriz, CRENÇAS SÃO PESOS/ FORÇAS; portanto RESILIÊNCIA É PESO/ FORÇA. A

resiliência está sendo equiparada a uma balança, pois se trata, nesse contexto, de um objeto (abstrato) cujo propósito é alcançar equilíbrio das crenças.

No nível do esquema imagético encontram-se as metáforas RESILIÊNCIA É OBJETO, com base em IDEIAS SÃO OBJETOS; RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO, com base em IDEIAS SÃO PESOS (FORÇAS), fundamentada pelo esquema imagético EQUILÍBRIO e a metáfora RESILIÊNCIA É PROCESSO, com base em PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS, ligada ao esquema imagético de EXISTÊNCIA.

Na figura 25, expõe-se as metáforas propostas para o segundo conceito analisado, distribuídas em níveis conforme a estrutura conceitual a que estão ligadas.

Figura 25 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-balancear crenças



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como pode ser observado na figura 25, metáforas postuladas para resiliência, grifadas em negrito, estão fundamentadas por metáforas convencionais, sem grifo. A seta representa a permeabilidade entre os níveis, de modo que EQUILÍBRIO fundamente o material conceitual da metáfora convencional ligada à metáfora dos espaços mentais.

Dessa forma, observa-se que a noção de IDEIAS SÃO OBJETOS – metáfora convencional – fundamenta, no espaço genérico, os aspectos ligados ao conhecimento de objetos do tipo de balança, cuja função é equilibrar pesos. Metaforicamente, os pesos podem

ser vistos como forças que agem sobre as pessoas, como, por exemplo, arcar com responsabilidades, escolhas e consequências pode ser um peso.

Da projeção entre *equilíbrio* e *resiliência* e entre *objeto* e *crença*, ligada aos *frames* BALANÇA e RESILIÊNCIA, temos na mescla CRENÇAS SÃO OBJETOS MENSURÁVEIS. Nesse sentido, a resiliência seria um equilíbrio de crenças, pois estaria sendo fundamentada por RESILIÊNCIA É BALANÇA, que também está relacionada à metáfora convencional IDEIAS SÃO OBJETOS.

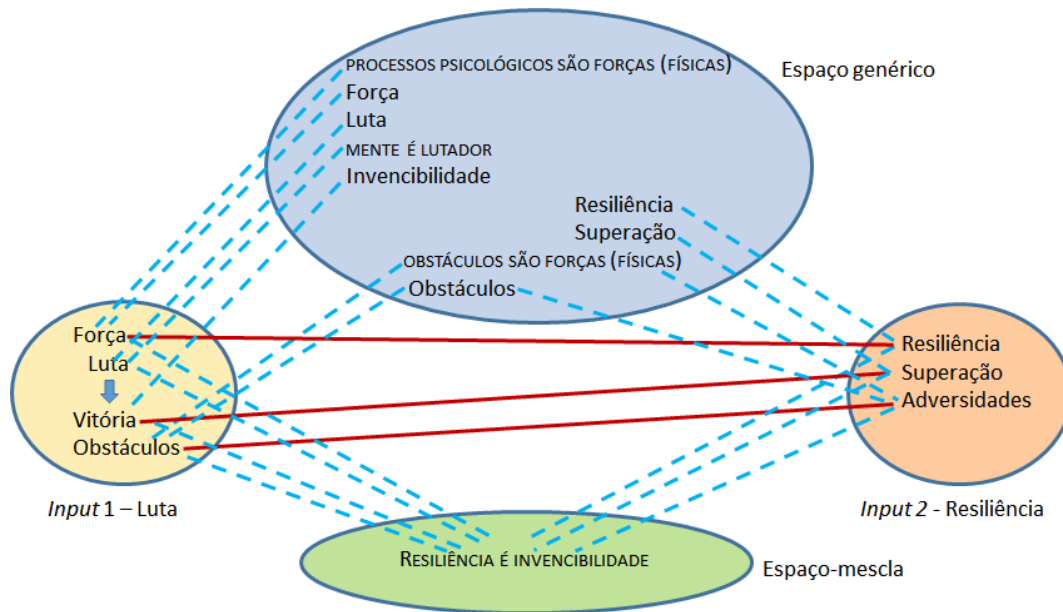
Logo, nota-se que, ao comparar crenças a objetos mensuráveis, torna-se possível aferir que crenças possuem pesos, forças e valores que devem ser equilibrados em prol de um estado resiliente. Cabe à cada pessoa determinar o peso que atribui à cada crença, de acordo com aspectos racionais e emocionais que devem ser levados em consideração, de forma que esse peso exerce força sobre ela e influencia na percepção da realidade. Portanto, é fundamental ressignificar determinados valores e balancear crenças para poder obter um equilíbrio mental e emocional e, assim, alcançar resiliência.

Em seguida, passa-se à análise do próximo conceito.

6.1.4 Resiliência e invencibilidade

Conforme a última definição selecionada, “o estudo da resiliência (...) se tornou comum na época, em que se dizia que tais pessoas eram as *invencíveis*, aquelas que não eram vencidas e não sucumbiam ao desgaste emocional no enfrentamento da situação adversa” (BARBOSA, 2019, p. 9). É exposta, na figura 26, a configuração de rede para essa definição.

Figura 26 – Conceptualização de resiliência-invencibilidade



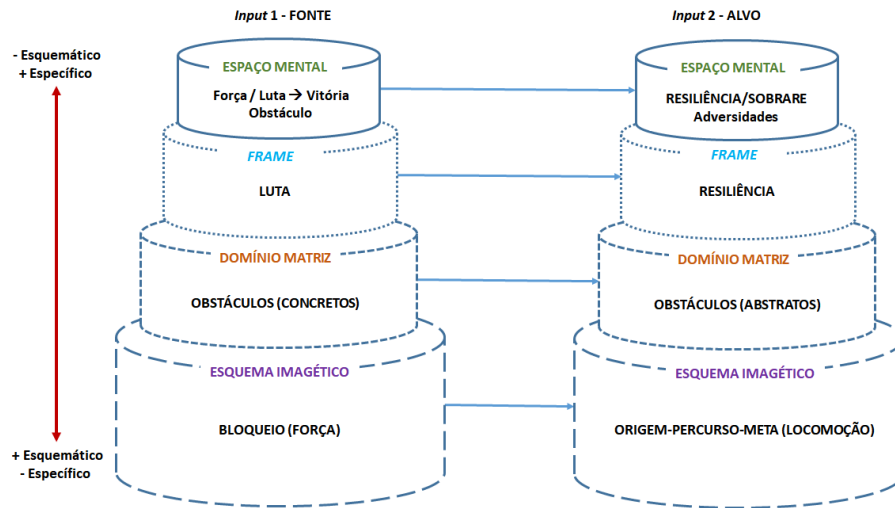
Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

A partir da noção de invencibilidade tratada no trecho citado, cria-se uma mescla cujo espaço mental de I1, domínio fonte, é aberto com base no *frame* LUTA. Assim, reúne elementos que fazem parte desse contexto como “força” e “luta”, que criam relação vital de CAUSA-EFEITO e INTENCIONALIDADE com os elementos “vitória” e “obstáculo”, pois, em uma luta, é preciso força (CAUSA) para superar os obstáculos e alcançar o objetivo da vitória (EFEITO), comprimida pela relação INTENCIONALIDADE. Além dessas compressões, há relação vital de TEMPO, devido ao tempo necessário para vencer uma luta. Portanto, tal *frame* se relaciona ao domínio matriz OBSTÁCULOS (CONCRETOS).

O I2 – domínio alvo –, fundamentado pelo *frame* resiliência, reúne aspectos ligados ao conceito de “resiliência”, de “adversidades”, a partir dos gatilhos linguísticos da definição citada no início da subseção – e da consequente “superação” destas. Tal *frame* pode ser relacionado ao domínio matriz OBSTÁCULO (ABSTRATO), devido às adversidades que surgem na vida.

Na figura 27, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceituais dos I1-2, já apontadas.

Figura 27 - Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-Invencibilidade



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Observando a figura 27, no nível mais específico dos espaços mentais do I1, são ativados os elementos relacionados ao *frame* LUTA, já mencionados anteriormente. Esse *frame* relaciona-se ao domínio matriz OBSTÁCULOS (CONCRETOS), fundamentado pelo esquema imagético BLOQUEIO (FORÇA), visto que obstáculos são bloqueios em um percurso.

No I2, no nível dos espaços mentais são ativados os elementos “resiliência”, “crenças” e “adversidades”, fundamentados pelo *frame* RESILIÊNCIA e pelo domínio matriz OBJETO (ABSTRATO). Tal conceito se relaciona ao esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META, pois obter resiliência é um processo de desenvolvimento pessoal com início, meio e fim, a partir dos obstáculos e a resolução destes. Logo, da conexão entre os *inputs* decorre a relação vital de ANALOGIA, ao equiparar adversidades com obstáculos; superação com vitória e resiliência com força.

Como o espaço genérico reúne os elementos comuns aos I1-2, encontra-se “força”, “luta”, “obstáculos”, “invencibilidade”, “resiliência” e “superação”. Há, também, metáforas conceituais como MENTE É LUTADOR, em que mente se projeta como crença, consequentemente como resiliência, e lutador se refere à luta contra as dificuldades; bem como PROCESSOS PSICOLÓGICOS SÃO FORÇAS (FÍSICAS), em que forças psicológicas se referem à resiliência e forças físicas se referem à luta. Ambas as metáforas são estruturadas pelo esquema imagético FORÇA.

Além dessas metáforas, há OBSTÁCULOS SÃO FORÇAS (FÍSICAS) – estruturada pelos esquemas imagéticos BLOQUEIO e FORÇA, visto que adversidades são obstáculos que exercem

força sobre o ser humano. Tais metáforas relacionam-se ao princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

O espaço-mescla herda as relações da projeção entre os elementos dos *inputs*, de modo que surge a metáfora RESILIÊNCIA É INVENCIBILIDADE, fundamentada pelos esquemas imagéticos FORÇA e ORIGEM-PERCURSO-META, visto que é preciso força para vencer e trata-se de um processo com etapas de início, meio e fim, cujo objetivo é alcançar vitória. Isso intensifica as relações vitais de INTENCIONALIDADE para vencer e de CAUSA-EFEITO, em que superar adversidades é uma causa para o efeito de alcançar resiliência.

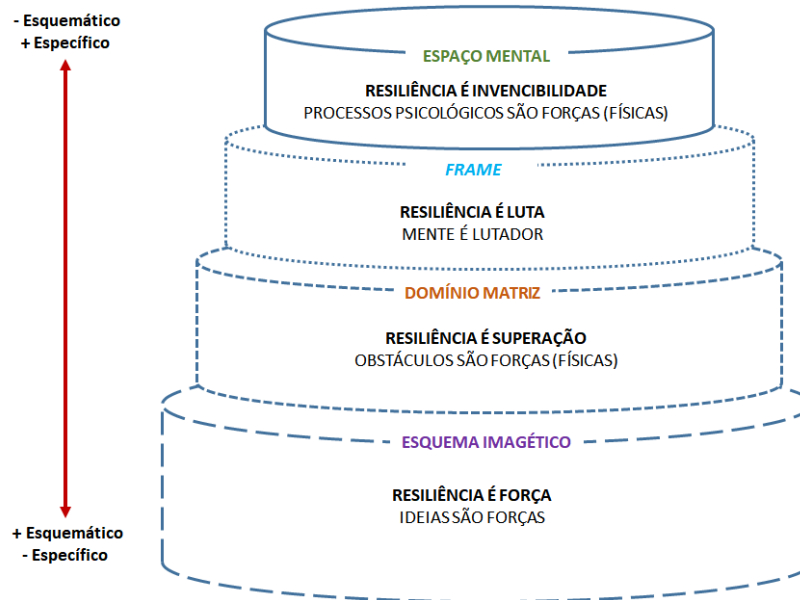
Essa nova metáfora é estruturada pelo princípio CONCRETO SOBRE ABSTRATO, já que resiliência é um conceito abstrato que está sendo representado por um conceito concreto na metonímia EFEITO PELA CAUSA, pois superar adversidades é a causa do efeito de estar resiliente. Também se observa a atuação do PRINCÍPIO DA RELEVÂNCIA, dos EFEITOS RETÓRICOS e dos EFEITOS SÓCIOCOMUNICATIVOS, devido aos propósitos a serem alcançados na busca por resiliência.

Considerando a hierarquia de esquematicidade de Kövecses (2017, 2020), no nível do espaço mental ocorre a metáfora RESILIÊNCIA É INVENCIBILIDADE baseada em PROCESSOS PSICOLÓGICOS SÃO FORÇAS (FÍSICAS), fundamentadas pelos esquemas imagéticos FORÇA, PROCESSO e ORIGEM-PERCURSO-META. A partir dessas metáforas, infere-se que alcançar resiliência é um processo psicológico que requer força mental e emocional para vencer as adversidades da vida.

Tais metáforas são fundamentadas por MENTE É LUTADOR no nível do *frame*; logo, RESILIÊNCIA É LUTA. São estruturadas pelo esquema imagético FORÇA, na medida em que se compreende a necessidade de lutar contra as dificuldades para obter resiliência. Já no nível do domínio matriz, há OBSTÁCULOS SÃO FORÇAS (FÍSICAS); logo, RESILIÊNCIA É SUPERAÇÃO. São estruturadas pelos esquemas imagéticos FORÇA e BLOQUEIO, em que é possível observar uma relação entre adversidades e obstáculos, que precisam ser superados para alcançar resiliência.

No nível do esquema imagético, encontra-se a metáfora RESILIÊNCIA É FORÇA, com base em IDEIAS SÃO FORÇAS. São estruturadas pelo esquema imagético FORÇA, em que se pode inferir que resiliência é um ato de força mental e emocional. Na figura 28, expõem-se as metáforas propostas para o quarto conceito analisado, distribuídas em níveis conforme a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 28 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-invencibilidade



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como pode ser observado na figura 28, metáforas postuladas para resiliência, grifadas em negrito, estão fundamentadas por metáforas convencionais, sem grifo. A seta representa a permeabilidade entre os níveis, de modo que FORÇA fundamente o material conceptual da metáfora convencional ligada à metáfora dos espaços mentais.

Em suma, a partir desse conceito analisado, é possível afirmar que há equiparação de adversidades com obstáculos; superação com vitória, resiliência com força e luta. Logo, ao conceber que **RESILIÊNCIA É INVENCIBILIDADE**, considera-se que é necessário enfrentar, superar e vencer as dificuldades da vida para alcançar resiliência.

Na próxima subseção, serão retomados os mecanismos cognitivos comuns às conceptualizações analisadas na seção 6.1.

6.1.5 Mecanismos cognitivos comuns às conceptualizações dos conceitos de resiliência

Todas as análises desta seção tratam-se de redes de escopo único, a saber: “o *input* que fornece o *frame* organizacional da mescla (*framing space*) seria a fonte, ao passo que o *input*

norteador do foco de entendimento (*input focus*) seria [o] alvo” (BERNARDO; VELOZO; ABREU, 2019, p. 51-52).

Em redes de escopo único, percebe-se a sensação de que “uma coisa” fornece uma visão, um *insight*, para “outra coisa”, com uma forte assimetria entre elas. Essa percepção decorre de (i) inferências produzidas na mescla a partir dos *frames* dos *inputs*; (ii) compressões úteis já existentes nos *frames* dos *inputs*; e (iii) emoções evocadas ancoradas por tais *frames*. Essas emoções emergentes na mescla podem levar à sensação de percepção global, porque a mescla altamente compactada permanece ativamente conectada a toda a rede (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 129²⁴ na redação de BERNARDO, VELOZO; ABREU, 2019, p. 52).

Ao fazer uma comparação entre todas as análises desta seção, nota-se que todas são motivadas pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO e pelas relações vitais de INTENCIONALIDADE e ANALOGIA. Isso demonstra que todos os objetos de estudo possuem intenção de transmitir uma mensagem sobre o papel da resiliência, com diferentes valores.

Observa-se, também, que RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS (6.1.1), RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2) e RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3) são orientadas pelo domínio matriz OBJETO e pelas metáforas RESILIÊNCIA É PROCESSO e IDEIAS SÃO OBJETOS. Doravante, entende-se que OBJETO é uma propriedade que envolve corpos, animais e plantas.

Já nas análises RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2) e RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3), o que há em comum são as metáforas RESILIÊNCIA É OBJETO e PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS.

Há relação vital de REPRESENTAÇÃO em RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS (6.1.1) e RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3) e de CAUSA-EFEITO em RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2), RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3) e RESILIÊNCIA É INVENCIBILIDADE (6.1.4). A predominância da relação vital CAUSA-EFEITO aponta que no processo de desenvolver resiliência há diversas causas que direcionam a esse efeito.

Há o esquema imagético FORÇA em RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3) e RESILIÊNCIA É INVENCIBILIDADE (6.1.4). Isso demonstra que é necessário ter força mental para superar as adversidades cotidianas e alcançar resiliência.

Em seguida, passa-se à segunda seção de análises.

²⁴ No original: “single-scope networks give us the feeling that “one thing” is giving us insight into “another thing,” with a strong asymmetry between them. This feeling of insight has three causes: The blend brings to bear inferences that are available from the framing input; it brings to bear useful compressions that already exist in the framing input; and It evokes emotions, seemingly anchored in the trustworthy framing input, that feel to us as if they are all-clarifying. As we have seen for blends in general, strong emotions emergent in the blend can induce the feeling of global insight, because the highly compressed blend remains actively connected to the entire network”.

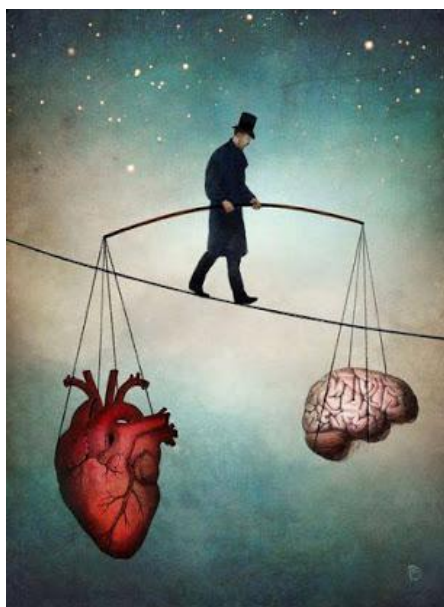
6.2 Modelos de Crenças Determinantes

Nesta seção, serão analisados os oito Modelos de Crenças Determinantes (MCDs) apresentados no capítulo 4, a partir de imagens a estes relacionadas em busca feita no *Google*. Logo, cada MCD será representado por uma imagem selecionada como objeto de análise, conforme critério já exposto na seção 3.2 da metodologia. Optou-se por selecionar trechos literais citados nas definições da SOBRARE (Barbosa 2019, p. 33-37), predominantemente o(s) período(s) iniciais, quando se poderia estabelecer a relação com a imagem selecionada entre as obtidas na busca. Assim, os MCDs são analisados nas próximas subseções, sendo a última (6.2.9) dedicada aos mecanismos comuns às análises da relação entre as imagens e os MCDs na conceituação de resiliência.

6.2.1 MCD autocontrole

Inicia-se esta análise com a apresentação da imagem ligada ao primeiro MCD na figura 29.

Figura 29 – MCD *autocontrole*



Fonte: *Mente e movimento*, 2017. Disponível em: <https://www.menteemovimento.com.br/single-post/2017/03/09/O-sequestro-da-am%C3%ADgdala>.

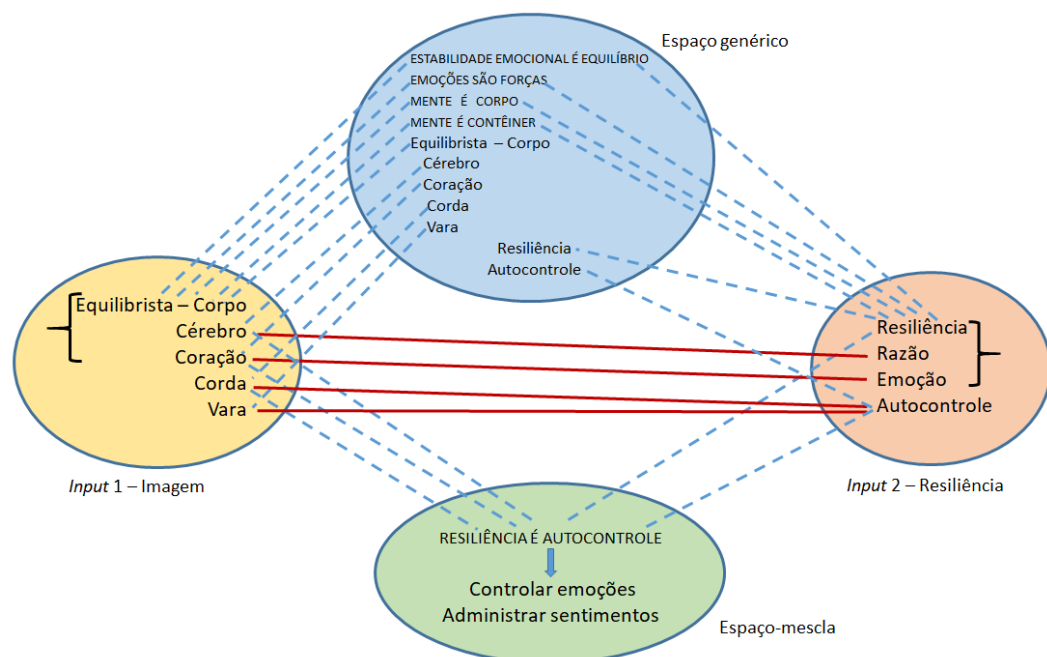
Com base em seu formato, a imagem da figura 29 pode ser considerada uma metáfora pictórica monomodal para *autocontrole*, termo usado como critério de busca no *Google*, porque apresenta apenas elementos visuais. Logo, a imagem pode evocar o sentido de EQUILÍBRIO, domínio alvo, entre RAZÃO E EMOÇÃO (domínio fonte) na metáfora AUTOCONTROLE É EQUILÍBRIO. Todavia, no contexto discursivo e metodológico desta análise, *autocontrole* será parte do domínio alvo RESILIÊNCIA, enquanto a figura como um todo será o domínio fonte para conceituação de RESILIÊNCIA com base no MCD *autocontrole*. Nesse sentido, devido à relação entre imagem e MCD no contexto desta análise, será postulada uma metáfora verbo-pictórica multimodal.

De acordo com os fragmentos literais do MCD *autocontrole* definidos por Barbosa (2019, p. 33, grifo nosso),

essa é a área da resiliência que se refere à capacidade de administrar as emoções de modo apropriado em diferentes contextos de vida. Resiliência neste agrupamento de crenças é sinônimo de **controle** das suas **emoções**, de modo que melhore as negociações, para promover um ambiente agradável emocionalmente e facilitar os enfrentamentos da vida.

Assim, a relação entre a imagem e a definição de resiliência com base no MCD *autocontrole* é conceptualizada na integração conceptual representada na figura 30.

Figura 30 – Conceptualização de resiliência-autocontrole



Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2021

O espaço mental de II, aberto com base no *frame* EQUILÍBRIO, reúne os elementos que compõem a imagem de um “equilibrista” que caminha sobre uma “corda” bamba, segurando uma “vara” em cujas pontas se encontram o “cérebro” e o “coração”. Em razão da relação convencional entre cérebro e coração como partes do corpo ligadas, respectivamente, à razão e à emoção, observam-se as relações vitais de ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO. Essas relações conceptuais são fundamentadas em percepções físicas, como dor de cabeça, dificuldade de concentração, aceleração de batimentos cardíacos, por exemplo, quando se lida com pensamentos e emoções.

Devido à ligação entre “cérebro” e “coração” e o “corpo do equilibrista”, sinalizada pela chave na figura 30, a relação vital PARTE-TODO também é ativada por meio da projeção metonímica ÓRGÃO DO CORPO PELO CORPO (PARTE-TODO), que seleciona seus veículos por meio dos princípios cognitivos CONCRETO SOBRE ABSTRATO e BÁSICO SOBRE NÃO BÁSICO. O tamanho do cérebro e do coração em relação ao corpo inteiro do equilibrista representa pictoricamente a força necessária para alcançar o equilíbrio, sobretudo o peso das emoções, visto que o coração é retratado em tamanho um pouco maior e em perspectiva frontal em relação ao cérebro. Essa dificuldade é intensificada pelo caminhar sobre uma corda bamba.

Todos esses elementos visuais conferem à imagem do II um caráter metafórico, já que EMOÇÕES SÃO FORÇAS FÍSICAS, ESTABILIDADE EMOCIONAL É EQUILÍBRIO FÍSICO. A tais metáforas subjazem os esquemas imagéticos de RESISTÊNCIA (FORÇA) e EQUILÍBRIO, visto que os seres humanos experimentam, desde muito cedo, a influência da força da gravidade e outras forças naturais e humanas que interferem no equilíbrio.

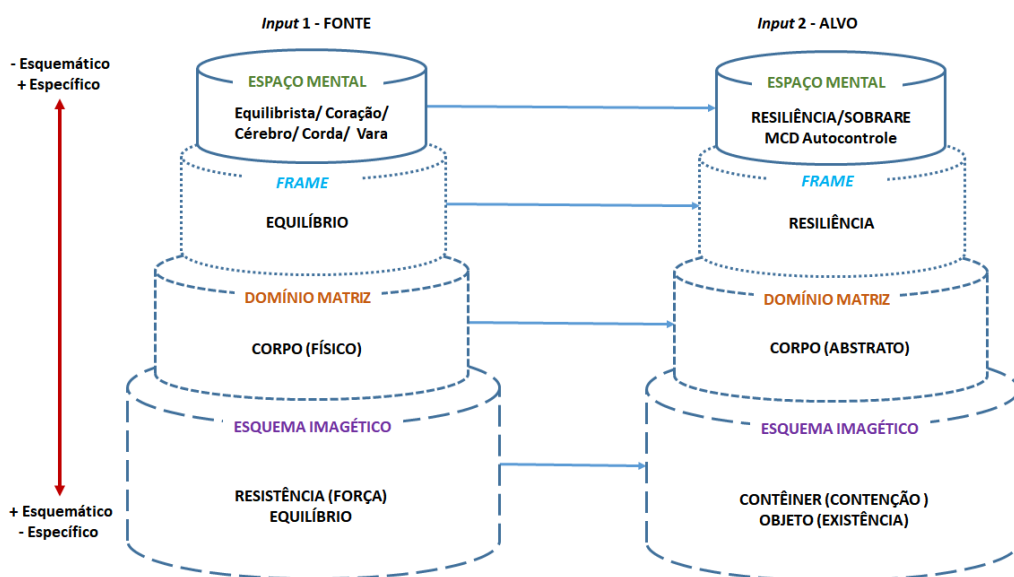
No nível dos espaços mentais, a imagem ativa elementos do *frame* EQUILÍBRIO, que, por sua vez, se relaciona ao domínio matriz CORPO, mais esquemático, porque abarca não apenas não apenas o equilíbrio físico e emocional, mas outros sistemas relacionados aos sistemas do corpo humano.

O *input 2*, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir do MCD *autocontrole*, que envolve a capacidade de controlar comportamentos, temperamentos, impulsos de agir e emoções, para promoção de um ambiente agradável emocionalmente, de modo a facilitar os enfrentamentos da vida. Assim, foram destacados elementos ligados à “razão” e à “emoção”, em uma relação vital PARTE-TODO, marcada pela chave na figura 30, visto que é necessário refletir sobre emoções para alcançar a resiliência com base no autocontrole: MENTE É CONTÊINER para pensamentos e emoções. Essa metáfora convencional é fundamentada pelo esquema imagético CONTÊINER.

No I2, também ocorre a relação vital CAUSA-EFEITO, visto que desenvolver a resiliência (CAUSA) leva ao autocontrole (EFEITO). Como esse autocontrole está ligado ao controle dos impulsos de agir, pode-se conceber a metáfora MENTE É CORPO como subjacente ao autocontrole de ações, pensamentos e emoções. Pode-se relacionar essa metáfora ao domínio matriz CORPO e ao esquema imagético OBJETO (EXISTÊNCIA).

Na figura 31, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceituais dos Is1-2, já apontadas.

Figura 31 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-autocontrole



Fonte: BERNARDO; SILVA (2021, comunicação pessoal)

A figura 31 exhibe as estruturas conceituais em termos de esquematicidade e contiguidade. No I1, os espaços mentais ativados pelos elementos da imagem ativam, por sua vez, o *frame* EQUILÍBRIO, inserido no domínio matriz CORPO, mais amplo, porque abarca não apenas as funções de equilíbrio, mas todo tipo de atividade realizada pelo corpo humano. Em termos mais esquemáticos, o nível dos esquemas imagéticos fundamenta de RESISTÊNCIA (FORÇA) e EQUILÍBRIO a partir de experiências perceptuais ligadas ao equilíbrio do corpo e tudo que pode afetá-lo.

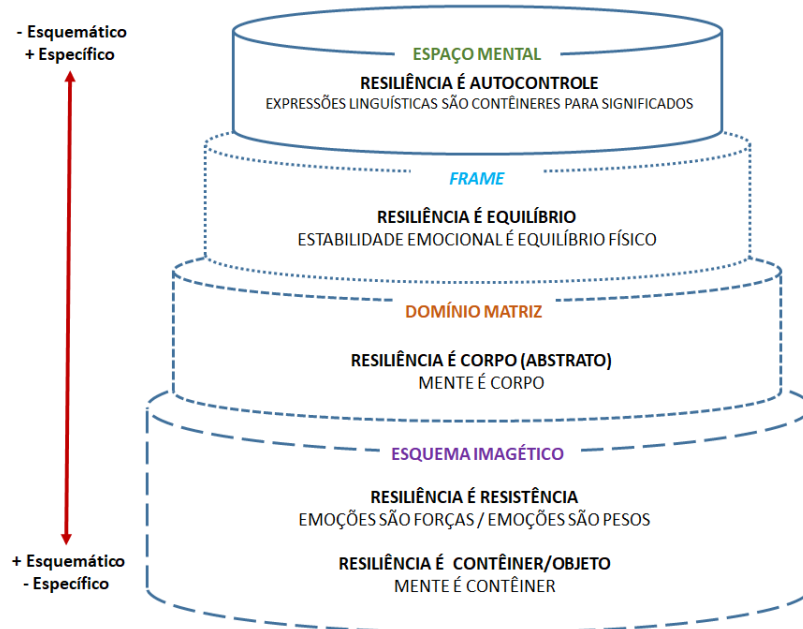
No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE em termos de autocontrole. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, ligado ao domínio matriz CORPO, do qual a mente faz parte. O papel da relação MENTE-CORPO

na conceptualização de RESILIÊNCIA está fundamentado perceptualmente pelos esquemas imagéticos CONTÊINER e OBJETO.

O espaço genérico reúne os elementos comuns aos Is1-2 e às metáforas convencionais que fundamentam o conceito de resiliência como autocontrole. A interconexão entre os elementos dos Is1-2 – “cérebro-razão”, “coração-emoção”, “corda-vara-autocontrole” – por meio das relações vitais ANALOGIA, REPRESENTAÇÃO, reforça as compressões dos *inputs* ao serem projetados na mescla. Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É AUTOCONTROLE surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla tendo a imagem como domínio fonte. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência.

Na figura 32, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis de RESILIÊNCIA É AUTOCONTROLE, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 32 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-autocontrole



Fonte: BERNARDO; SILVA (2021, comunicação pessoal)

Como se observa na figura 32, RESILIÊNCIA É AUTOCONTROLE encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o

conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. Por isso, essa metáfora está relacionada à EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO CONTÊINERES PARA SIGNIFICADOS.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO, com base em ESTABILIDADE EMOCIONAL É EQUILÍBRIO FÍSICO. Como MENTE É CORPO, no domínio matriz, RESILIÊNCIA É CORPO (ABSTRATO).

No nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, esse corpo é um objeto que guarda pensamentos e emoções; logo, se MENTE É CONTÊINER/OBJETO, RESILIÊNCIA É CONTÊINER. Ainda nesse nível, RESILIÊNCIA É RESISTÊNCIA, com base em EMOÇÕES SÃO FORÇAS, recrutadas para manter o equilíbrio entre razão e emoção: AUTOCONTROLE. RESILIÊNCIA É RESISTÊNCIA também está ligada a EMOÇÕES SÃO PESOS, evocada pela imagem, devido à força necessária para sustentar o peso de pensamentos e emoções na busca pelo EQUILÍBRIO.

A partir dessa análise, nota-se que para uma pessoa ser resiliente, significa ter que desenvolver controle sobre seus pensamentos e emoções, a fim de não permitir com que as adversidades da vida a derrubem. Pensamentos e emoções negativos sempre aparecerão; logo, é necessário obter aprendizado destes e dar força aos pensamentos positivos. Assim, utiliza-se a premissa da Psicologia Positiva.

Passa-se, em seguida, à análise do segundo MCD.

6.2.2 MCD leitura corporal

Um aspecto a ser trabalhado no desenvolvimento da resiliência, quando o corpo reage aos pensamentos negativos, é o MDC *leitura corporal*. A figura 33 ilustra a imagem obtida via busca com base no gatilho *leitura corporal*. Números foram sobrepostos à figura original, para referência ao que a expressão dos bonecos evocam em termos de *leitura corporal*.

Figura 33 – MCD *leitura corporal*

Fonte: Grandes truques para entender a linguagem corporal das pessoas, 2016. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/grandes-truques-para-entender-a-linguagem-corporal-das-pessoas>

Exibida por meio dos termos *leitura corporal*, usado como critério de busca no *Google*, com base em seu formato, a imagem da figura 33 apresenta elementos visuais para conceptualizar EMOÇÕES/ESTRESSES SÃO FORÇAS FÍSICAS. Logo, a imagem evoca expressões que remetem a reações corporais físicas (domínio fonte), ligadas a emoções negativas, estresse, descontrole (domínio alvo). Ao relacionar a imagem e a definição do MCD *leitura corporal*, a imagem e as reações corporais evocadas tornam-se o domínio fonte. Nesse contexto discursivo e metodológico, o domínio alvo RESILIÊNCIA é conceptualizado metaforicamente em termos verbo-pictóricos, multimodais.

Na reação resposta corporal (1), o personagem está com uma mão na boca e a outra na cabeça, remetendo à dúvida e incerteza. O boneco de (2) está com as mãos na cabeça, a boca trêmula e os olhos em espiral, do que se pode inferir uma confusão mental, sofrimento, descontrole emocional e até dor de cabeça. Em (3), o choro também remete ao sofrimento e ao descontrole emocional. Na quarta (4), sobrancelhas franzidas, boca mostrando dentes e mão apontando para algo indicam raiva e descontrole emocional.

Na quinta reação corporal (5), olhos e sobrancelhas arriados, mãos em rendição e adesivos cobrindo a boca caracterizam tristeza e silêncio por dificuldade de comunicação. Por vezes, o sofrimento dificulta a expressão de sentimentos e pensamentos por meio de palavras daquilo que estamos sentindo e pensando. Isso atrapalha o desenvolvimento de resiliência, pois é necessário ter certeza daquilo que se pensa e sente. Na última reação (6), mãos na cabeça, indicam confusão mental. Ademais, as expressões faciais dos bonecos representadas

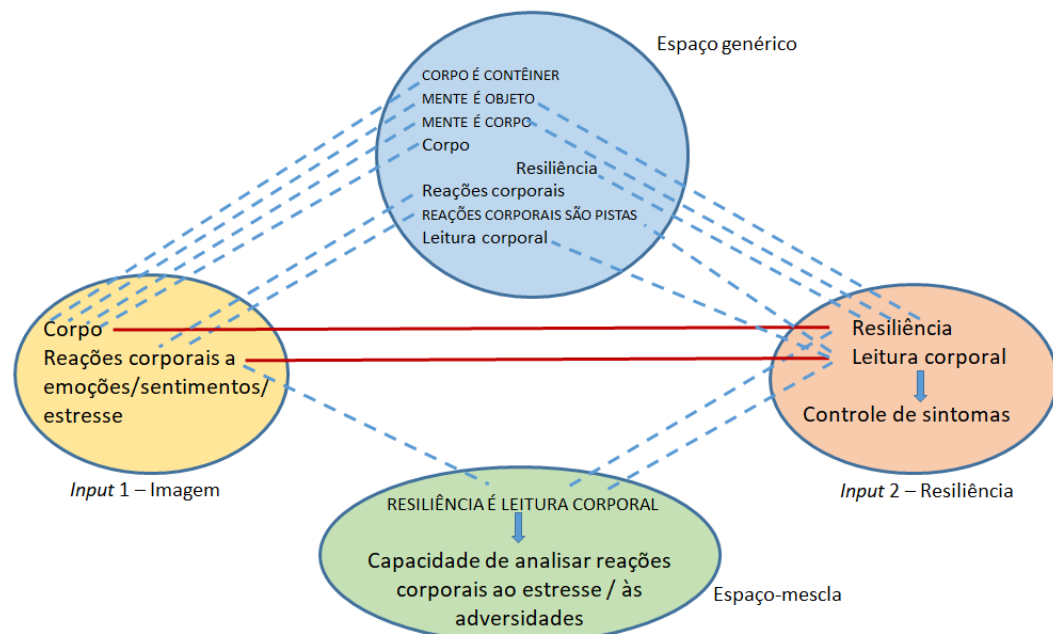
pelo movimento da boca também contribuem na compreensão das noções de otimismo e pessimismo e todas essas reações corporais remetem à falta de controle emocional e racional diante de adversidades da vida.

Considerando a definição do MCD leitura corporal obtida através de Barbosa (2019, p. 34, grifo nosso), sabe-se que

quando buscamos o autoconhecimento para desenvolver resiliência, é muito importante ter cuidados necessários para entender as diferentes reações que acontecem em nosso corpo durante as situações do dia a dia e **controlar os sintomas**. Seja quando nos encontramos em momentos de alegrias e descontrações, mas principalmente nos momentos de conflitos, angústia e estresse.

Assim, a relação entre a imagem e a definição de resiliência com base no MCD *leitura corporal* é conceptualizada na integração conceptual representada na figura 34.

Figura 34 – Conceptualização de resiliência-leitura corporal



Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2021

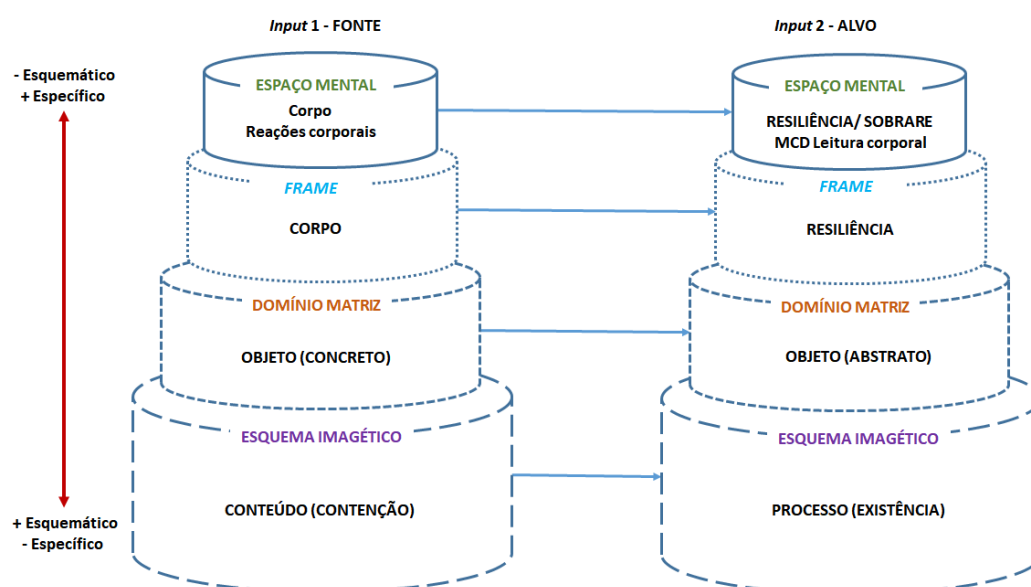
O espaço mental de II, aberto com base no *frame* CORPO, reúne os elementos que compõem a imagem de uma pessoa (“corpo”), exibindo diferentes “reações corporais” a emoções, sentimentos e pensamentos negativos, que remetem a uma parte do FUNCIONAMENTO DO CORPO, daí as relações vitais PARTE-TODO e CAUSA-EFEITO, visto que as

reações funcionais do corpo são EFEITOS das emoções e pensamentos negativos (CAUSAS). Assim, no nível dos espaços mentais, a imagem ativa REAÇÕES CORPORAIS, elementos do *frame* CORPO, que, por sua vez, se integram ao domínio matriz OBJETO (CONCRETO), mais esquemático, já que corpos são conceptualizados como objetos. O corpo, como um objeto constituído de partes que guardam atitudes mentais negativas e desempenham várias funções, está estruturado pelos esquemas imagéticos de CONTÊINER e PROCESSO.

O *input 2*, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir do MCD *leitura corporal*. Assim, foram destacados elementos ligados à “leitura corporal” e à “resiliência”. Essa relação conceptual também está ligada à compressão PARTE-TODO, pois *leitura corporal* é uma parte do conceito de resiliência a partir dos MCDs. Também envolve a relação vital de CAUSA-EFEITO, visto que a leitura corporal (CAUSA) propiciaria o “controle de sintomas” e também de reações (EFEITO), ou seja, promoveria a recuperação do equilíbrio.

Na figura 35, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceptuais dos Is1-2, hierarquicamente relacionadas.

Figura 35 – Estruturas conceptuais dos *inputs 1 e 2* em resiliência-leitura corporal



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

A figura 35 exhibe as estruturas conceptuais em termos de esquematicidade e contiguidade. No I1, os espaços mentais ativados pelos elementos da imagem ativam o *frame*

CORPO, inserido no domínio matriz OBJETO (CONCRETO), mais esquemático, fundamentado, por sua vez, pelos esquemas imagéticos CONTEÚDO (CONTENÇÃO), a partir de experiências perceptuais ligadas ao corpo conter emoções que causam reações corporais. No I1, também ocorrem as relações vitais de ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO, considerando que a imagem representa um contexto de diferentes reações corporais; bem como INTENCIONALIDADE da mensagem transmitida pela imagem sobre emoções e pensamentos negativos.

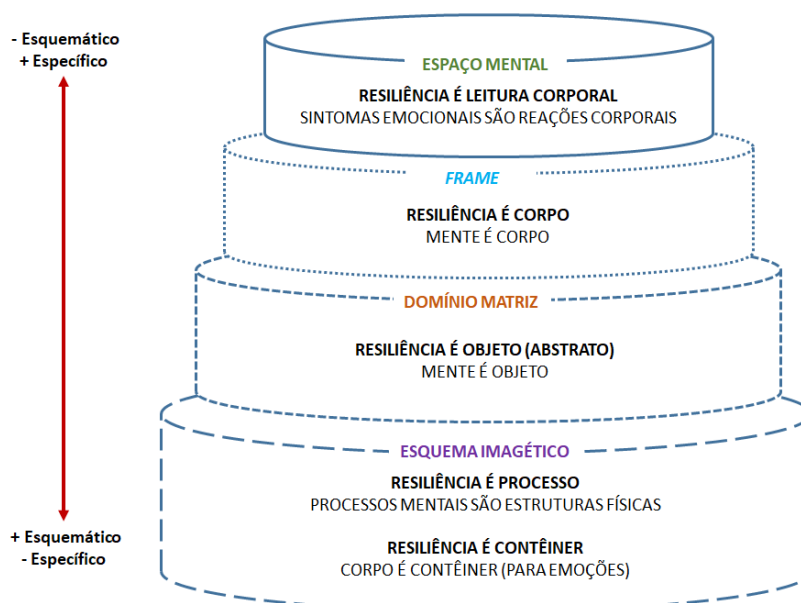
No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE em termos de *leitura corporal*. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, ligado ao domínio matriz OBJETO (ABSTRATO), do qual a mente faz parte. Essa conceptualização de RESILIÊNCIA está fundamentada perceptualmente pelo esquema imagético PROCESSO (EXISTÊNCIA), devido ao longo processo para alcançar resiliência.

O espaço genérico reúne os elementos comuns aos I1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de resiliência como leitura corporal. A interconexão entre os elementos dos I1-2, “reações corporais-leitura corporal” e “corpo-resiliência”, por meio das relações vitais ANALOGIA e CAUSA-EFEITO, projetadas no espaço-mescla, conceptualizam RESILIÊNCIA É LEITURA CORPORAL, reforçando as compressões dos *inputs*.

Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É LEITURA CORPORAL surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla, tendo a imagem como domínio fonte. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE, complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência.

Na figura 36, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis de RESILIÊNCIA É LEITURA CORPORAL, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 36 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-leitura corporal



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 36, RESILIÊNCIA É LEITURA CORPORAL encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. É estruturada pelos esquemas imagéticos OBJETO, relacionando-se com o elemento “corpo”, e PROCESSO, devido às experiências com procedimentos perceptuais diversos ao longo da vida, entre estes, análise/leitura de coisas que nos cercam.

A seleção dos elementos projetados na conceptualização é motivada pelo princípio CONCRETO SOBRE ABSTRATO. Logo, essa metáfora está relacionada à metáfora SINTOMAS EMOCIONAIS SÃO REAÇÕES CORPORAIS, estruturada pelo esquema imagético OBJETO e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO, pois *reações corporais* evidenciam sintomas de desequilíbrio emocional.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim conceptualiza-se RESILIÊNCIA É CORPO, com base em MENTE É CORPO e no princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO. Como MENTE É OBJETO, no domínio matriz, RESILIÊNCIA É OBJETO (ABSTRATO), motivada pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO. Todas são estruturadas pelo esquema imagético OBJETO.

No nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, esse corpo é um objeto que guarda pensamentos e emoções; logo, se CORPO É CONTÊINER (PARA EMOÇÕES), RESILIÊNCIA É

CONTÊINER, estruturadas pelos esquemas imagéticos CONTÊINER e OBJETO, bem como pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO. Ainda nesse nível, RESILIÊNCIA É PROCESSO, com base em PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS, recrutadas para manter uma observação interior: LEITURA CORPORAL.

Logo, a importância de reconhecer as próprias reações físicas e suas causas se dá pelo fato de que torna-se possível controlar e evitar consequências negativas. Acúmulo de estresse, ao enfrentar adversidades cotidianas, pode acarretar problemas cardíacos, emocionais e tantos outros. Logo, ao se deparar com uma situação adversa, faz-se necessário reconhecer os primeiros sinais de estresse no corpo, para que seja possível resolvê-los na etapa inicial, sem permitir que a situação agrave.

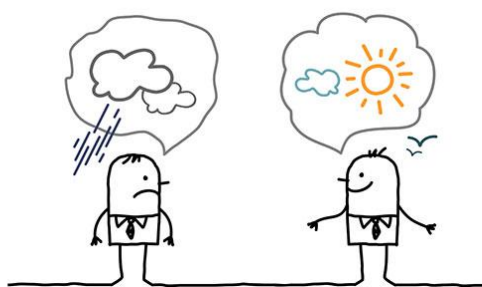
Trata-se de desenvolver autoconhecimento para poder reconhecer os sintomas e suas causas e, então, poder encontrar mecanismos de fortalecer a resiliência. Crenças desequilibradas afetam a resposta corporal, alterando o equilíbrio dos nervos e também dos músculos. Assim, quanto mais harmonia houver entre os pensamentos, crenças, e as reações que acontecem em nosso corpo, maior será a possibilidade de alcançar um equilíbrio saudável entre as nossas reações físicas e a expressão da mente.

Na subseção seguinte, passa-se à análise do terceiro MCD.

6.2.3 MCD otimismo

Analiza-se, aqui, o MCD *otimismo*, representado na figura 37, uma atitude mental que auxilia o alcance da resiliência.

Figura 37 – MCD *otimismo*

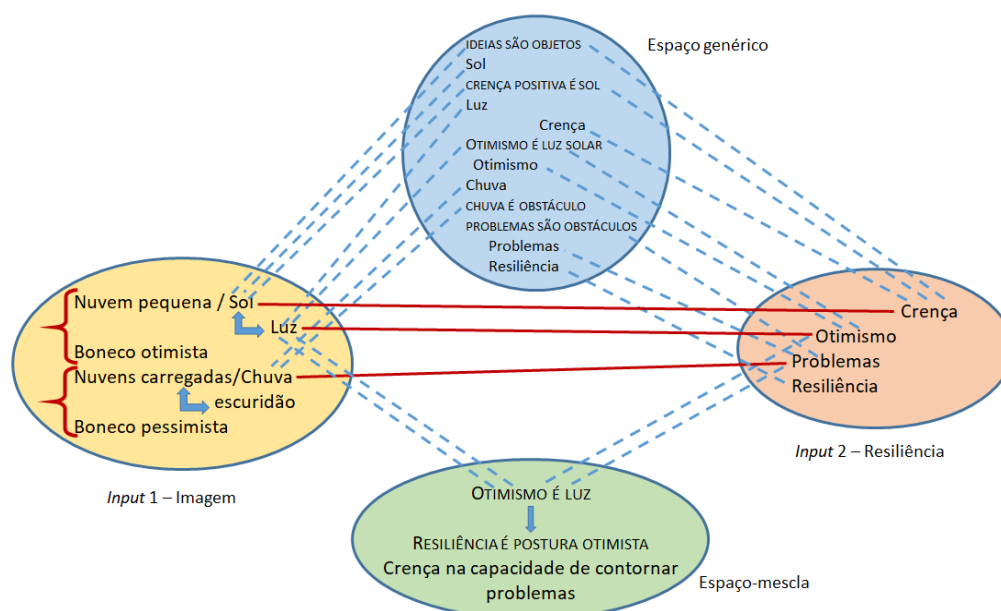


A imagem da figura 37 pode ser considerada uma metáfora pictórica monomodal para *otimismo*, termo usado como critério de busca no *Google*, porque apresenta apenas elementos visuais para conceptualizar OTIMISMO É LUZ. Para tal, elementos ligados ao CLIMA são tomados como domínio fonte para evidenciar o estado mental dos bonecos, domínio alvo, aliados às expressões faciais. Logo, a imagem evoca o sentido de pensamentos positivo e negativo. Se considerarmos o sentido convencional da leitura em nossa cultura da esquerda para a direita, o boneco otimista pode estar reagindo ao estado emocional do boneco pessimista, como uma forma de reação ao estado mental primeiro boneco.

Todavia, no contexto discursivo e metodológico desta análise, *otimismo* será parte do domínio alvo RESILIÊNCIA, enquanto a figura como um todo será o domínio fonte para conceituação de RESILIÊNCIA com base no MCD *otimismo*, como uma reação aos estados mentais negativos. Nesse sentido, devido à relação entre imagem e MCD no contexto desta análise, a metáfora torna-se verbo-pictórica, passando de monomodal a multimodal.

Considerando a definição do MCD *otimismo* por Barbosa (2019, p. 36, grifo nosso), sabe-se que “são as **crenças** e convicções que estão relacionadas com os pensamentos de mudanças positivas. Crenças essas que determinam a capacidade de olhar com **esperança** e enxergar novas oportunidades nos **problemas**.”. Assim, a relação entre a imagem e a definição de resiliência com base no MCD *otimismo* é conceptualizada na integração conceptual representada na figura 38.

Figura 38 – Conceptualização de resiliência-otimismo



O espaço mental de I1, aberto com base no *frame* CLIMA, reúne os elementos que compõem a imagem de uma pessoa cuja mente está com pensamentos cheios de “nuvens” e de “chuva”; e de outra pessoa cuja mente está com pensamentos de “luz” e “sol”, sem nuvens carregadas e escuras (“nuvem pequena traçada com cor clara”). Observam-se as seguintes relações vitais: REPRESENTAÇÃO, assinalada pelas chaves vermelhas no I1, visto que a imagem representa metaforicamente atitudes mentais e posturas corporais de pessoas pessimistas e otimistas, por meio de ANALOGIA, na medida em que a chuva e as nuvens carregadas escuras simbolizam pensamentos negativos e pessimistas, enquanto o sol e a nuvem pequena clara simbolizam pensamentos positivos e otimistas.

A compressão da relação vital PROPRIEDADE, devido à emissão de luz pelo sol, relaciona-se à concepção do sol como objeto luminoso que fornece uma visão clara de tudo à nossa volta, conseqüentemente um domínio fonte metaforicamente convencional para COMPREENDER É VER. A mesma relação conceptual propicia a relação entre nuvens escuras e falta de clareza de ideias, em razão de dificuldade de visão em ambientes escuros. As setas duplas azuis em ângulo reto marcam a relação de PROPRIEDADE. As propriedades dos elementos ativados no I1 revelam a INTENCIONALIDADE da mensagem transmitida pela imagem.

Assim, no nível dos espaços mentais, a imagem ativa elementos do *frame* CLIMA, para caracterizar posturas de pessoas pessimistas e otimistas por meio dos elementos que fornecem luz e escuridão. No nível domínio matriz, mais esquemático, objetos luminosos integram o domínio OBJETO (CONCRETO). As relações conceptuais estão fundamentadas pelos esquemas imagéticos de VERTICALIDADE, devido à postura das expressões faciais e dos braços dos bonecos pessimista (orientado para baixo) e otimista (orientado para cima), e OBJETO, rotina cognitiva resultante das interações com objetos existentes no ambiente.

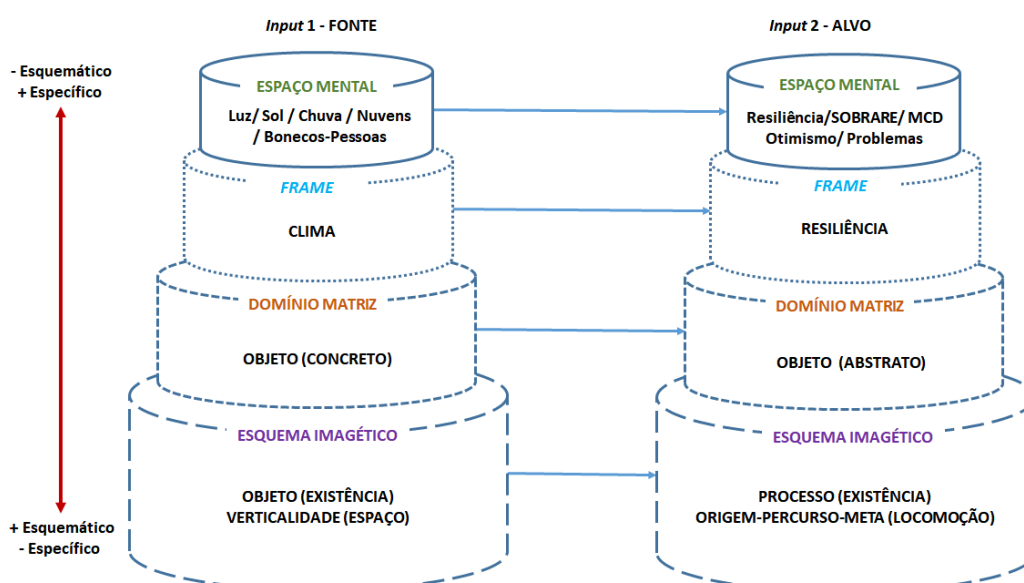
O *input 2*, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir do MCD *otimismo*. Logo, foram destacados elementos ligados à “crença”, “otimismo”, “problemas” e “resiliência”, cujas relações conceptuais envolvem compressão INTENCIONALIDADE, devido à resiliência que se pretende desenvolver. A relação PARTE-TODO também caracteriza a conexão entre os elementos do I2, pois otimismo é uma postura mental chave para lidar com problemas, de modo a alcançar a resiliência.

Assim, no I2, o item léxico *resiliência* ativa, no nível dos espaços mentais, o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE em termos de *otimismo*. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA; por sua vez, ligado ao domínio matriz OBJETO (ABSTRATO), do qual a mente faz parte, como local do corpo ligado às reflexões. Essa conceptualização de

RESILIÊNCIA está fundamentada perceptualmente pelos esquemas imagéticos PROCESSO (EXISTÊNCIA) e ORIGEM-PERCURSO-META, porque se trata de um estado psicológico construído ao longo de um caminho em processo contínuo de aperfeiçoamento.

Na figura 39, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceituais dos *Inputs* 1 e 2, já apontadas.

Figura 39 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-otimismo

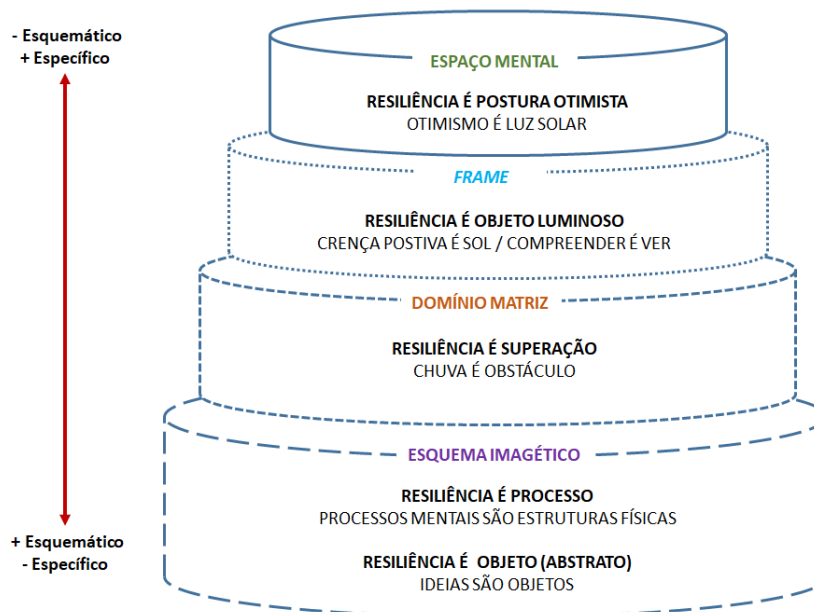


Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

O espaço genérico reúne os elementos comuns aos *Inputs* 1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de resiliência como otimismo. A interconexão entre os elementos dos *Inputs* 1-2 – “chuva-problemas”, “sol-crença”, “luz-otimismo” – por meio das relações vitais ANALOGIA, REPRESENTAÇÃO, reforça as compressões dos *inputs* ao serem projetados na mescla. Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É POSTURA OTIMISTA, visto que OTIMISMO É LUZ SOLAR surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla, tendo a imagem como domínio fonte. Nota-se a importância e influência da luz solar a partir da depressão sazonal, em que indivíduos residentes de lugares em que determinadas estações do ano possuem poucas horas de sol, ou até mesmo, nenhum horário com sol, desenvolvem depressão sazonal. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência.

Na figura 40, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis de RESILIÊNCIA É POSTURA OTIMISTA, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 40 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-otimismo



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 40, RESILIÊNCIA É POSTURA OTIMISTA encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. É estruturada pelo esquema imagético OBJETO e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO. Por isso, essa metáfora está relacionada à metáfora OTIMISMO É LUZ SOLAR, estruturada pelo esquema imagético OBJETO e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim RESILIÊNCIA É OBJETO LUMINOSO, com base em CRENÇA POSITIVA É SOL, fundamentada pela metáfora convencional COMPREENDER É VER. Ambas as metáforas são estruturadas pelo esquema imagético OBJETO. Como CHUVA É OBSTÁCULO, no domínio matriz, RESILIÊNCIA É SUPERAÇÃO, ambas estruturadas pelos esquemas imagéticos OBJETO e BLOQUEIO. O princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO fundamenta as relações conceptuais nesses níveis de *frame* e domínio matriz.

No nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, se IDEIAS SÃO OBJETOS, RESILIÊNCIA É OBJETO (ABSTRATO). Ainda nesse nível, RESILIÊNCIA É PROCESSO, com base em PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS, recrutadas para manter os pensamentos positivos: OTIMISMO.

Nessa análise, há um forte contraste entre *claro versus escuro*, visto que convencionalmente, luz representa aspectos positivos; enquanto escuro, aspectos negativos. Como a mente humana opera de acordo com o que acredita, é necessário desenvolver uma crença otimista, para que seja possível enfrentar os problemas e as adversidades do dia a dia e ter esperança de um futuro melhor.

Um dos aspectos que auxilia o desenvolvimento da resiliência com base no otimismo é a visão clara e flexível da realidade, o que é possível por meio do MCD analisado em seguida: análise do ambiente e do contexto.

6.2.4 MCD análise do ambiente e contexto

A figura 41 ilustra a imagem selecionada para relação entre a definição do MCD *análise do ambiente e contexto* e o conceito de resiliência à luz desse MCD.

Figura 41 – MCD *análise do ambiente e contexto*



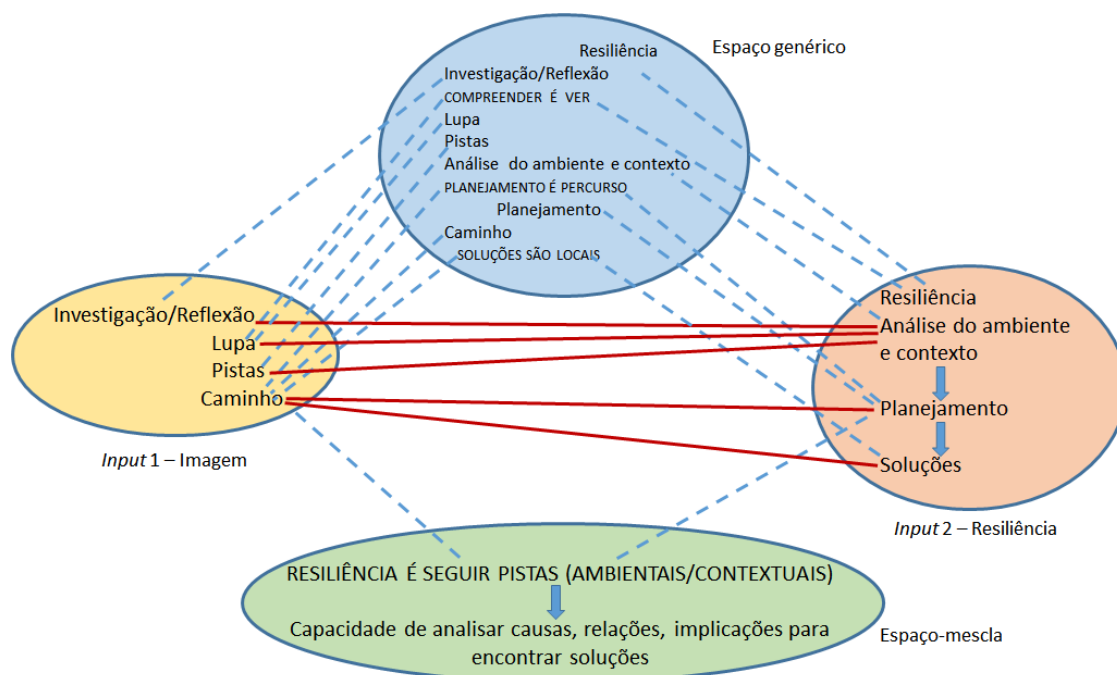
Fonte: Intelligentia, 2012. Disponível em: <http://blog.intelligentia.com.br/diagnostico-estrategico-a-analise-do-ambiente-de-competicao/>

Em termos de seu formato, a imagem da figura 41 representa REFLETIR/INVESTIGAR É SEGUIR PISTAS (AMBIENTAIS). Essa imagem foi obtida em busca no *Google*, a partir de *análise do ambiente e contexto*, termos usados como gatilho linguístico. Logo, a imagem evoca o sentido de REFLEXÃO/INVESTIGAÇÃO, domínio alvo, conduzida em uma TRAJETÓRIA, a partir de PISTAS (domínio fonte).

Entretanto, ao estabelecer a relação entre a imagem e o conceito de resiliência com base no MCD *análise do ambiente e contexto*, promovendo um contexto discursivo e metodológico desta análise, a metáfora torna-se verbo-pictórica, portanto multimodal, RESILIÊNCIA É SEGUIR PISTAS (AMBIENTAIS/CONTEXTUAIS). O domínio alvo será RESILIÊNCIA, enquanto a figura como um todo será o domínio fonte para conceituação de RESILIÊNCIA.

De acordo com Barbosa (2019, p. 34, grifo nosso), compreende-se como a “área da resiliência que atua em crenças que determinam a capacidade de **leitura do ambiente**. Desenvolver a habilidade de capturar com clareza as pistas que demonstram os riscos que estão presentes em uma situação de adversidade e de **planejar soluções**”. Assim, a relação entre a imagem e a definição de resiliência com base no MCD *análise do ambiente e contexto* é conceptualizada na integração conceptual representada na figura 42.

Figura 42 – Conceptualização de resiliência-análise do ambiente/ contexto



Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2021

Os elementos do espaço mental de I1, aberto com base no *frame* INVESTIGAÇÃO/ANÁLISE reúne os elementos que compõem a imagem de uma pessoa que utiliza uma “lupa” para a “investigação/reflexão” de uma “pista” ao longo do “caminho”. Observam-se as relações vitais de ESPAÇO, devido ao ambiente em que estão as pistas e o caminho; REPRESENTAÇÃO, em que a imagem representa uma análise; CAUSA-EFEITO, considerando que as pistas direcionam a um caminho de investigação; bem como INTENCIONALIDADE da mensagem transmitida pela imagem de uma investigação/análise.

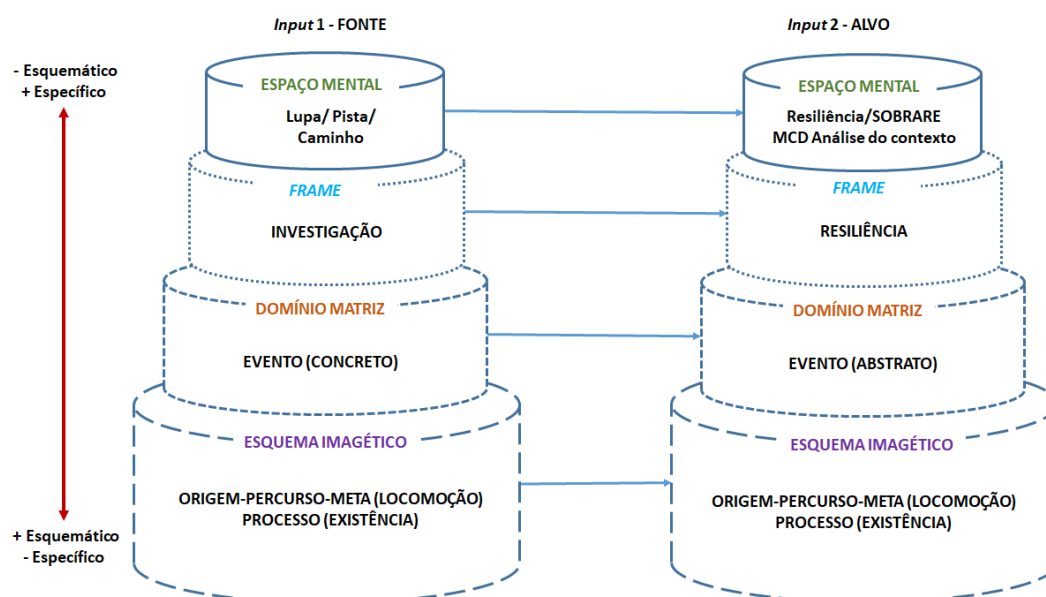
Assim, no nível dos espaços mentais do I1, a imagem ativa elementos do *frame* INVESTIGAÇÃO/ANÁLISE, que, por sua vez, se relaciona ao domínio matriz EVENTO (CONCRETO), mais esquemático, já que investigar/analisar algo consiste em um tipo de evento. Essas relações conceptuais são fundamentadas pelos esquemas imagéticos ORIGEM-PERCURSO-META (LOCOMOÇÃO) e PROCESSO (EXISTÊNCIA), visto que investigações e análises são processos que envolvem um caminho a ser serguido em etapas iniciais, intermediárias e finais, com metas a alcançar.

O *input 2*, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir do MCD *análise do ambiente e contexto*. Nesse *input*, encontra-se os elementos “análise do ambiente e contexto”, “planejamento” e “soluções”, visto que, para alcançar “resiliência”, é necessário refletir sobre a realidade, a fim de planejar e encontrar soluções para os problemas.

Observam-se as seguintes relações vitais: INTENCIONALIDADE em conquistar a resiliência; CAUSA-EFEITO, devido à relação de causalidade entre *análise*, que gera *planejamento*, que, por sua vez, leva à *solução de problemas*. Os elementos ativados no nível dos espaços do I2, ativam, com base na definição de resiliência à luz do MCD *análise do ambiente e contexto*, o *frame* RESILIÊNCIA, parte do domínio matriz EVENTO (ABSTRATO), em razão de seu caráter mental. Assim como ocorre no I1, essas relações conceptuais são fundamentadas pelos esquemas imagéticos ORIGEM-PERCURSO-META (LOCOMOÇÃO) e PROCESSO (EXISTÊNCIA), visto que investigações e análises são processos que envolvem um caminho a ser serguido em etapas.

Na figura 43, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceptuais dos I1-2, já apontadas.

Figura 43 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-análise do ambiente/contexto



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

A figura 43 exhibe as estruturas conceituais em termos de esquematicidade e contiguidade. No I1, os espaços mentais ativados pelos elementos da imagem ativam o *frame* INVESTIGAÇÃO/ANÁLISE, inserido no domínio matriz EVENTO (CONCRETO), mais esquemático, porque investigações/análises são um tipo de evento. Em termos ainda mais esquemáticos, no nível dos esquemas imagéticos, há ORIGEM-PERCURSO-META, considerando que toda investigação é composta por uma fase inicial, com um caminho a percorrer e uma meta a alcançar, e PROCESSO, que fundamentam essas relações conceituais a partir de experiências ligadas a processos com várias etapas.

No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE em termos de *análise do ambiente e contexto*. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, ligado ao domínio matriz EVENTO (ABSTRATO), pois a busca para alcançar a resiliência é um evento em termos abstratos, realizado por estados e atitudes mentais. Essa conceptualização de RESILIÊNCIA está fundamentada perceptualmente pelos esquemas imagéticos PROCESSO (EXISTÊNCIA) e ORIGEM-PERCURSO-META, devido à natureza dessa busca.

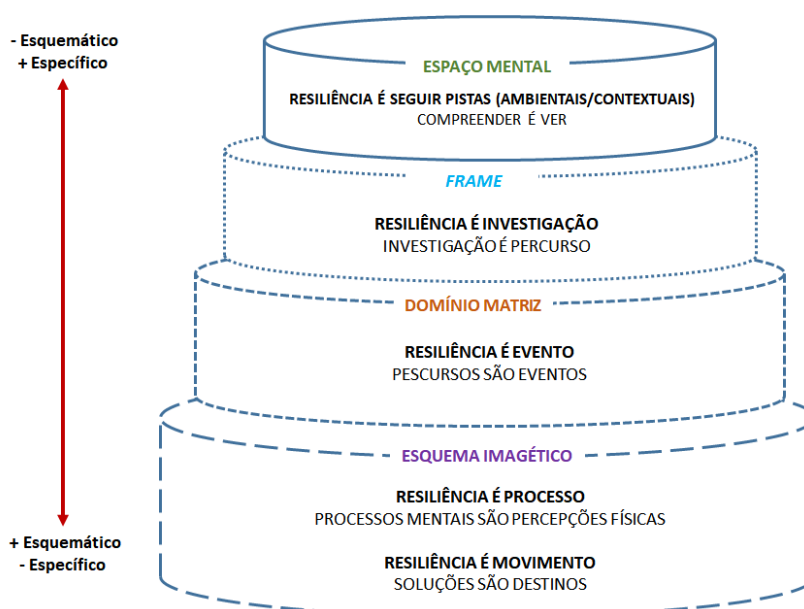
O espaço genérico reúne os elementos comuns aos I1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de resiliência como *análise do ambiente e contexto*. A

interconexão entre os elementos dos Is1-2, investigação-análise do ambiente/contexto, por meio das relações vitais ANALOGIA, REPRESENTAÇÃO, reforça as compressões dos *inputs* ao serem projetados na mescla.

Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É SEGUIR PISTAS (AMBIENTAIS/CONTEXTUAIS) surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla tendo a imagem como domínio fonte. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência.

Na figura 44, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis de RESILIÊNCIA É SEGUIR PISTAS (AMBIENTAIS/CONTEXTUAIS), distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 44 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-análise do ambiente/contexto



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 44, RESILIÊNCIA É SEGUIR PISTAS (AMBIENTAIS/CONTEXTUAIS) encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*, visto que COMPREENDER É VER o que o ambiente/contexto sinaliza antes de chegar a uma solução para o que aflige. No nível do *frame*, essa metáfora está relacionada à metáfora RESILIÊNCIA É INVESTIGAÇÃO, ligada à INVESTIGAÇÃO É PERCURSO, ambas as metáforas são

estruturadas pelos esquemas imagéticos OBJETO e PROCESSO e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível do domínio matriz, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim RESILIÊNCIA É EVENTO, com base em PESCUSOS SÃO EVENTOS, devido à busca da resiliência. No nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, encontram-se RESILIÊNCIA É PROCESSO, porque PROCESSOS MENTAIS SÃO PERCEPÇÕES FÍSICAS, e RESILIÊNCIA É MOVIMENTO, já que SOLUÇÕES SÃO DESTINOS, encontrados após análise e planejamento do ambiente/contexto, ao longo do processo de desenvolvimento da resiliência. Tais metáforas são motivadas pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

A importância de analisar o ambiente/ contexto dá-se pela necessidade de observar e refletir sobre possíveis causas, consequências e soluções de cada adversidade. Decisões são tomadas a todo momento, por isso precisam ser pensadas com cautela, para garantir uma escolha favorável na resolução dos problemas. Há de se desenvolver flexibilidade mental para uma adaptação a uma determinada situação, administrando as informações com equilíbrio.

Em seguida, passa-se à análise do quinto MCD.

6.2.5 MCD empatia

Outro aspecto necessário ao desenvolvimento da resiliência é a empatia, representada na figura 45.

Figura 45 – MCD *empatia*

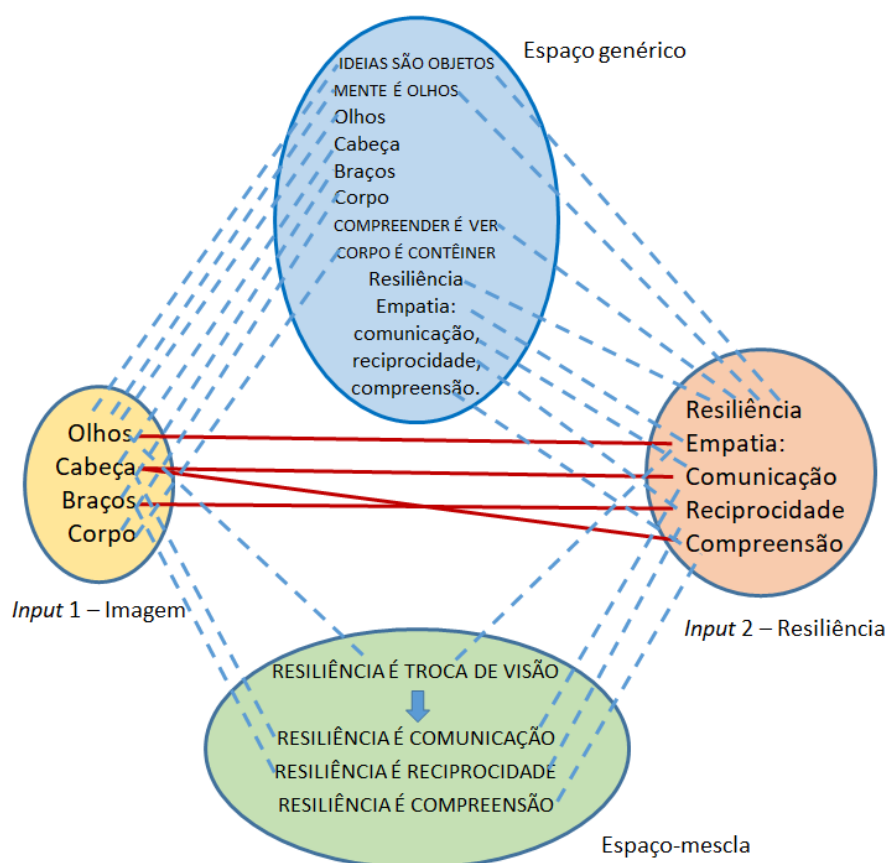


Fonte: Viva Bem, 2018. Disponível em:
<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/12/13/empatia-pode-ser-ensinada-saiba-como-incentiva-la-nas-criancas.htm>

Com base em seu formato, a imagem da figura 45 pode ser considerada uma metáfora pictórica monomodal para *empatia*, termo usado como critério de busca no *Google*, visto que apresenta apenas elementos visuais, em que duas mulheres veem por meio dos olhos uma da outra, caracterizando a empatia como ver com os olhos dos outros: EMPATIA É TROCA DE VISÃO. Ao estabelecer uma relação entre a imagem e o papel do MCD *empatia* para conceituar resiliência, a imagem como um todo passa a ser o domínio fonte no contexto discursivo e metodológico desta análise, de modo a configurar uma metáfora verbo-pictórica, multimodal.

Considerando sua definição por Barbosa (2019, p. 35, grifo nosso), “essa é uma área da resiliência que atua na capacidade de uma pessoa **se comunicar** de tal forma que a outra pessoa, ao recebê-la, interprete e **compreenda** como coerentes para ela e para sua realidade. Essa sintonia favorece a **reciprocidade**”. Assim, a relação entre a imagem e a definição de resiliência com base no MCD *empatia* é conceptualizada na integração conceptual representada na figura 46.

Figura 46 – Conceptualização de resiliência-empatia



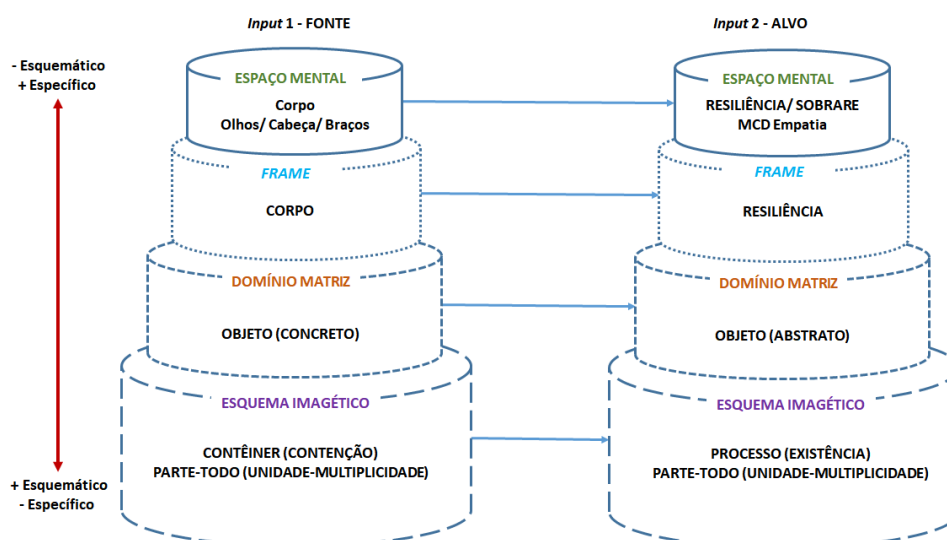
O espaço mental de I1, aberto com base no *frame* CORPO, reúne os elementos que compõem a imagem de duas pessoas (“corpos”) com destaque para “olhos”, “cabeça” e “braços”, partes do corpo que representam uma troca de “olhos” (perspectivas), valendo-se dos “braços” uma da outra para estabelecer essa troca de olhar. Nesse sentido, os braços podem ser considerados uma expressão de reciprocidade que reforça a troca de perspectivas (olhares).

Observam-se as seguintes relações conceituais entre os elementos do I1: ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO, porque os olhos e os braços estão representando diferentes pontos de vista compartilhados com reciprocidade; CAUSA-EFEITO, em que a troca dos olhos (causa) expressa a compreensão do ponto de vista da outra pessoa (efeito); INTENCIONALIDADE da mensagem a ser transmitida pela imagem positiva da necessidade de compreensão mútua; PARTE-TODO, em razão das partes do corpo destacadas. No nível dos espaços mentais, os elementos da imagem ativam elementos do *frame* CORPO, que, por sua vez, se relaciona ao domínio matriz OBJETO (CONCRETO), mais esquemático, porque corpos são vistos como objetos. Os esquemas imagéticos CONTÊINER e PARTE-TODO, fundamentam, ainda mais esquematicamente, essas estruturas conceituais.

O *input* 2, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir do MCD *empatia*. Assim, foram destacados elementos ligados à “resiliência” e à “empatia”, em termos de “comunicação”, “reciprocidade” e “compreensão”, aspectos destacados na definição do MCD *empatia*. Esses elementos comprimem relações vitais de INTENCIONALIDADE no alcance da resiliência; PARTE-TODO, em razão dos aspectos destacados sobre agir de forma empática.

No nível dos espaços mentais, o conceito de *empatia*, definido pela SOBRARE como um propriedade da resiliência, ativa o *frame* RESILIÊNCIA, parte do domínio matriz OBJETO (ABSTRATO), fundamentado, por sua vez, pelos esquemas imagéticos PROCESSO (EXISTÊNCIA) e PARTE-TODO (UNIDADE-MULTIPLICIDADE), devido à nossa experiência com processos e objetos estruturados em etapas.

Na figura 47, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceituais dos Is1-2, já apontadas.

Figura 47 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-empatia

Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

A figura 47 exhibe as estruturas conceituais em termos de esquematicidade e contiguidade. No I1, os espaços mentais ativados pelos elementos da imagem ativam, por sua vez, o *frame* CORPO, inserido no domínio matriz OBJETO (CONCRETO), mais amplo. Em termos mais esquemáticos, o nível dos esquemas imagéticos fundamenta de CONTÊINER (CONTENÇÃO), partir de experiências perceptuais ligadas ao corpo conter pensamentos e emoções, e PARTE-TODO, considerando que os olhos são a parte do corpo que representam todas as partes responsáveis por visão e compreensão de informações, sentimentos, perspectivas.

No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE em termos de *empatia*. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, que integra o domínio matriz OBJETO (ABSTRATO), do qual a mente faz parte. O papel da relação MENTE-CORPO na conceptualização de RESILIÊNCIA está fundamentado perceptualmente pelos esquemas imagéticos PROCESSO (EXISTÊNCIA) e PARTE-TODO.

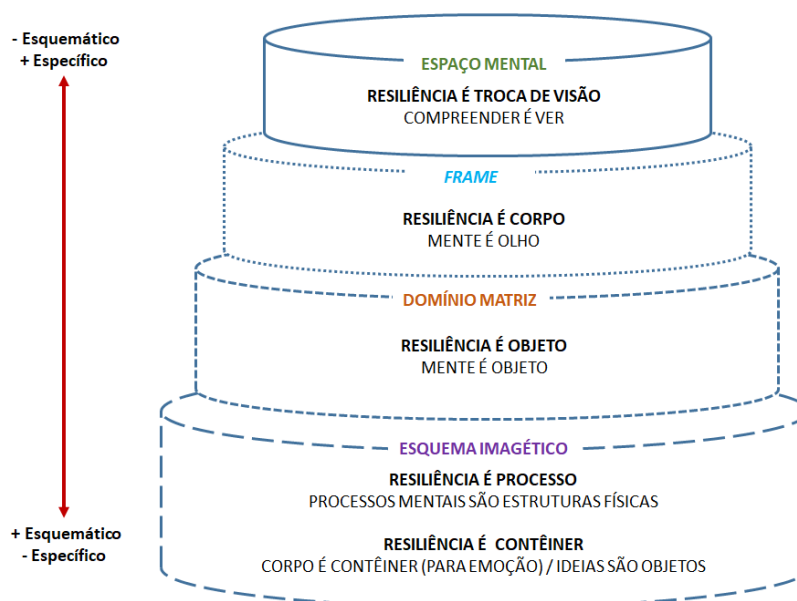
O espaço genérico reúne os elementos comuns aos I1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de resiliência como *empatia*. Assim, no espaço-mescla, a metáfora RESILIÊNCIA É TROCA DE VISÃO surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla tendo a imagem como domínio fonte. Essa metáfora, por elaboração, pode ser relacionada às outras metáforas ligadas à definição de empatia em

sua conexão com as partes do corpo destacadas na imagem: RESILIÊNCIA É COMUNICAÇÃO, RESILIÊNCIA É RECIPROCIDADE e RESILIÊNCIA É COMPREENSÃO.

Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência.

Na figura 48, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis a partir de RESILIÊNCIA É TROCA DE VISÃO, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 48 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-empatia



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 48, RESILIÊNCIA É TROCA DE VISÃO encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. Por isso, essa metáfora está relacionada à metáfora COMPREENDER É VER. Ambas as metáforas são fundamentadas pelo esquema imagético PROCESSO e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim, RESILIÊNCIA É CORPO, com base em MENTE É OLHO. Ambas estruturadas pelo esquema imagético OBJETO e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO. Como MENTE É OBJETO, no domínio

matriz, RESILIÊNCIA É OBJETO, ambas fundamentadas pelos esquemas imagéticos OBJETO e CONTÊINER, e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, RESILIÊNCIA É CONTÊINER, ligada às metáforas convencionais CORPO É CONTÊINER (PARA EMOÇÃO) e IDEIAS SÃO OBJETOS, e RESILIÊNCIA É PROCESSO a partir de PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS. Essas metáforas são motivadas pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

A partir dessa análise, é possível notar a importância de desenvolver empatia, para que sejamos capazes de compreender diferentes pontos de vista de cada pessoa e, conseqüentemente, entender a nós mesmos. Quando não há compreensão de ideias diferentes, ocorrem conflitos, guerras e conseqüências que apenas afetam negativamente a vida de cada pessoa. Logo, é essencial manter a harmonia em cada um. Além de compaixão, ter empatia também abrange ter consideração para com as necessidades e condições das pessoas, compreendendo seus estados emocional e psicológico, de forma a refletir sobre como a sua mensagem será interpretada. É necessário ter a capacidade de enxergar “pelos olhos” da outra pessoa.

Em seguida, passa-se à análise do sexto MCD.

6.2.6 MCD autoconfiança

Na figura 49, ilustra-se a imagem selecionada na busca do *Google* a partir do gatilho linguístico *autoconfiança*.

Figura 49 – MCD *autoconfiança*



Fonte: Admvital, 2014. Disponível em: <https://admvtal.com/blog/a-importancia-da-autoconfianca/>

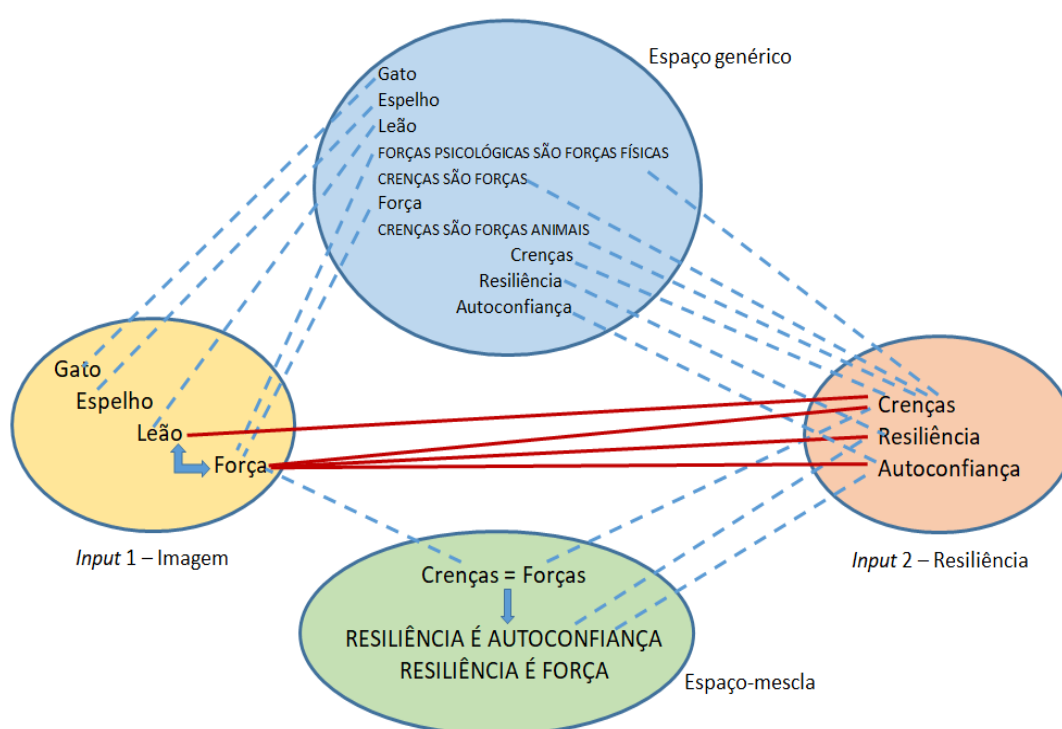
Com base em seu formato, a imagem da figura 49 pode ser considerada uma metáfora pictórica monomodal para *autoconfiança*, termo usado como critério de busca no *Google*, porque apresenta apenas elementos visuais. Logo, a imagem evoca o sentido de CONFIANÇA, domínio alvo, através de FELINOS (domínio fonte). Todavia, no contexto discursivo e metodológico desta análise, *autoconfiança* será parte do domínio alvo RESILIÊNCIA, enquanto a figura como um todo será o domínio fonte para conceituação de RESILIÊNCIA com base no MCD *autoconfiança*. Nesse sentido, devido à relação entre imagem e MCD no contexto desta análise, a metáfora torna-se verbo-pictórica, multimodal.

De acordo com a definição de Barbosa (2019, p. 33, grifo nosso), sabe-se que

no contexto da **resiliência**, essa é uma área que atua nas **crenças** que determinam a condição de sentir-se confiante para realizar aquilo a que se propõe. Trata-se da **confiança** que uma pessoa tem nas suas habilidades para solucionar problemas e conflitos, de se sentir apto por meio de seus recursos pessoais ou de recorrer aos recursos que estão presentes no ambiente.

Assim, a relação entre a imagem e a definição de resiliência com base no MCD *autoconfiança* e a imagem é conceptualizada na integração conceptual representada na figura 50.

Figura 50 – Conceptualização de resiliência-autoconfiança

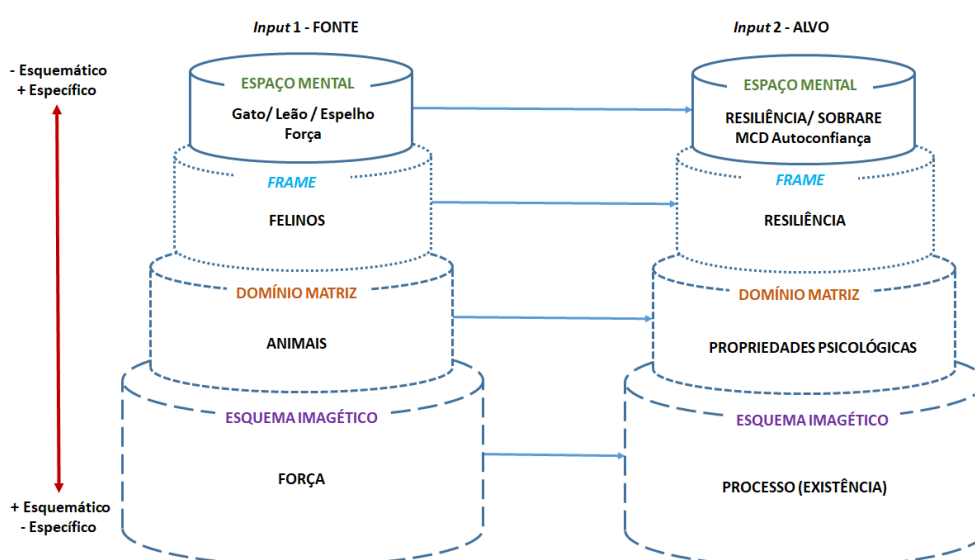


O espaço mental de I1, aberto com base no *frame* FELINOS, reúne os elementos que compõem a imagem de um “gato” que, ao olhar seu reflexo no “espelho”, vê um “leão”, simbolizando “força”. Observam-se as seguintes relações vitais: (i) ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO, pois a imagem representa como o autoconhecimento é necessário, para que haja um olhar interno de autoconfiança; (ii) INTENCIONALIDADE em emitir uma mensagem de força e autoconfiança por meio da imagem; (iii) CATEGORIA e PARTE-TODO, porque felinos são parte da categoria ANIMAIS; (iv) MUDANÇA e IDENTIDADE, devido à força de leão adquirida pelo gato autoconfiante; (v) PROPRIEDADE, por se tratar de um dos atributos do leão. No nível dos espaços mentais, a imagem ativa elementos do *frame* FELINOS, que, por sua vez, se relaciona ao domínio matriz ANIMAIS, mais esquemático, porque abarca também todos os animais.

O *input 2*, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir do MCD *autoconfiança*. Assim, foram ativados os elementos “crenças”, “autoconfiança” e “resiliência”. Como *autoconfiança* é um dos MCDs que compõe as crenças a serem desenvolvidas para se tornar resiliente, a relação parte-todo também está presente na relação entre “autoconfiança” e “resiliência”. A relação de INTENCIONALIDADE também presente, devido ao propósito de alcançar resiliência por meio da *autoconfiança*.

Na figura 51, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceituais dos Is1-2, já apontadas.

Figura 51 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-autoconfiança



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

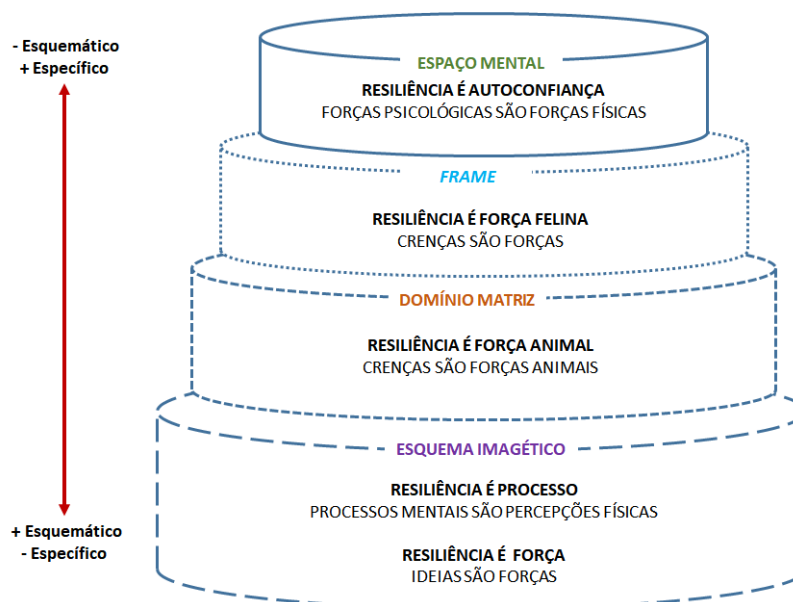
A figura 51 exhibe as estruturas conceptuais em termos de esquematicidade e contiguidade. No I1, os espaços mentais ativados pelos elementos da imagem ativam, por sua vez, o *frame* FELINOS, inserido no domínio matriz ANIMAL, mais amplo, porque abarca também todos os animais. Em termos mais esquemáticos, o nível dos esquemas imagéticos, FORÇA fundamenta a relação entre a força animal e as experiências perceptuais ligadas à força de personalidade adquirida pelo gato autoconfiante.

No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE em termos de autoconfiança. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, ligado ao domínio matriz PROPRIEDADES PSICOLÓGICAS, do qual resiliência faz parte. Essa conceptualização de RESILIÊNCIA está fundamentada perceptualmente pelos esquemas imagéticos PROCESSO/EXISTÊNCIA, por se tratar de um processo complexo de desenvolver autoconfiança e resiliência.

O espaço genérico reúne os elementos comuns aos Is1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de resiliência como autoconfiança. A interconexão entre os elementos dos Is1-2 “crenças-força”, por meio das relações vitais ANALOGIA, REPRESENTAÇÃO, reforça as compressões dos *inputs* ao serem projetados na mescla. Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É AUTOCONFIANÇA surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla tendo a imagem como domínio fonte. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE, complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência.

Na figura 52, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis de RESILIÊNCIA É AUTOCONFIANÇA, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 52 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-autoconfiança



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 52, RESILIÊNCIA É AUTOCONFIANÇA encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. Por isso, essa metáfora está relacionada à FORÇAS PSICOLÓGICAS SÃO FORÇAS FÍSICAS, estruturada pelo esquema imagético FORÇA e pelo princípio cognitivo CONCRETO PELO ABSTRATO.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim RESILIÊNCIA É FORÇA FELINA, com base em CRENÇAS SÃO FORÇAS, estruturadas pelo esquema imagético FORÇA. Como CRENÇAS SÃO FORÇAS ANIMAIS, no domínio matriz, RESILIÊNCIA É FORÇA ANIMAL, estruturadas pelo esquema imagético OBJETO e pelo princípio cognitivo CONCRETO PELO ABSTRATO.

No nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, RESILIÊNCIA É PROCESSO com base em PROCESSOS MENTAIS SÃO PERCEPÇÕES FÍSICAS e RESILIÊNCIA É FORÇA, com base em IDEIAS SÃO FORÇAS. Essas metáforas são motivadas pelo princípio cognitivo CONCRETO PELO ABSTRATO.

A partir dessa análise, nota-se a necessidade de desenvolver autoconhecimento, a fim de cada pessoa reconheça seu valor e adquira autoconfiança para executar as tarefas diárias necessárias para viver. Sem autoconfiança, o excesso de medo frente às adversidades pode acarretar a não resolução destas; logo, é importante acreditar que há capacidade de resolver os

problemas da melhor maneira. Nessa análise, consideramos que o gato se espelha na qualidade de força que o leão possui, baseando-se, assim, na psicologia positiva. Dessa forma, a autoconfiança transmite segurança para interagir com as pessoas, conquistando-as. Essa conquista de pessoas é o próximo MCD analisado.

6.2.7 MCD conquistar e manter pessoas

Na figura 53, ilustra-se a imagem selecionada na busca do *Google* a partir do gatilho linguístico *conquistar e manter pessoas*.

Figura 53 – MCD *conquistar e manter pessoas*



Fonte: Poesia em Prosa. Disponível em:
<http://poesiaemtrovas.blogspot.com/2012/06/trova-legenda-ate-1-de-julho.html>

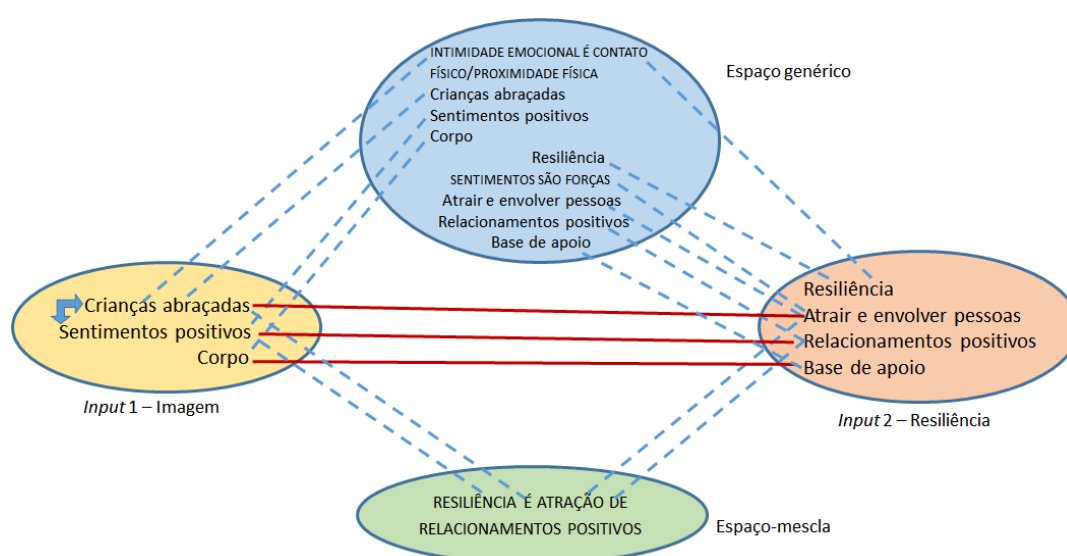
A imagem da figura 53 representa ABRAÇO É SENTIMENTO POSITIVO, em que quatro crianças se abraçam, o que pode ser convencionalmente ligado a sentimentos positivos como amizade e amor. O abraço coletivo seria o domínio fonte, enquanto amizade/amor seria o domínio alvo. A imagem, como um todo, passa a domínio fonte, ao ser relacionada à conceituação de RESILIÊNCIA com base no MCD *conquistar e manter pessoas*, o domínio alvo, configurando uma metáfora verbo-pictórica, multimodal, no contexto discursivo e metodológico desta análise.

De acordo com a definição de Barbosa (2019, p. 36, grifo nosso),

esta é a área da resiliência, que atua nas crenças que determinam a capacidade de **atração e envolvimento de outras pessoas**, para uma mesma causa ou propósito. Também é uma área que possibilita agregar e cultivar relacionamentos positivos, tornando-os consolidados para uma **base de apoio** e segurança.

Assim, a relação entre a imagem e a definição de resiliência com base no MCD *conquistar e manter pessoas* é conceptualizada na integração conceptual representada na figura 54.

Figura 54 - Conceptualização de resiliência-conquistar e manter pessoas



Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2021

O espaço mental de II reúne os elementos “crianças abraçadas” e “sentimentos positivos”, ligados pela relação vital PROPRIEDADE (marcada pela seta dupla), visto que abraços são manifestações corporais convencionalmente relacionadas a sentimentos positivos como amizade e amor em nossa cultura. A relação vital de propriedade relaciona-se à de PARTE-TODO, já que abraço é parte da manifestações físicas que expressam sentimentos positivos. Essa última relação orienta a ativação do *frame* ABRAÇO, parte, por sua vez, do domínio matriz MANIFESTAÇÕES CORPORAIS.

Observam-se ainda as relações vitais de REPRESENTAÇÃO e INTENCIONALIDADE, considerando que a imagem representa um contexto de partilhamento de amizade e amor, intenção da mensagem visual evocada. As relações entre espaços mentais *frame* e domínio matriz é fundamentada pelos esquemas imagéticos de CONTATO (ESPAÇO) e ATRAÇÃO

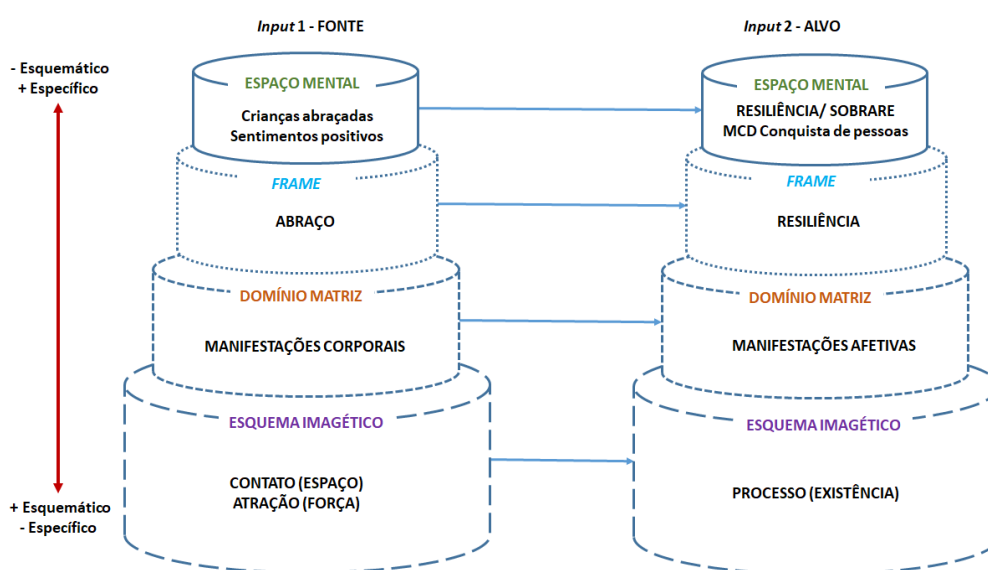
(FORÇA), devido à atração e à busca de contato experienciada por pessoas que partilham sentimentos positivos.

O I2 reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir do MCD *conquistar e manter pessoas*. Assim, foram destacados elementos ligados à “resiliência” a partir da definição do MCD *conquistar e manter pessoas*: “atrair e envolver pessoas”, “relacionamentos positivos” e “base de apoio”. Esses elementos são ligados pelas seguintes relações vitais: (i) PARTE-TODO, porque tais elementos consistem em focos de sentido da definição como um todo; (ii) INTENCIONALIDADE, devido ao propósito de alcançar resiliência por meio da conquista e envolvimento de pessoas em causas comuns por parte de quem busca se tornar resiliente com base na condução de projetos comuns; (iii) CAUSA-EFEITO, na medida em que “atrair e envolver pessoas” (CAUSA) visa conquistar uma “base de apoio” (EFEITO).

Logo, no nível dos espaços do I2, os elementos ativados, por meio dos termos usados na definição, são fundamentados pelo *frame* RESILIÊNCIA, ligados ao domínio matriz MANIFESTAÇÕES AFETIVAS, em razão de a postura resiliente ser obtida pela atração e envolvimento de pessoas. Essas estruturas conceptuais são baseadas no esquema imagético PROCESSO (EXISTÊNCIA), devido à experiência com eventos processuais em analogia com o alcance da resiliência.

Na figura 55, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceptuais dos Is1-2.

Figura 55 – Estruturas conceptuais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-conquistar e manter pessoas



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

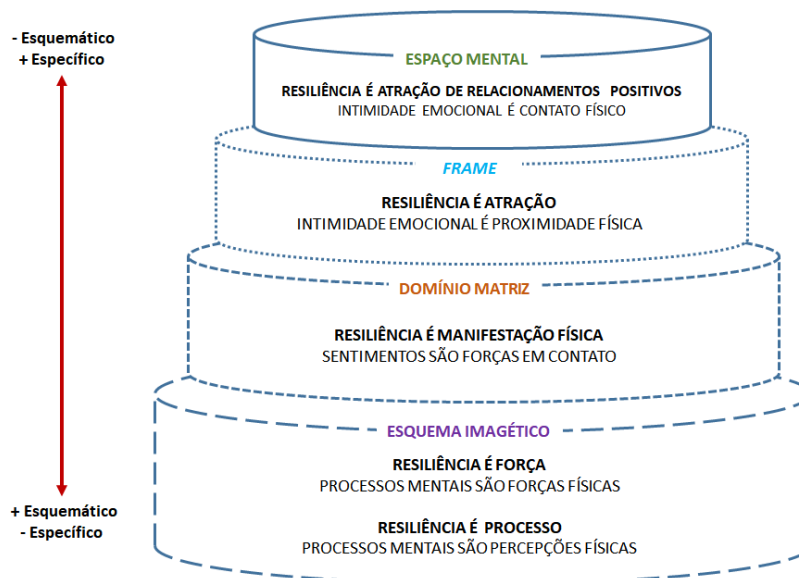
A figura 55 exhibe as estruturas conceptuais em termos de esquematicidade e contiguidade. No I1, os espaços mentais ativados pelos elementos da imagem ativam, por sua vez, o *frame* ABRAÇO, inserido no domínio matriz MANIFESTAÇÕES CORPORAIS. Em termos mais esquemáticos, o nível dos esquemas imagéticos CONTATO (ESPAÇO) e ATRAÇÃO (FORÇA) a partir de experiências perceptuais ligadas ao contato físico entre pessoas que se sentem atraídas pela força das emoções.

No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE em termos de conquistar pessoas. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, parte do domínio matriz, mais esquemático, MANIFESTAÇÕES AFETIVAS. Essa estruturas conceptuais estão fundamentadas pelo esquema imagético PROCESSO (EXISTÊNCIA).

O espaço genérico reúne os elementos comuns aos Is1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de resiliência como conquistar pessoas. A interconexão entre os elementos dos Is1-2, por meio das relações vitais ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO, reforça as compressões dos *inputs* ao serem projetados na mescla. Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É ATRAÇÃO DE RELACIONAMENTOS POSITIVOS surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla, tendo a imagem como domínio fonte. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência.

Na figura 56, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis de RESILIÊNCIA É ATRAÇÃO DE RELACIONAMENTOS POSITIVOS, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 56 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-conquistar e manter pessoas



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 56, RESILIÊNCIA É ATRAÇÃO DE RELACIONAMENTOS POSITIVOS encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. Por isso, essa metáfora está relacionada à metáfora INTIMIDADE EMOCIONAL É CONTATO FÍSICO. Ambas metáforas são estruturadas pelo esquema imagético CONTATO e pelo princípio cognitivo CONCRETO PELO ABSTRATO.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim RESILIÊNCIA É ATRAÇÃO, com base em INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE FÍSICA, ambas estruturadas pelo esquema imagético FORÇA e pelo princípio CONCRETO SOBRE ABSTRATO. No nível do domínio matriz, há RESILIÊNCIA É MANIFESTAÇÃO FÍSICA, já que SENTIMENTOS SÃO FORÇAS EM CONTATO. Como PROCESSOS MENTAIS SÃO FORÇAS FÍSICAS, RESILIÊNCIA É FORÇA no nível do esquema imagético, assim como RESILIÊNCIA É PROCESSO, visto que PROCESSOS MENTAIS SÃO PERCEPÇÕES FÍSICAS.

Essas metáforas evidenciam conceptualizações metafóricas ligadas a interação e proximidade entre pessoas, de modo a contribuir com seu desenvolvimento pessoal e alcance da resiliência. A importância de conquistar e manter pessoas por perto dá-se pela necessidade de trabalho em conjunto para que todos ajudem uns aos outros. Partilhar sentimentos positivos é fundamental para a construção da base emocional.

Essa base emocional surgida da interação entre as pessoas reaciona-se ao sentido da vida, MCD analisado, em seguida.

6.2.8 MCD sentido de vida

Na figura 57, ilustra-se a imagem selecionada na busca do *Google* Imagens a partir do gatilho linguístico *sentido de vida*.

Figura 57 – MCD *sentido de vida*

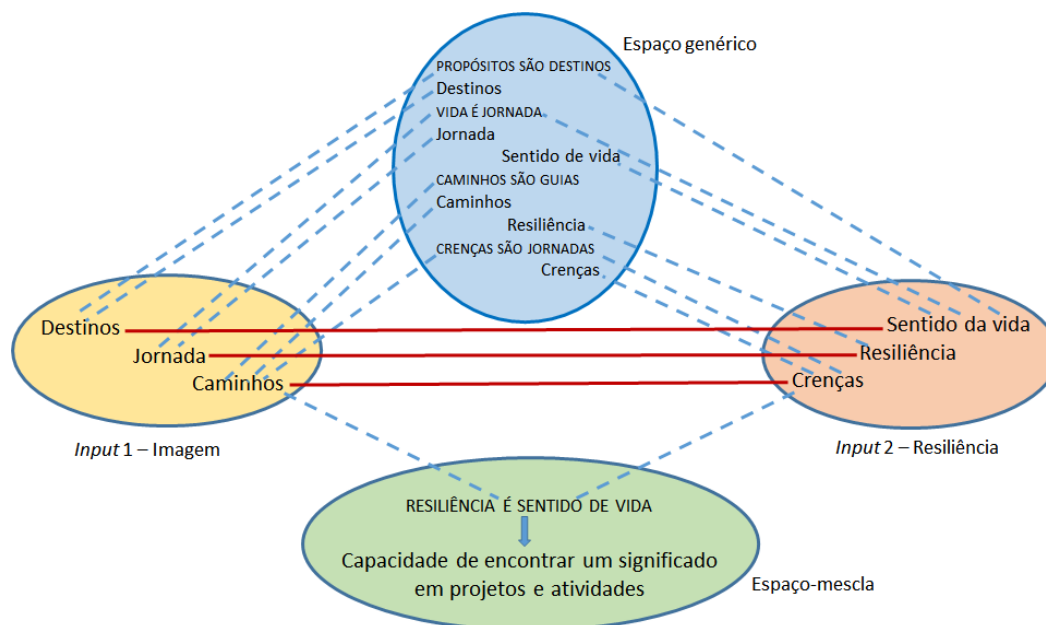


Fonte: CVV. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/blog/qual-o-sentido-da-vida/>

A figura 57, obtida no *Google* Imagens por meio da expressão *sentido de vida*, usada como critério de busca, representa VIDA É JORNADA. Nessa metáfora, VIDA, como domínio alvo, é conceptualizada por meio dos CAMINHOS/ESTRADA BIFURCADA (domínio fonte) da imagem. Devido à relação estabelecida entre a imagem como um todo, que passa a funcionar como domínio fonte, e o conceito de RESILIÊNCIA (domínio alvo), ligado ao MCD *sentido de vida*, no contexto discursivo e metodológico desta análise, a conceptualização metafórica adquire um caráter multimodal.

Segundo Barbosa (2019, p. 37, grifo nosso), as “**crenças** relacionadas ao *sentido de vida* [...] determinam a capacidade de encontrar um significado nos projetos e atividades em que estamos envolvidos”. Assim, a relação entre a imagem e a definição de resiliência com base no MCD *sentido de vida* é conceptualizada na integração conceptual representada na figura 58.

Figura 58 – Conceptualização de resiliência-sentido de vida



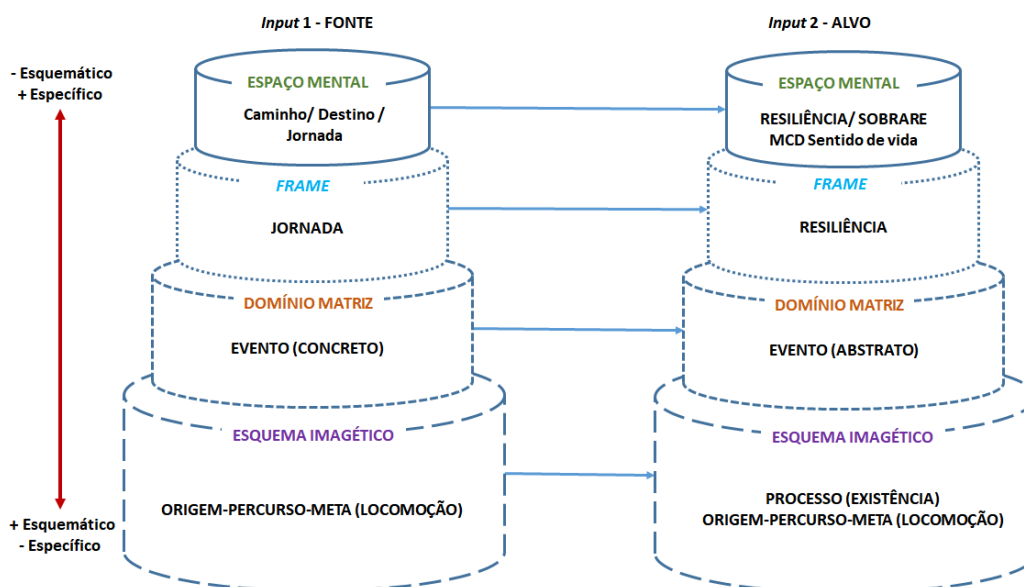
Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2021

O espaço mental de I1, aberto com base no *frame* JORNADA, reúne os elementos que compõem a imagem de uma estrada bifurcada com dois “caminhos” que levam a “destinos” diferentes em uma “jornada”. Observam-se as relações vitais de REPRESENTAÇÃO, visto que a imagem representa dois caminhos de vida a seguir, e de INTENCIONALIDADE, pois o propósito de uma jornada é chegar a um destino. Os espaços mentais ativam elementos do *frame* JORNADA, que, por sua vez, se relaciona ao domínio matriz EVENTO (CONCRETO), mais esquemático. O esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META subjaz, em termos mais esquemáticos, à busca de propósito de vida.

O *input 2*, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir do MCD *sentido de vida*. Assim, foram destacados elementos ligados à “crenças”, “sentido de vida” e “resiliência”, em uma relação vital INTENCIONALIDADE de alcançar resiliência.

Na figura 59, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceituais dos Is1-2, já apontadas.

Figura 59 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-sentido de vida



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

A figura 59 exhibe as estruturas conceituais em termos de esquematicidade e contiguidade. No I1, os espaços mentais abertos pelos elementos da imagem ativam, por sua vez, o *frame* JORNADA, inserido no domínio matriz EVENTO (CONCRETO). Em termos mais esquemáticos, no nível dos esquemas imagéticos, ORIGEM-PERCURSO-META fundamenta essas estruturas conceituais, a partir de experiências perceptuais ligadas a andar por caminhos que levam a um destino.

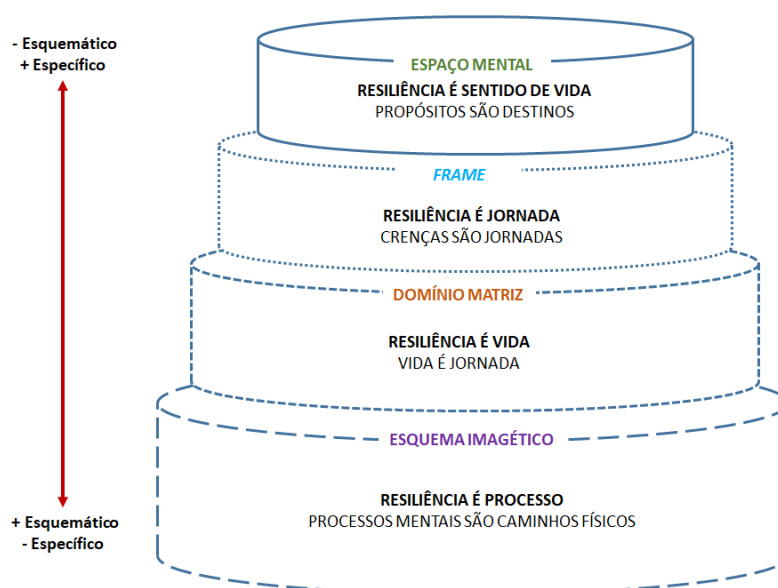
No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE em termos de *sentido de vida*. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, ligado ao domínio matriz EVENTO (ABSTRATO), de que buscar resiliência faz parte. Essa relação na conceptualização de RESILIÊNCIA está fundamentada pelos esquemas imagéticos PROCESSO (EXISTÊNCIA) e ORIGEM-PERCURSO-META, na medida em que alcançar resiliência é um processo que envolve etapas percorridas ao longo da jornada da vida.

O espaço genérico reúne os elementos comuns aos I1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de *resiliência-sentido de vida*. A interconexão entre os elementos dos I1-2, “crenças-caminhos”, “jornada-resiliência” e “destinos-sentido de vida”, comprimem relações vitais de ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO que reforçam as compressões dos *inputs* ao serem projetadas na mescla. Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É SENTIDO DE VIDA surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados, projetados na mescla,

tendo a imagem como domínio fonte: crenças são caminhos seguidos ao longo da jornada pela resiliência com vistas a encontrar o sentido da vida como um destino a ser buscado. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE, complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência – *sentido de vida*.

Na figura 60, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis de RESILIÊNCIA É SENTIDO DE VIDA, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 60 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-sentido de vida



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 60, RESILIÊNCIA É SENTIDO DE VIDA encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. Por isso, essa metáfora está relacionada à metáfora PROPÓSITOS SÃO DESTINOS. Ambas fundamentadas pelo esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim RESILIÊNCIA É JORNADA, com base em CRENÇAS SÃO JORNADAS. Como VIDA É JORNADA, no domínio matriz, RESILIÊNCIA É VIDA. Todas essas metáforas são fundamentadas pelo esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META. No nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, RESILIÊNCIA

É PROCESSO, com base em PROCESSOS MENTAIS SÃO CAMINHOS FÍSICOS, recrutadas para tratar de um processo complexo de descoberta do sentido de vida para cada pessoa individualmente.

A partir dessa análise, nota-se a importância de cada pessoa descobrir seu sentido de vida, seu propósito e seu valor. Sem isso, a pessoa tende a sentir-se sem forças para continuar a viver ao lidar com tantas adversidades diárias. Porém, sempre existe a opção de escolher os caminhos da vida em âmbitos positivos e negativos; logo, faz-se necessário um processo de autoconhecimento e reflexão para decidir qual caminho trilhar em prol do benefício próprio e coletivo.

Na próxima subseção, serão retomados os mecanismos cognitivos comuns às conceptualizações analisadas na seção 6.1.

6.2.9 Mecanismos cognitivos comuns à conceptualização de resiliência à luz dos MCDs

As conceptualizações propostas para RESILIÊNCIA com base nos MCDs incluem-se na categoria das redes de escopo duplo sem conflito. De acordo com Fauconnier e Turner (2002, p. 131)²⁵,

[u]ma rede de escopo duplo tem entradas com *frames* organizacionais diferentes (e frequentemente conflitantes), bem como um *frame* organizacional para a mescla que inclui partes de cada um desses *frames* e possui uma estrutura emergente própria. Em tais redes, os dois *frames* organizadores fornecem contribuições centrais para a mescla, e suas diferenças agudas oferecem a possibilidade de ricos confrontos.

A ausência de conflito é caracterizada quando “os dois *frames* organizacionais de uma rede de escopo duplo contribuem para uma mescla que os incorpore” (FAUCCONNIER; TURNER, 2002, p. 135)²⁶. Na relação entre as imagens selecionadas na busca do *Google* Imagens e o conceito de resiliência com base dos MCDs, os espaços de entrada são fundamentados por *frames* distintos, inclusive por serem ativados por modos de expressão diferentes: imagens e textos. Consistem em conceitos multimodais de resiliência, na medida em que os elementos das imagens selecionadas contribuem para a estrutura emergente tanto

²⁵ No original: A double-scope network has inputs with different (and often clashing) organizing frames as well as an organizing frame for the blend that includes parts of each of those frames and has emergent structure of its own. In such networks, both organizing frames make central contributions to the blend, and their sharp differences offer the possibility of rich clashes.

²⁶ No original: the two organizing frames of a double-scope network are not required to clash. On occasion, they can both contribute to a blend that incorporates both of them.

quanto as definições dos modelos de crença determinantes (MCDs) a serem desenvolvidos para alcançar resiliência.

Ao relacionar imagem e parte da definição de cada MCD, fornecendo-lhe um contexto linguístico, também se integrou essa imagem a uma visão metafórica de resiliência. Logo, a construção da relação imagem-MCD pode ser conceituada como uma produção multimodal contextual e integrada a partir de Forceville (2008).

Ao fazer uma comparação entre todas as análises desta seção, nota-se que todas são orientadas pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO e pelas relações vitais de ANALOGIA, REPRESENTAÇÃO e INTENCIONALIDADE. A partir disso, é possível aferir que todas as imagens dos *inputs* 1, nessa seção, representam conceitos analogicamente, com a intencionalidade de transmitir uma mensagem. Além disso, nota-se que para alcançar o papel de resiliência, há diversos valores a serem desenvolvidos.

Em todas as análises dessa seção, com exceção do MCD *autocontrole* (6.2.1), há em comum a metáfora RESILIÊNCIA É PROCESSO. Isso demonstra que alcançar resiliência é um longo processo mental e individual.

Nas análises dos MCDs *autocontrole* (6.2.1), *leitura corporal* (6.2.2), *otimismo* (6.2.3), *análise do ambiente/contexto* (6.2.4), *empatia* (6.2.5) e *autoconfiança* (6.2.6), há em comum o esquema imagético OBJETO e a relação vital PARTE-TODO. Ademais, a análise do MCD *conquistar e manter pessoas* (6.2.7) também é guiada pela relação vital PARTE-TODO.

As análises dos MCDs *autocontrole* (6.2.1), *leitura corporal* (6.2.2) e *empatia* (6.2.5) têm em comum o esquema imagético CONTÊINER e AS METÁFORAS MENTE É CORPO, RESILIÊNCIA É CORPO e RESILIÊNCIA É CONTÊINER.

Nas análises dos MCDs *leitura corporal* (6.2.2) e *empatia* (6.2.5), o que há em comum são as metáforas MENTE É OBJETO e CORPO É CONTÊINER, além do domínio matriz OBJETO.

Já nas análises dos MCDs *otimismo* (6.2.3) e *empatia* (6.2.5), o que há em comum são as metáforas COMPREENDER É VER e IDEIAS SÃO OBJETOS. Assim, nota-se que para ter otimismo e empatia, é preciso ver as coisas de diferentes ângulos para compreender seus objetivos.

Nas análises dos MCDs *análise do ambiente/contexto* (6.2.4) e *sentido de vida* (6.2.8), há em comum o esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META e o domínio matriz EVENTO. Além disso, o MCD *sentido de vida* (6.2.8) também é norteador pelo esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META. Isso demonstra que o processo de resiliência é um percurso que tem origem ao se deparar com adversidades e possui a meta de alcançar resiliência.

As análises dos MCDs *autoconfiança* (6.2.6) e *conquistar e manter pessoas* (6.2.7) possuem em comum o esquema imagético FORÇA e a relação vital de PROPRIEDADE. Ademais,

o MCD *autocontrole* (6.2.1) também é motivado pelo esquema imagético FORÇA. Isso demonstra que é necessário ter força mental para superar as adversidades e alcançar resiliência.

As análises dos MCDs *autoconfiança* (6.2.6) e *conquistar e manter pessoas* (6.2.7) também têm em comum as metáforas PROCESSOS MENTAIS SÃO PERCEPÇÕES FÍSICAS e RESILIÊNCIA É FORÇA. Além disso, o MCD *análise do ambiente/ contexto* (6.2.4) também é orientado pela metáfora PROCESSOS MENTAIS SÃO PERCEPÇÕES FÍSICAS. Logo, observa-se que processos mentais de construção de identidade e de relacionamentos são diretamente ligados a percepções físicas.

Nas análises dos MCDs *leitura corporal* (6.2.2), *otimismo* (6.2.3) e *empatia* (6.2.5), há em comum as metáforas PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS e RESILIÊNCIA É OBJETO. Ademais, o MCD *sentido de vida* (6.2.8) também é norteado pela metáfora PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS.

As análises dos MCDs *análise do ambiente/ contexto* (6.2.4) e *conquistar e manter pessoas* (6.2.7) são motivadas pela relação vital CAUSA-EFEITO e pelo esquema imagético ESPAÇO. Além disso, as análises dos MCDs *autocontrole* (6.2.1), *leitura corporal* (6.2.2) e *empatia* (6.2.5) também são orientadas pela relação vital CAUSA-EFEITO. A partir disso, infere-se que no processo de desenvolver resiliência há diversas causas que direcionam a esse efeito.

Em seguida, passa-se à terceira seção de análises.

6.3 Análise de símbolos de resiliência

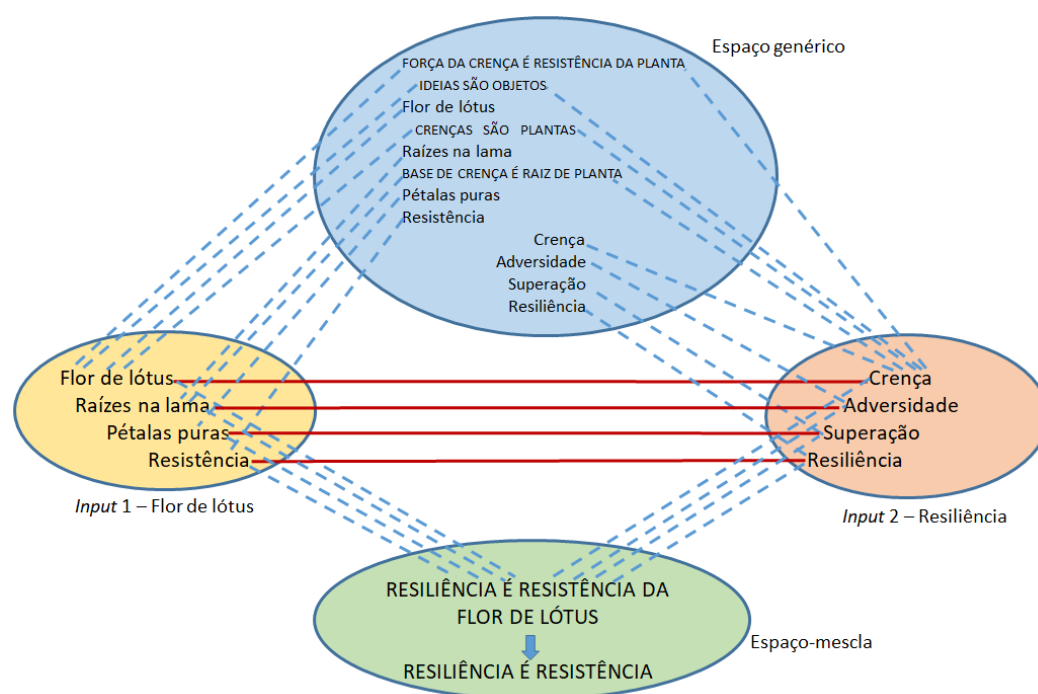
Nesta seção, serão analisados os cinco símbolos de resiliência destacados no capítulo 5. Cada símbolo será abordado em uma subseção (6.3.1 a 6.3.5). Em seguida, passa-se à análise do símbolo da flor de lótus.

6.3.1 Resiliência e flor de lótus

A partir dos dados referentes à flor de lótus explicitados no capítulo 5, sabe-se que as informações mais relevantes são os fatos de essa planta tem uma semente muito resistente,

que emerge da lama e que, toda manhã ao emergir novamente, sobe sem impurezas. Assim, juntamente com o significado de resiliência, foi possível criar a mescla, representada na figura 61, para conceptualização da flor de lótus relacionada à resiliência.

Figura 61 – Conceptualização de resiliência-flor de lótus



Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2021

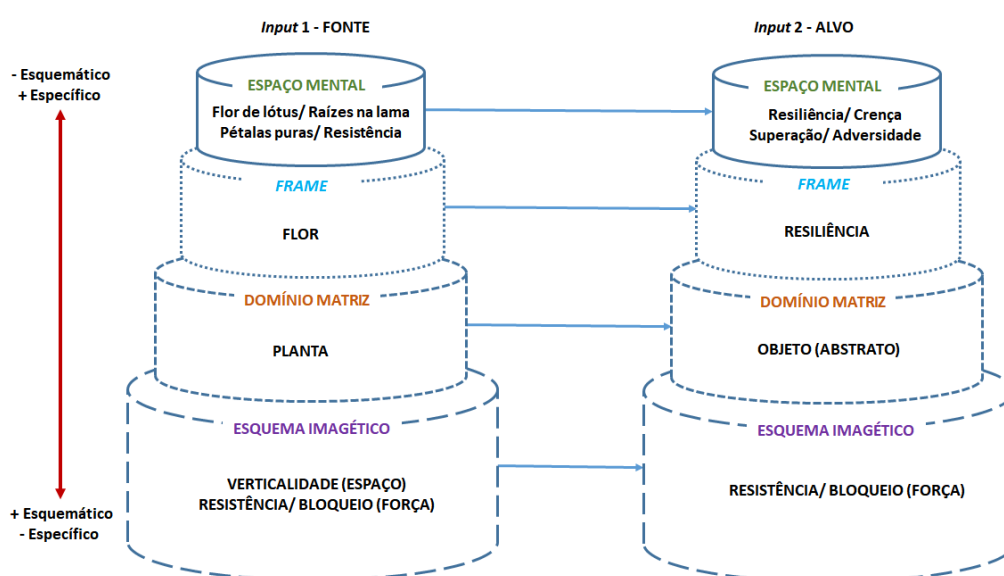
Na figura 61, o espaço mental de II, domínio fonte, é aberto com base no *frame* FLOR, reunindo elementos ligados à “flor de lótus”, um tipo específico de flor, com suas “raízes na lama” e “pétalas puras” que possuem grande “resistência” às adversidades. As propriedades dessa flor, em termos biológicos, evocam compressões de MUDANÇA, considerando que a semente cria raízes e se transforma em uma planta, e CAUSA-EFEITO, devido à resistência (EFEITO) às adversidades naturais (CAUSAS). Assim, no nível dos espaços mentais, os elementos ativam o *frame* FLOR, ligado, por sua vez, ao domínio matriz PLANTA, mais esquemático. Os esquemas imagéticos VERTICALIDADE, bem como RESISTÊNCIA e BLOQUEIO, a partir de experiências perceptuais ligadas ao crescimento de plantas e à resistência à adversidades como forças a serem bloqueadas e suportadas, respectivamente, fundamentam essas estruturas conceptuais.

O *input 2*, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir da SOBRRARE. Assim, foram destacados elementos ligados à “crença”, à “adversidade” e à sua “superação”, em uma relação vital CAUSA-EFEITO, em que superar adversidades (CAUSA) leva à “resiliência” (EFEITO). Além disso, há, também, relação vital PARTE-TODO, visto que os aspectos destacados fazem parte do conceito de resiliência; e INTENCIONALIDADE, pois se intenciona a superação.

O *frame* RESILIÊNCIA, ativado pelo conceito de resiliência, integra o domínio matriz OBJETO (ABSTRATO), porque em termos mais esquemático abarcam plantas, animais, objeto em si. Essas estruturas conceptuais baseiam-se em esquemas imagéticos RESISTÊNCIA e BLOQUEIO, rotinas cognitivas surgidas da experiência com forças a serem suportadas ou bloqueadas em termos físicos ou mentais.

Na figura 62, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceptuais dos *Is1-2*, já apontadas.

Figura 62 – Estruturas conceptuais dos *inputs 1 e 2* em resiliência-flor de lótus



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

A figura 62 exhibe as estruturas conceptuais em termos de esquematidade e contiguidade. No I1, o espaço mental ativado pelas propriedades da flor de lótus ativa, por sua vez, o *frame* FLOR, inserido no domínio matriz PLANTA, mais amplo. Em termos mais

esquemáticos, o nível dos esquemas imagéticos RESISTÊNCIA e BLOQUEIO (FORÇA) e VERTICALIDADE fundamentam os demais níveis.

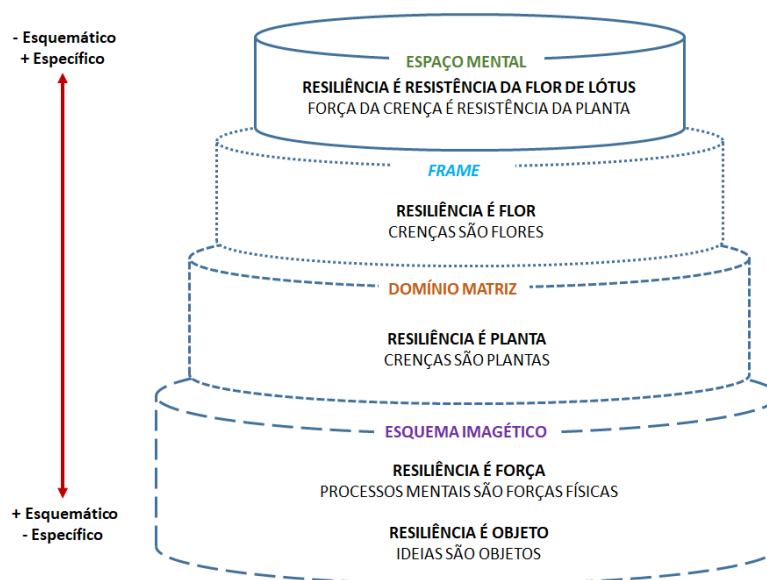
No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, ligado ao domínio matriz OBJETO (ABSTRATO), do qual *frame* RESILIÊNCIA, como demais conceitos, faz parte. Essas estruturas conceptuais são fundamentadas pelos esquemas imagéticos RESISTÊNCIA e BLOQUEIO, pela necessidade de ter força e resistência contra as adversidades da vida.

O espaço genérico reúne os elementos comuns aos Is1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de *resiliência-flor de lótus*. A interconexão entre os elementos dos Is1-2 – “flor de lótus-crença”, “raízes na lama-adversidade”, “pétalas puras-superação” e “resistência-resiliência” –, por meio das relações vitais ANALOGIA, REPRESENTAÇÃO e PROPRIEDADE, reforçam as compressões dos *inputs* ao serem projetados na mescla.

Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É RESISTÊNCIA DA FLOR DE LÓTUS surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla, complementados pelas propriedades destacadas da flor de lótus como domínio fonte em conexão com o domínio alvo. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência. As PROPRIEDADES da flor de lótus reforçam, por elaboração, que RESILIÊNCIA É RESISTÊNCIA.

Na figura 63, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis a partir de RESILIÊNCIA É RESISTÊNCIA DA FLOR DE LÓTUS, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 63 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-flor de lótus



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 63, RESILIÊNCIA É RESISTÊNCIA DA FLOR DE LÓTUS encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. Por isso, essa metáfora está relacionada à FORÇA DA CRENÇA É RESISTÊNCIA DA PLANTA. Ambas as metáforas são estruturadas pelos esquemas imagéticos FORÇA e OBJETO e pelo princípio CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim RESILIÊNCIA É FLOR, com base em CRENÇAS SÃO FLORES. Como CRENÇAS SÃO PLANTAS, no domínio matriz, RESILIÊNCIA É PLANTA. Para o nível dos esquemas imagéticos, postulam-se as metáforas RESILIÊNCIA É FORÇA e RESILIÊNCIA É OBJETO, ligadas, respectivamente, às metáforas PROCESSOS MENTAIS SÃO FORÇAS FÍSICAS e IDEIAS SÃO OBJETOS.

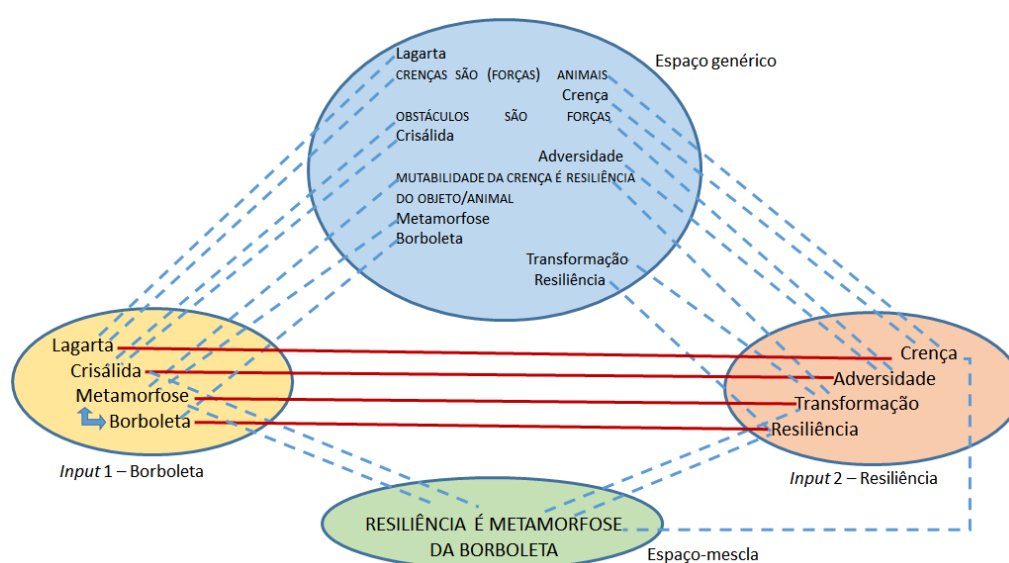
A partir dessa análise, sabe-se que a flor de lótus é uma planta que nasce em águas impuras, mas resiste às adversidades e floresce pura. Logo, é possível notar a importância de seu simbolismo: assim como a planta, as pessoas devem resistir às adversidades cotidianas e desenvolver a si mesmas de forma honrável e positiva.

O segundo símbolo de resiliência será analisado em seguida.

6.3.2 Resiliência e borboleta

A metamorfose da borboleta é uma metáfora recorrente para resiliência, como foi afirmado no segundo símbolo (cf. 5.2), já que seu ciclo de vida consiste em, na fase de lagarta, alimentar-se e preparar-se para a fase seguinte em que se transforma em uma crisálida. Após a metamorfose, as borboletas adultas eclodem dos casulos. Com base nesse foco de sentido, postulou-se a rede de integração apresentada na figura 64.

Figura 64 – Conceptualização de resiliência-borboleta



Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2021

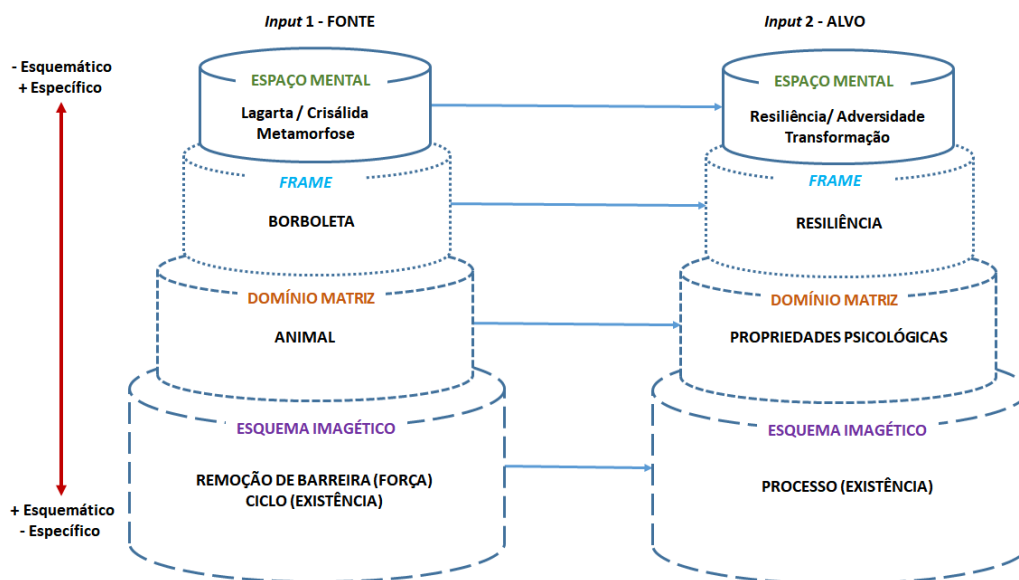
Na figura 64, o espaço mental de I1, domínio fonte, aberto com base no *frame* BORBOLETA, reúne os elementos ligados ao ciclo de vida de borboletas, como a “lagarta” que se envolve em uma “crisálida” e depois, a partir de uma “metamorfose”, se transforma em uma “borboleta”. Todo esse processo de transformações evoca relação vital de MUDANÇA, enquanto o efeito da metamorfose por causa da crisálida evoca CAUSA-EFEITO. Assim, no nível dos espaços mentais, os elementos ativam o *frame* BORBOLETA, que, por sua vez, se relaciona ao domínio matriz ANIMAL, mais esquemático.

O *input 2*, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir da SOBRARE. Assim, foram destacados elementos ligados à “crença”, à “adversidade” e à sua “transformação”, em uma relação vital CAUSA-EFEITO, em que a causa

de transformar as adversidades em sabedoria acarreta o efeito de “resiliência”. Além disso, há, também, a INTENCIONALIDADE de transformação.

Na figura 65, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceituais dos Is1-2, já apontadas.

Figura 65 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-borboleta



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

A figura 65 exhibe as estruturas conceituais em termos de esquematicidade e contiguidade. No I1, os espaços mentais ativados pelos elementos da imagem e do texto ativam, por sua vez, o *frame* BORBOLETA, inserido no domínio matriz ANIMAL, mais amplo. Em termos mais esquemáticos, o nível dos esquemas imagéticos fundamenta de REMOÇÃO DE BARREIRA (FORÇA), devido à força que a lagarta necessita fazer para remover a crisálida, e CICLO, devido ao ciclo de vida das borboletas que se repete.

No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, ligado ao domínio matriz PROPRIEDADES PSICOLÓGICAS, as quais o ser humano precisa equilibrar para alcançar resiliência. Logo, é fundamentado perceptualmente pelo esquema imagético PROCESSO, pois trata-se de um processo complexo de transformação individual e interna.

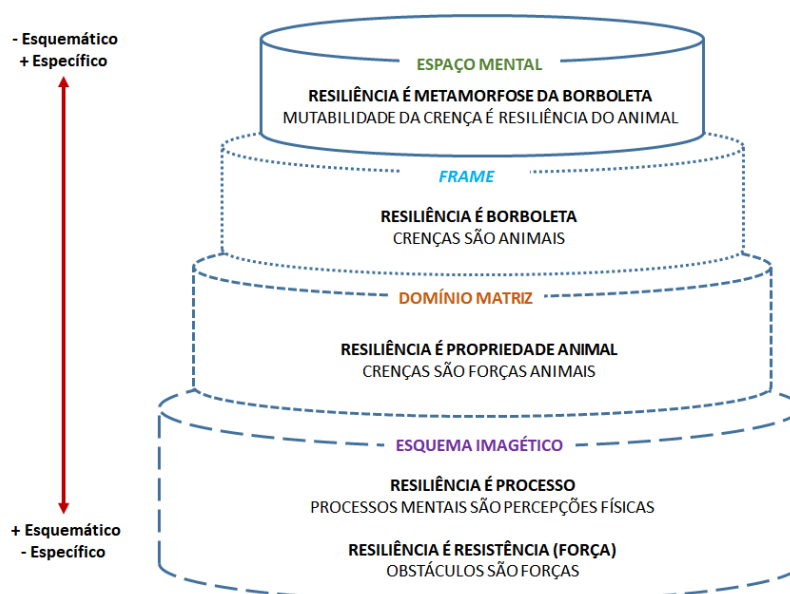
O espaço genérico reúne os elementos comuns aos Is1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de *resiliência-borboleta*. A interconexão entre os elementos dos Is1-2 – “lagarta-crença”, “crisálida-adversidade”, “metamorfose-transformação” e “borboleta-

resiliência” –, por meio das relações vitais ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO, reforça as compressões dos *inputs* ao serem projetados na mescla.

Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência.

Na figura 66, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis de RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 66 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-borboleta



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 66, RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. Por isso, essa metáfora está relacionada à metáfora MUTABILIDADE DA CRENÇA É RESILIÊNCIA DO ANIMAL, estruturada pelos esquemas imagéticos FORÇA e OBJETO.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim RESILIÊNCIA É BORBOLETA, com base em CRENÇAS SÃO ANIMAIS. Como CRENÇAS SÃO FORÇAS ANIMAIS, no domínio matriz, RESILIÊNCIA É PROPRIEDADE ANIMAL; metáforas estruturadas pelo esquema imagético OBJETO e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, se OBSTÁCULOS SÃO FORÇAS, RESILIÊNCIA É RESISTÊNCIA (FORÇA), metáforas estruturadas pelos esquemas imagéticos FORÇA e OBJETO, e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO. Ainda nesse nível, RESILIÊNCIA É PROCESSO, com base em PROCESSOS MENTAIS SÃO PERCEPÇÕES FÍSICAS.

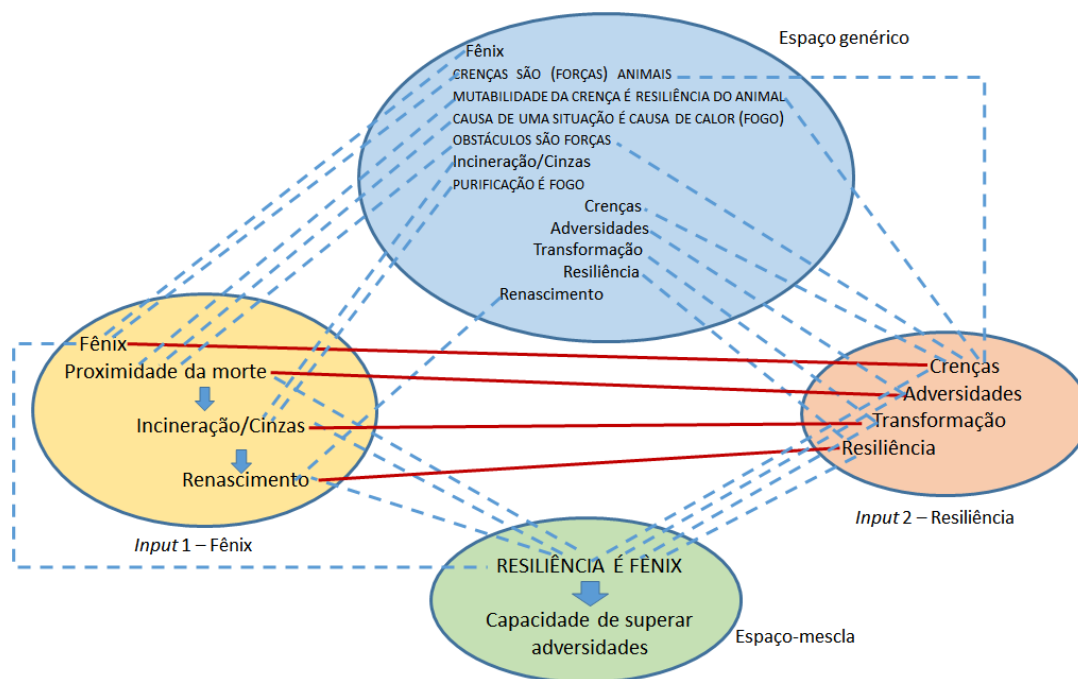
A partir dessa análise, nota-se que o simbolismo da metamorfose da borboleta em lagarta é de extrema importância ao comparar com a vida do ser humano. As pessoas estão em constante evolução (física, emocional, psicológica, espiritual, etc); evolução esta que não é linear, pois sempre há adversidades a enfrentar. A crisálida da lagarta é uma metáfora para um processo de internalização necessária, para que o ser humano adquira autoconhecimento e encontre respostas dentro de si; por isso, as adversidades são necessárias para que as pessoas possam se desenvolver. Após essa fase, vem a metamorfose, que, para o ser humano, simboliza uma mudança de crenças, pontos de vista e pensamentos que então o tornarão mais forte para enfrentar quaisquer problemas.

Em seguida, analisa-se o terceiro símbolo de resiliência.

6.3.3 Resiliência e fênix

O terceiro símbolo (cf. 5.3) a ser analisado é o da fênix: o ser mitológica que, quando sentia que ia morrer, montava um ninho com incenso para ser incinerada pelos raios do Sol. A partir de suas cinzas, renasceria uma nova fênix. Sua conceitualização é representada na figura 67.

Figura 67 – Conceptualização de resiliência-fênix



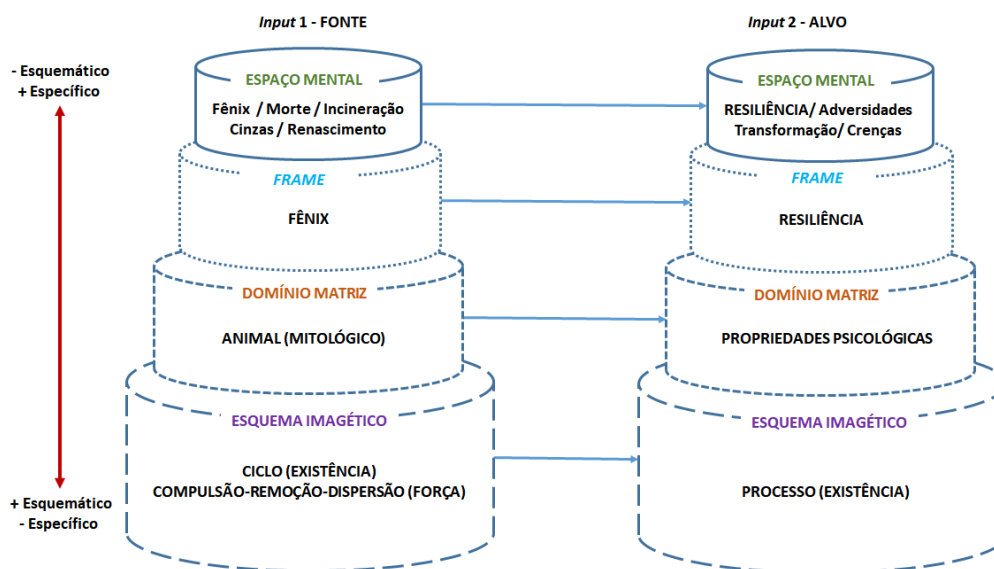
Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2021

Na figura 67, o espaço mental de I1, domínio fonte, aberto com base no *frame* FÊNIX, reúne elementos ligados à mitologia dessa ave, como a própria “fênix” que, com a “proximidade da morte”, se envolve em um processo de “incineração”, cujas “cinzas” propiciam seu “renascimento”. Observam-se as relações vitais de MUDANÇA, considerando que a fênix se transforma em cinzas e depois se transforma novamente em uma ave, e CAUSA-EFEITO em uma cadeia de causalidade, já que a proximidade da morte CAUSA a autoincineração da ave, que se tranforma em cinzas (EFEITO da autoincineração), por meio das quais (cinzas = CAUSA do renascimento) leva ao EFEITO do renascimento. Esse *input* se relaciona ao domínio matriz ANIMAL (MITOLÓGICO), mais esquemático.

O *input* 2, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência conforme as definições da SOBRARE. Assim, foram destacados elementos ligados à “crença”, à “adversidade” e à sua “transformação”, em uma relação vital CAUSA-EFEITO, em que a causa de transformar as adversidades em sabedoria acarreta o efeito de “resiliência”. Além disso, há, também, a relação vital a INTENCIONALIDADE de transformação.

Na figura 68, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceptuais dos Is1-2, já apontadas.

Figura 68 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-fênix

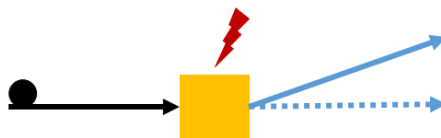


Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

A figura 68 exhibe as estruturas conceituais em termos de esquematicidade e contiguidade. No II, os espaços mentais ativam, por sua vez, o *frame* FÊNIX, inserido no domínio matriz ANIMAL (MITOLÓGICO), mais amplo. Em termos mais esquemáticos, o nível dos esquemas imagéticos fundamenta de CICLO – devido ao ciclo de vida da ave, em que há a proximidade da morte, sua autoincineração, seu renascimento, e depois o ciclo se repete –, e COMPULSÃO-REMOÇÃO-DISPERSÃO (FORÇA), conforme a representação da figura 69 –, pois, segundo Bernardo (2021, informação pessoal),

há um esquema de forças que estrutura conceptualização renascimento da fênix: a proximidade da morte, ilustrada pela esfera negra, representa uma força de compulsão que age sobre a fênix (quadrado amarelo), levando-a a se incinerar (raio vermelho). Das cinzas resultantes da purificação pelo fogo (seta azul pontilhada), a fênix renasce (seta azul sólida). O fogo é o elemento que remove os efeitos da morte, visto que as cinzas resultantes da incineração, ao promover o renascimento, causam um desvio da ação da morte como uma força externa contra a qual a fênix aparentemente indefesa não reage inicialmente.

Figura 69 – Esquema de forças e renascimento da fênix



Fonte: BERNARDO (2021, informação pessoal)

De acordo com Evans e Green (2006, p. 187)²⁷, COMPULSÃO emerge da experiência de ser movido por uma força externa, por exemplo, sendo empurrado indefeso em uma grande multidão densa, sendo levado por um vento muito forte e assim por diante.

Ainda segundo Evans e Green (2006, p. 288)²⁸, DISPERSÃO/ DESVIO ocorre quando uma entidade em movimento encontra outra entidade e isso resulta em desvio. Os exemplos incluem um nadador nadando contra uma corrente forte, de modo que seja gradualmente empurrado ao longo da costa ou o ricochete de uma bala. Já REMOÇÃO DE FORÇA captura uma situação em que uma obstrução à força é removida, permitindo que a energia seja liberada. Isso descreve uma situação como encostar em uma porta que se abre de repente.

No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, ligado ao domínio matriz PROPRIEDADES PSICOLÓGICAS, as quais o ser humano precisa equilibrar para alcançar resiliência. Logo, é fundamentado perceptualmente pelo esquema imagético PROCESSO, pois trata-se de um processo complexo de transformação individual e interna.

O espaço genérico reúne os elementos comuns aos Is1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de *resiliência-fênix*. A interconexão entre os elementos dos Is1-2 – “fênix-crença”, “proximidade da morte-adversidade” e “incineração/cinzas-transformação” e “renascimento-resiliência” –, por meio das relações vitais ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO, reforça as compressões dos *inputs* ao serem projetados na mescla. Há, também, as metáforas CAUSA DE UMA SITUAÇÃO É CAUSA DE CALOR (FOGO) (CHARTERIS-BLACK, p. 62) e PURIFICAÇÃO É FOGO (CHARTERIS-BLACK, p. 121) baseada na metonímia FOGO PELA

²⁷ No original: [COMPULSION] emerges from the experience of being moved by an external force, for example being pushed along helplessly in a large dense crowd, being blown along in a very strong wind and so on.

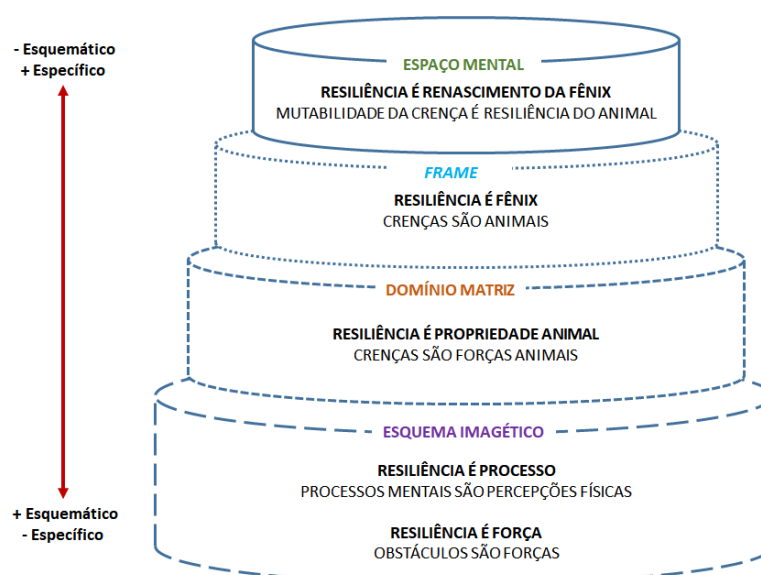
²⁸ No original: [DIVERSION] occurs when one entity in motion meets another entity and this results in diversion. Examples include a swimmer swimming against a strong current so that she is gradually pushed along the shoreline, or the ricochet of a bullet. [REMOÇÃO DE FORÇA] captures a situation in which an obstruction to force is removed, allowing the energy to be released. This describes a situation like leaning on a door that suddenly opens.

PURIFICAÇÃO (CHARTERIS-BLACK, p. 100). Tais metáforas surgem a partir da ideia de que o fogo da autoincineração da fênix possui um papel de purificação e renovação, o qual permite seu renascimento.

Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE, complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência.

Na figura 70, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis de RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 70 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-fênix



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 70, RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. Por isso, essa metáfora está relacionada à metáfora MUTABILIDADE DA CRENÇA É RESILIÊNCIA DO ANIMAL. Ambas estruturadas pelos esquemas imagéticos OBJETO e FORÇA, e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim RESILIÊNCIA É FÊNIX, com base em CRENÇAS SÃO ANIMAIS. Como CRENÇAS SÃO FORÇAS ANIMAIS, no

domínio matriz, RESILIÊNCIA É PROPRIEDADE ANIMAL, metáforas fundamentadas pelo esquema imagético OBJETO e pelos princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, se OBSTÁCULOS SÃO FORÇAS, RESILIÊNCIA É FORÇA, estruturadas pelos esquemas imagéticos FORÇA e BLOQUEIO, e pelo princípios cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO. Ainda nesse nível, RESILIÊNCIA É PROCESSO, com base em PROCESSOS MENTAIS SÃO PERCEPÇÕES FÍSICAS.

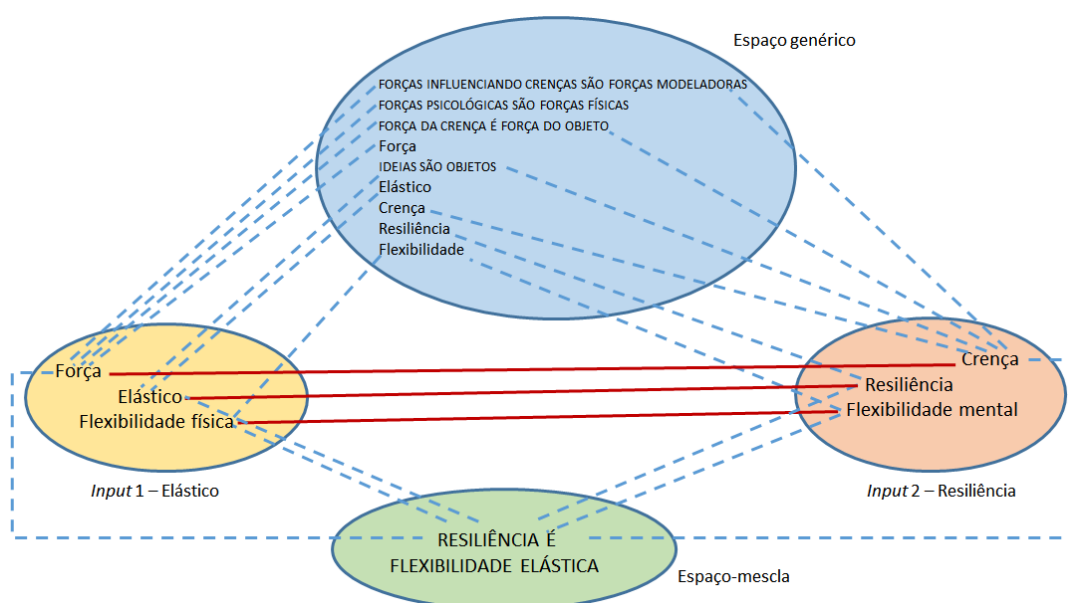
A partir dessa análise, é possível inferir que o renascimento da fênix após sua incineração simboliza que o ser humano deve sempre se reconstruir, ressignificar as ideias e ter a capacidade de recomeçar a cada dia. As adversidades são oportunidades para o autodesenvolvimento e cada dia é uma nova oportunidade de recomeço.

Em seguida, passa-se à análise do quarto símbolo de resiliência.

6.3.4 Resiliência e elástico

O quarto símbolo (cf. 5.4) a ser analisado é o do elástico, sobre o qual é exercida uma força para flexibilizá-lo. Na figura 71, expõe-se a conceptualização proposta para a relação elástico-resiliência.

Figura 71 – Conceptualização de resiliência-elástico

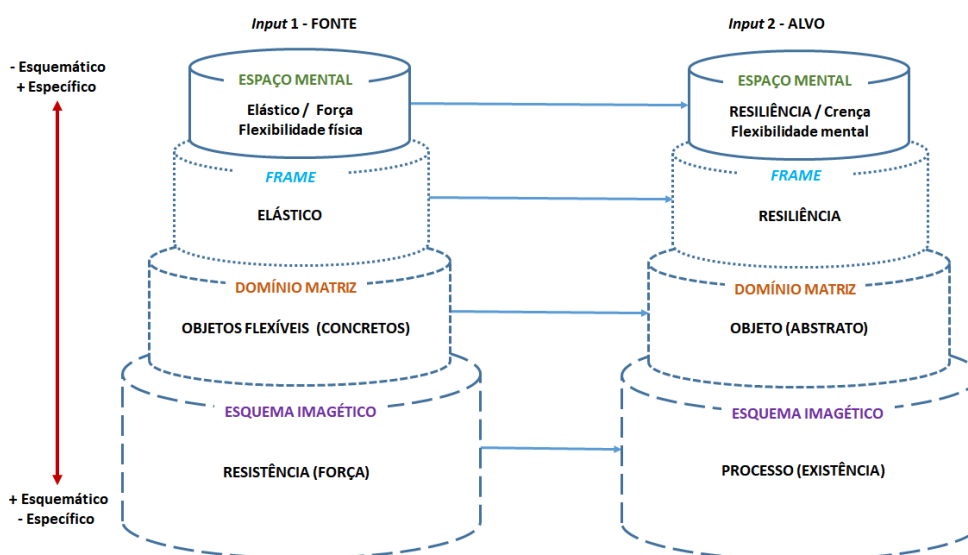


Na figura 71, o espaço mental de I1, domínio fonte, aberto com base no *frame* ELÁSTICO, reúne elementos ligados a esse objeto, como o próprio “elástico” que faz uma “força” para alcançar sua “flexibilidade física”. Devido à sua característica elástica, observa-se a relação vital PROPRIEDADE. Assim, esse *input* se relaciona ao domínio matriz OBJETOS FLEXÍVEIS (CONCRETOS), mais esquemático.

O *input* 2, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir das definições da SOBRARE. Assim, foram destacados elementos ligados à “crença”, à “flexibilidade mental” necessária para alcançar “resiliência”, em uma relação vital CAUSA-EFEITO, em que a causa da necessidade de superar adversidades acarreta o efeito de “resiliência”. Além disso, há, também, relação vital de INTENCIONALIDADE de desenvolver flexibilidade mental para alcançar resiliência.

Na figura 72, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceituais dos Is1-2, já apontadas.

Figura 72 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-elástico



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

A figura 72 exhibe as estruturas conceituais em termos de esquematicidade e contiguidade. No I1, os espaços mentais ativam, por sua vez, o *frame* ELÁSTICO, inserido no domínio matriz OBJETOS FLEXÍVEIS (CONCRETO), mais amplo. Em termos mais esquemáticos, o nível dos esquemas imagéticos fundamenta de RESISTÊNCIA (FORÇA) a partir de experiências

perceptuais ligadas à força exercida pelo elástico para se flexibilizar e à sua resistência para não arrebentar.

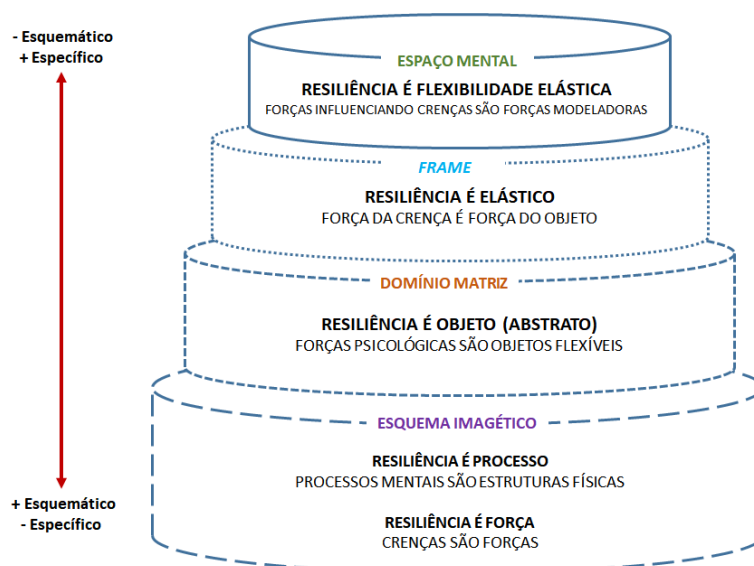
No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRARE. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, ligado ao domínio matriz OBJETO (ABSTRATO), do qual a mente faz parte. Logo, é fundamentado perceptualmente pelo esquema imagético PROCESSO (EXISTÊNCIA), devido ao longo processo psicológico necessário para alcançar resiliência.

O espaço genérico reúne os elementos comuns aos Is1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de *resiliência-elástico*. A interconexão entre os elementos dos Is1-2 – “força-crença”, “elástico-resiliência” e “flexibilidade física-flexibilidade mental” –, por meio das relações vitais ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO, reforça as compressões dos *inputs* ao serem projetados na mescla.

Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE, complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência.

Na figura 73, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis de RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 73 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-elástico



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 73, RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. Por isso, essa metáfora está relacionada à metáfora FORÇAS INFLUENCIANDO CRENÇAS SÃO FORÇAS MODELADORAS. Ambas metáforas fundamentadas pelos esquemas imagéticos FORÇA e OBJETO, e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim RESILIÊNCIA É ELÁSTICO, com base em FORÇA DA CRENÇA É FORÇA DO OBJETO. Como FORÇAS PSICOLÓGICAS SÃO OBJETOS FLEXÍVEIS, no domínio matriz, RESILIÊNCIA É OBJETO (ABSTRATO). Todas são estruturadas pelos esquemas imagéticos FORÇA e OBJETO, e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, se CRENÇAS SÃO FORÇAS, RESILIÊNCIA É FORÇA, fundamentadas pelos esquemas imagéticos OBJETO e FORÇA, e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO. Ainda nesse nível, RESILIÊNCIA É PROCESSO, com base em PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS.

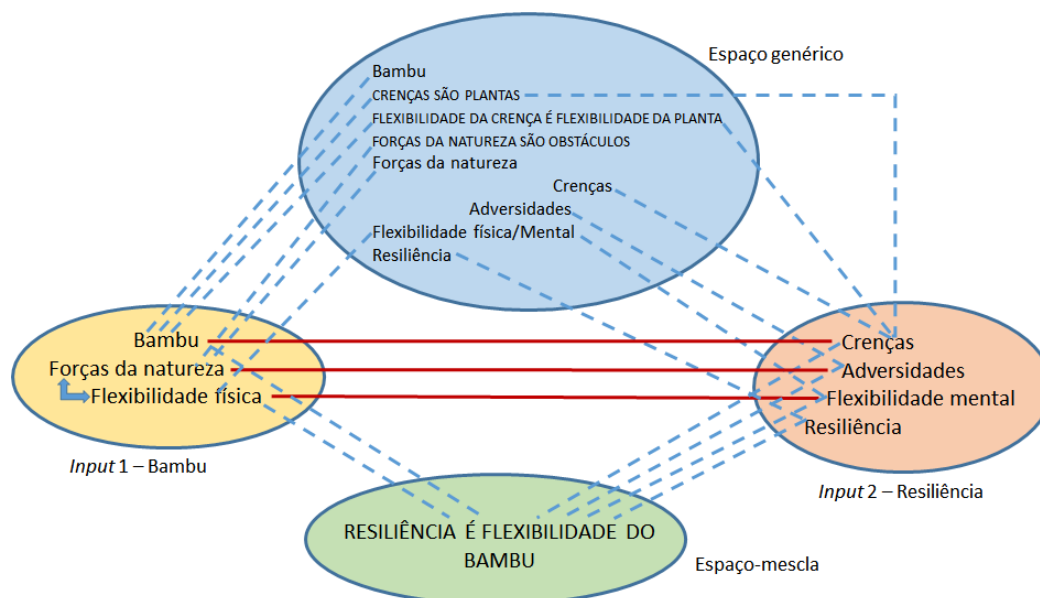
A partir dessa análise, nota-se que, assim como o elástico se flexibiliza e não perde sua essência ao se esticar, assim deve ser, também, o processo de resiliência do ser humano ao passar por adversidades. Por vezes, pessoas tendem a perder sua essência boa e positiva ao passar por problemas; porém, o desafio da vida é exatamente manter a essência boa independente da adversidade.

Em seguida, passa-se à última análise.

6.3.5 Resiliência e bambu

O último símbolo (cf. 5.5) a ser analisado é o do bambu, que se balança com o vento forte, mas a planta ainda permanece firme. Sua conceptualização proposta é representada na figura 74.

Figura 74 – Conceptualização de resiliência-bambu



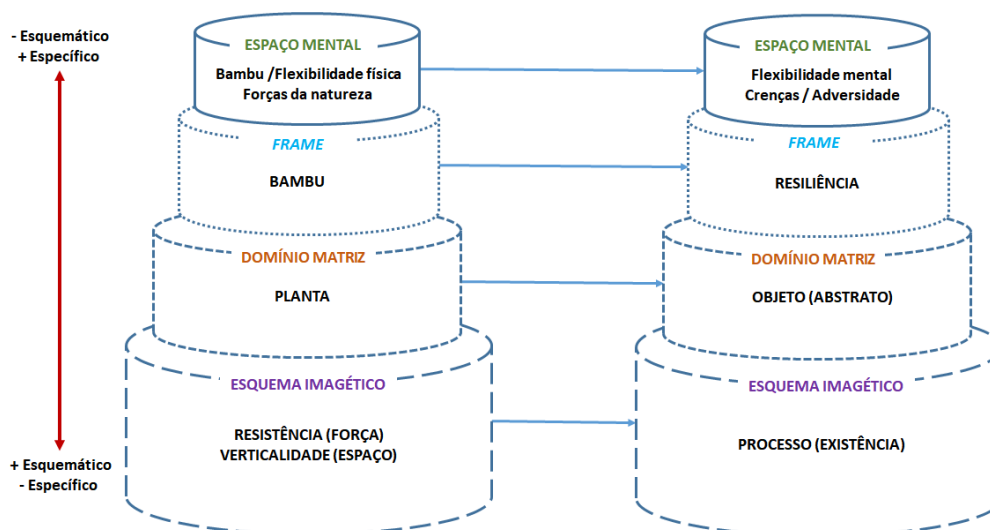
Fonte: Rede de integração elaborada pela autora, 2021

Na figura 74, o espaço mental de I1, domínio fonte, é aberto com base no *frame* BAMBU, evocando elementos ligados a essa planta, como o próprio “bambu” que possui “flexibilidade física” para não quebrar diante das “forças da natureza”. Observam-se as relações vitais de CAUSA-EFEITO devido ao efeito de resistir, através da flexibilidade, às causas de adversidades naturais, e de PROPRIEDADE, devido à sua característica flexível. Esse *input* se relaciona ao domínio matriz PLANTA, mais esquemático.

O *input 2*, fundamentado pelo *frame* RESILIÊNCIA, reúne aspectos ligados ao conceito de resiliência a partir de definições SOBRARE. Assim, foram destacados elementos ligados à “crença”, à “adversidades” e à “flexibilidade mental” necessária para alcançar “resiliência”, em uma relação vital CAUSA-EFEITO, em que a causa de superar adversidades acarreta o efeito de resiliência. Além disso, há, também, relação vital de INTENCIONALIDADE de desenvolver flexibilidade mental.

Na figura 75, ilustra-se a relação hierárquica entre as estruturas conceituais dos Is1-2, já apontadas.

Figura 75 – Estruturas conceituais dos *inputs* 1 e 2 em resiliência-bambu



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

A figura 75 exhibe as estruturas conceituais em termos de esquematicidade e contiguidade. No nível dos espaços mentais, os elementos do espaço mental do I1 ativam o *frame* BAMBU, inserido no domínio matriz PLANTA, mais amplo. Em termos mais esquemáticos, o nível dos esquemas imagéticos fundamenta de RESISTÊNCIA (FORÇA) e VERTICALIDADE a partir de experiências perceptuais ligadas à resistência às forças da natureza e ao crescimento de plantas, respectivamente.

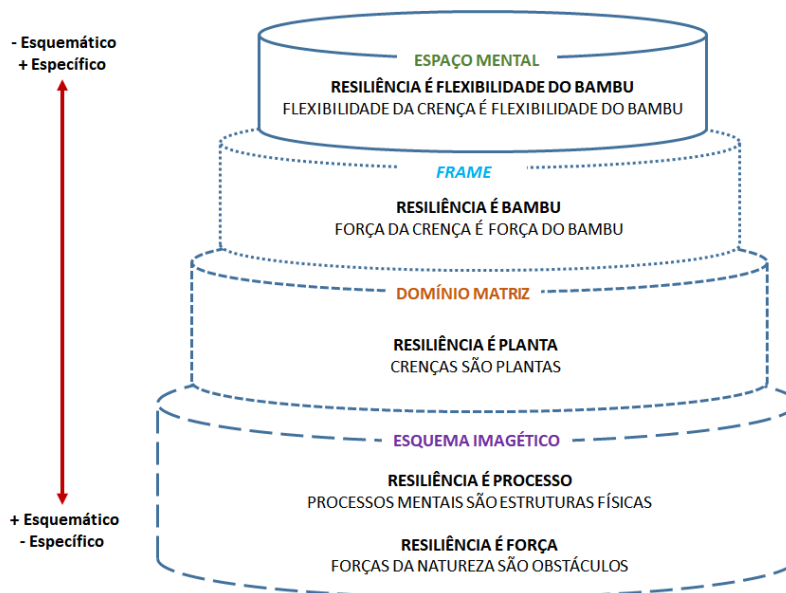
No I2, o item léxico *resiliência* ativa o conceito de RESILIÊNCIA no material da SOBRRARE. Esse conceito está ligado ao *frame* RESILIÊNCIA, ligado ao domínio matriz OBJETO (ABSTRATO), do qual a mente faz parte. Logo, é fundamentado perceptualmente pelo esquema imagético PROCESSO, devido ao processo mental necessário para alcançar resiliência.

O espaço genérico reúne os elementos comuns aos I1-2 e as metáforas convencionais que fundamentam o conceito de *resiliência-bambu*. A interconexão entre os elementos dos I1-2 – “crença-bambu”, “forças da natureza-adversidades e “flexibilidade física-flexibilidade mental” –, por meio das relações vitais ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO, reforça as compressões dos *inputs* ao serem projetados na mescla.

Assim, no espaço-mescla, RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU surge por composição dos elementos dos *inputs* interconectados projetados na mescla. Na mescla, além do fortalecimento das relações vitais intra e entre espaços de *inputs*, por meio da relação vital de INTENCIONALIDADE complementa-se o papel desse aspecto do conceito de resiliência.

Na figura 76, ilustram-se as metáforas propostas para a conceptualização em níveis de RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU, distribuídas de acordo com a estrutura conceptual a que estão ligadas.

Figura 76 – Metáforas em níveis na conceptualização resiliência-bambu



Fonte: Figura elaborada pela autora, 2021

Como se observa na figura 76, RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU encontra-se no nível do espaço mental, ativada por meio da ANALOGIA entre os elementos do domínio fonte e o conceito de resiliência ativado pelo termo *resiliência*. Por isso, essa metáfora está relacionada à metáfora FLEXIBILIDADE DA CRENÇA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU, estruturadas pelos esquemas imagéticos OBJETO e FORÇA, e pelos princípios cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível do *frame*, essa metáfora ganha mais esquematicidade, assim RESILIÊNCIA É BAMBU, com base em FORÇA DA CRENÇA É FORÇA DO BAMBU, metáforas estruturadas pelos esquemas imagéticos FORÇA e OBJETO, e pelo princípio cognitivo CONCRETO PELO ABSTRATO. Como CRENÇAS SÃO PLANTAS, no domínio matriz, RESILIÊNCIA É PLANTA, estruturadas pelo esquema imagético OBJETO e pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO.

No nível mais esquemático dos esquemas imagéticos, se FORÇAS DA NATUREZA SÃO OBSTÁCULOS, RESILIÊNCIA É FORÇA. Ainda nesse nível, RESILIÊNCIA É PROCESSO, com base em PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS.

A partir dessa análise, nota-se que, assim como o bambu se flexibiliza e se adapta aos ventos fortes, assim também deve ser o ser humano ao passar por adversidades. Muitas vezes os problemas nos derrubam, mas o desafio é manter a estrutura inabalável, sem quebrar por inteiro. O desafio é ter a capacidade de adaptação frente às adversidades, mantendo uma base de princípios e crenças fortes.

Nesta seção, percebe-se a influência da cultura na interpretação de cada símbolo. Pode-se dizer que há relação com a corrente norte-americana do estudo de resiliência, em que esta surge como produto da interação entre o sujeito e o meio em que está inserido. Na próxima subseção, serão retomados os mecanismos cognitivos comuns às conceptualizações analisadas na seção 6.3.

6.3.6 Mecanismos cognitivos comuns às conceptualizações dos símbolos de resiliência

Todas as análises da seção 6.3 configuram redes de escopo único com assimetria, porque o *frame* do II orienta o foco de entendimento desses conceitos relacionados aos símbolos ligados à resiliência, já que as características dos OBJETOS (flor, borboleta, fênix, elástico e bambu) tomados como fonte de conceptualização são projetadas em aspectos do conceito cotidiano de resiliência em várias culturas.

Além disso, ao fazer uma comparação entre todas as análises desta seção, nota-se que todas são norteadas pelas relações vitais de ANALOGIA, CAUSA-EFEITO, INTENCIONALIDADE e REPRESENTAÇÃO; pelo esquema imagético FORÇA; pelo princípio cognitivo CONCRETO SOBRE ABSTRATO e pelas metáforas CRENÇAS SÃO FORÇAS e RESILIÊNCIA É FORÇA. A partir disso, é possível aferir que todas as análises desta seção representam conceitos analogicamente, com a intencionalidade de transmitir uma mensagem de força mental. Além disso, nota-se que, para alcançar o EFEITO de resiliência, há diversas CAUSAS influenciando. Ademais, todas as análises dessa seção, com exceção de RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.3), são motivadas pelo esquema imagético RESISTÊNCIA.

Nas análises RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1) e RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5), o que há em comum são o esquema imagético VERTICALIDADE e as metáforas CRENÇAS SÃO PLANTAS e RESILIÊNCIA É PLANTA. Aqui, observa-se uma comparação da resiliência de plantas superando forças da natureza com a resiliência humana, superando adversidades físicas e mentais. Relaciona-se, assim, à resistência biológica, no sentido de que

a resiliência ambiental foi uma das origens do termo, sendo conceituada como a capacidade de um determinado sistema recuperar o equilíbrio depois de ter sofrido uma perturbação.

Nas análises RESILIÊNCIA É FLOR DE LOTUS (6.3.1), RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA (6.3.4) e RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5), o que há em comum são o domínio matriz OBJETO (ABSTRATO) nos respectivos *inputs* 2 e a relação vital de PROPRIEDADE. A flexibilidade é um atributo de extrema importância para alcançar resiliência, devido à necessidade de adaptação perante adversidades.

Já as análises RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA (6.3.2) e RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.5) são motivadas pela relação vital de MUDANÇA; pelos esquemas imagéticos OBJETO e CICLO; pelos domínios matriz ANIMAL nos respectivos *inputs* 1 e PROPRIEDADES PSICOLÓGICAS nos respectivos *inputs* 2; pelas metáforas MUTABILIDADE DA CRENÇA É RESILIÊNCIA DO OBJETO/ ANIMAL, CRENÇAS SÃO ANIMAIS, CRENÇAS SÃO FORÇAS ANIMAIS, OBSTÁCULOS SÃO FORÇAS, PROCESSOS MENTAIS SÃO PERCEPÇÕES FÍSICAS e RESILIÊNCIA É PROCESSO. A mudança relaciona-se à transformação do corpo desses seres e o ciclo é devido ao ciclo de vida destes que se renovam; logo, comparado à vida do ser humano, infere-se a necessidade de mudanças interiores, de mentalidade, de forma a adaptar-se aos diferentes ciclos da vida.

Ademais, RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1) também é orientada pela relação vital de MUDANÇA e as análises RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA (6.3.4) e RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5) também são norteadas pelo esquema imagético OBJETO e pela metáfora RESILIÊNCIA É PROCESSO.

O domínio matriz PLANTA orienta as análises de RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1) e RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5); a metáfora PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS dão base às análises RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA (6.3.4) e RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5), e a metáfora RESILIÊNCIA É OBJETO orienta as análises RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1) e RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA (6.3.4).

A seguir, passa-se à observação de padrões, em termos de mecanismos conceptuais, dos dados analisados.

6.4 Mecanismos cognitivos nas conceptualizações desenvolvidas

Todas as análises do capítulo seis (6) são norteadas pelas relações vitais de ANALOGIA e INTENCIONALIDADE; pela metonímia PARTE PELO TODO; pela metáfora EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO CONTÊINERS PARA SIGNIFICADOS e pelo esquema imagético COMPULSAÇÃO, devido aos sofrimentos físicos e/ou emocionais que surgem independente da vontade da pessoa e que podem abalar a resiliência. A partir disso, é possível aferir que todas as análises deste capítulo representam conceitos analogicamente, com a intencionalidade de transmitir uma mensagem de resiliência.

A conceptualização de resiliência por meio dos vários domínios fonte ativados nos espaços mentais de *input* e projetados nos espaços-mescla evidenciam a atuação dos seguintes princípios cognitivos: CONCRETO SOBRE ABSTRATO e BÁSICO SOBRE NÃO-BÁSICO, ligados a experiências humanas cotidianas simples com objetos (pessoas, animais, objetos concretos); ESTEREOTÍPICO SOBRE NÃO-ESTEREOTÍPICO, na medida em que culturalmente tudo que faz parte das rotinas concretas e mentais são preferidos em relação ao que é estranho, não familiar. Princípios comunicativos como *clareza* e da *relevância* e fatores preponderantes, como *efeitos retóricos* e *sociocomunicativos* também motivam a seleção dos elementos tomados nas conceptualizações da resiliência propostas nas análises.

Esses princípios trabalhados por Radden e Kövecses (1999) e Littlemore (2015) como subjacentes à seleção dos veículos metonímicos, portanto ligados à metonímia esquemática PARTE-TODO que funciona como base para as conceptualizações propostas via mesclagem neste trabalho, também motivam formas recorrentes de pensar metaforicamente, a fim de alcançar os propósitos comunicativos. O princípio CONCRETO SOBRE ABSTRATO foi citado explicitamente ao longo da análise devido à sua importância na trajetória da conceptualização de resiliência: da resistência e força de objetos (estudos de física), passando pela resistência e força dos corpos (humanos e animais no âmbito da biologia), para os processos psicológicos.

A relação vital CAUSA-EFEITO orienta as análises RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.1), RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS, (6.1.3) RESILIÊNCIA É INVENCIBILIDADE (6.1.4); assim como as análises dos MCDs *autocontrole* (6.2.1), *leitura corporal* (6.2.2), *análise do ambiente/ contexto* (6.2.4), *empatia* (6.2.5), *conquistar e manter pessoas* (6.2.7) e em todas as análises da seção 6.3. Tal relação vital em predominância demonstra que há várias causas possíveis que levam ao efeito de resiliência.

Nas análises de RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS (6.1.1); nas dos MCDs *autocontrole* (6.2.1), *leitura corporal* (6.2.2), *otimismo* (6.2.3), *empatia* (6.2.5), *autoconfiança* (6.2.6) e *conquistar e manter pessoas* (6.2.7); e em RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1), está presente a relação vital PARTE-TODO.

Já nas análises de RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS (6.1.1) e RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3); assim como as análises de todos os MCDs (6.2) e de todos os símbolos de resiliência (6.3), há relação vital REPRESENTAÇÃO. Tal predomínio se dá pela observação de que há vários símbolos, imagens e conceitos que representam a resiliência de diferentes formas.

A relação vital de VERTICALIDADE motiva as análises de RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2); do MCD *otimismo* (6.2.3); de RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1) e de RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5). Nessas conceptualizações, o conceito de resiliência relaciona-se à resistência biológica dos organismos.

O domínio matriz OBJETO orienta as análises de toda a seção 6.1; dos MCDs *leitura corporal* (6.2.2), *otimismo* (6.2.3) e *empatia* (6.2.5); e de RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1), RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA (6.3.4) e RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5).

Já o domínio matriz ANIMAL orienta a análise de RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA (6.3.2) e RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.3); e também do MCD *autoconfiança* (6.2.6). O reino animal, no contexto biológico, sempre houve de desenvolver adaptação para superar as adversidades da natureza e alcançar resiliência. Assim como os animais têm de passar por esse processo, também deve o ser humano.

O domínio matriz PROPRIEDADES PSICOLÓGICAS norteia RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA (6.3.2), RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.3) e a análise do MCD *autoconfiança* (6.2.6).

O esquema imagético CICLO fundamenta as análises RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2); RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA (6.3.2) e RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.3). Como o desenvolvimento de resiliência é um processo que precisa ser constantemente renovado, ciclicamente, e de acordo com os ciclos da vida, é possível correlacionar isso com o esquema imagético CICLO. Já o esquema imagético CONTÊNER norteia as análises de RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS (6.1.1) e as dos MCDs *autocontrole* (6.2.1), *leitura corporal* (6.2.2) e *empatia* (6.2.5).

Nas análises dos MCDs *otimismo* (6.2.3), *análise do ambiente/ contexto* (6.2.4) e *sentido de vida* (6.2.8); e de RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2), há o esquema

imagético ORIGEM-PERCURSO-META. Isso demonstra que alcançar a meta de resiliência é um processo que tem origem a partir do surgimento de adversidades e possui, como percurso, as tentativas de superação.

O esquema imagético EXISTÊNCIA orienta RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2), RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3), RESILIÊNCIA É INVENCIBILIDADE (6.1.4), RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA (6.3.4) e também as análises dos MCDs *autocontrole* (6.2.1), *otimismo* (6.2.3), *análise do ambiente/ contexto* (6.2.4), *empatia* (6.2.5), *autoconfiança* (6.2.6), *conquistar e manter pessoas* (6.2.7) e *sentido de vida* (6.2.8).

Da mesma forma, a metáfora RESILIÊNCIA É PROCESSO fundamenta RESILIÊNCIA É CESTA FRUTAS (6.1.1), RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2); além das análises de todos os MCDs com execução de *autocontrole* (6.2.1) e também de todos os símbolos de resiliência, exceto RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1). Isso aponta que desenvolver resiliência é um longo processo individual necessário para viver melhor no dia-a-dia.

Já a metáfora IDEIAS SÃO OBJETOS norteia RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS (6.1.1), RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2), RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3), RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1), e as análises dos MCDs *otimismo* (6.2.3) e *empatia* (6.2.5). De maneira similar, a metáfora RESILIÊNCIA É OBJETO norteia RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2), RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3); as análises dos MCDs *leitura corporal* (6.2.2), *otimismo* (6.2.3), *empatia* (6.2.5); e RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1) e RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA (6.3.4).

A partir disso, surge metáfora RESILIÊNCIA É FORÇA orienta RESILIÊNCIA É INVENCIBILIDADE (6.1.5), RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1), RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.3), RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA (6.3.4), RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5) e também as análises dos MCDs *autoconfiança* (6.2.6) e *conquistar e manter pessoas* (6.2.7). Da mesma forma, a metáfora RESILIÊNCIA É RESISTÊNCIA motiva RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1), RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.3) e a análise do MCD *autocontrole* (6.2.1). Isso aponta que ter força mental é fundamental para alcançar resiliência.

Ainda nesse contexto, surge a metáfora CRENÇAS SÃO FORÇAS motiva RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA (6.3.2), RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.3), RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA (6.3.4) e a análise DO MCD *autoconfiança* (6.2.6).

Em todo processo de resiliência, há adversidades, o que deu início à metáfora OBSTÁCULOS SÃO FORÇAS, que norteia RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA (6.3.2),

RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.3) e RESILIÊNCIA É INVENCIBILIDADE (6.1.4). Assim, nota-se que as adversidades da vida são pesos que abalam a resiliência humana.

A metáfora CRENÇAS SÃO ANIMAIS norteia RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA (6.3.2), RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.3), e a análise DO MCD *autoconfiança* (6.2.6). Ainda em termos biológicos, a metáfora CRENÇAS SÃO PLANTAS orienta RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2), RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1) e RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5).

A metáfora PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS norteia RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2), RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3), RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA (6.3.2), RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5) e também as análises dos MCDs *leitura corporal* (6.2.2), *otimismo* (6.2.3), *empatia* (6.2.5) e *sentido de vida* (6.2.8). Com base nessa metáfora, surge PROCESSOS MENTAIS SÃO FORÇAS FÍSICAS, que motiva RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1) a análise do MCD *conquistar e manter pessoas* (6.2.7).

A partir dessa última metáfora, surge PROCESSOS MENTAIS SÃO PERCEPÇÕES FÍSICAS, que orienta RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA (6.3.2), RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.3) e também as análises dos MCDs *análise do ambiente/contexto* (6.2.4), *autoconfiança* (6.2.6) e *conquistar e manter pessoas* (6.2.7).

Para finalizar, a metáfora MENTE É CONTÊINER orienta RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS (6.1.1) e a análise do MCD *autocontrole* (6.2.1). A metáfora ESTABILIDADE EMOCIONAL É EQUILÍBRIO motiva RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3) e a análise do MCD *autocontrole* (6.2.1).

No quadro 1, são elencados as estruturas e os processos cognitivos subjacentes às conceptualizações propostas para resiliência.

Quadro 1 – Mecanismos cognitivos

Estrutura conceitual	Metonímia	Metáfora
Espaço mental	PARTE PELO TODO PROPRIEDADES DO OBJETO PELA RESILIÊNCIA	RESILIÊNCIA É CESTA DE FRUTAS (6.1.1) EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO CONTÊINERES PARA SIGNIFICADOS (TODAS) RESILIÊNCIA É ALIMENTO (6.1.1) IDEIAS SÃO ALIMENTOS (6.1.1) RESILIÊNCIA É OBJETO (6.1.1/ 6.1.2/ 6.1.3/ 6.2.1/ 6.2.2/ 6.2.3/ 6.2.5/ 6.3.1/ 6.3.4) IDEIAS SÃO OBJETOS (6.1.1/ 6.1.2/ 6.1.3/ 6.2.3/ 6.2.5/ 6.3.1) RESILIÊNCIA É PROCESSO (TODAS) PROCESSOS MENTAIS SÃO ESTRUTURAS FÍSICAS (6.1.1/ 6.1.2/ 6.1.3/ 6.2.2/ 6.2.3/ 6.2.5/ 6.3.4/ 6.3.5) RESILIÊNCIA É CONTÊINER (6.1.1/ 6.2.1/ 6.2.2/ 6.2.5) MENTE É CONTÊINER (6.1.1/ 6.2.1) RESILIÊNCIA É CULTIVO DE PLANTAS (6.1.2) INCORAJAR CRENÇA É CULTIVAR PLANTAS (6.1.2) RESILIÊNCIA É CRESCIMENTO DE PLANTA (6.1.2) DESENVOLVIMENTO DA CRENÇA É CRESCIMENTO DA PLANTA (6.1.2) RESILIÊNCIA É PLANTA (6.1.2/ 6.3.1/ 6.3.5) CRENÇAS SÃO PLANTAS (6.1.2/ 6.3.1/ 6.3.5) RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO DE CRENÇAS (6.1.3) ESTABILIDADE EMOCIONAL É EQUILÍBRIO (6.1.3 / 6.2.1) RESILIÊNCIA É BALANÇA (6.1.3) CRENÇAS SÃO OBJETOS MENSURÁVEIS (6.1.3) RESILIÊNCIA É FORÇA (6.1.3/ 6.1.4/ 6.2.6/ 6.2.7/ 6.3) CRENÇAS SÃO FORÇAS (6.1.3/ 6.2.6/ 6.3.4) RESILIÊNCIA É EQUILÍBRIO (6.1.3/ 6.2.1) IDEIAS SÃO FORÇAS (6.1.3/ 6.1.4/ 6.2.6) RESILIÊNCIA É INVENCIBILIDADE (6.1.4) PROCESSOS PSICOLÓGICOS SÃO FORÇAS (FÍSICAS) (6.1.4) RESILIÊNCIA É LUTA (6.1.4) MENTE É LUTADOR (6.1.4) RESILIÊNCIA É SUPERAÇÃO (6.1.4/ 6.2.3) OBSTÁCULOS SÃO FORÇAS (6.1.4/ 6.3.2/ 6.3.3) RESILIÊNCIA É AUTOCONTROLE (6.2.2) RESILIÊNCIA É CORPO (ABSTRATO) (6.2.1/ 6.2.2/ 6.2.5) MENTE É CORPO (6.2.1/ 6.2.2) RESILIÊNCIA É RESISTÊNCIA (6.2.1), (6.3.2) EMOÇÕES SÃO FORÇAS/PESOS (6.2.1) RESILIÊNCIA É LEITURA CORPORAL (6.2.2) SINTOMAS EMOCIONAIS SÃO REAÇÕES CORPORAIS (6.2.2) MENTE É OBJETO (6.2.2/ 6.2.5) CORPO É CONTÊINER (PARA EMOÇÕES) (6.2.2/ 6.2.5) RESILIÊNCIA É POSTURA OTIMISTA (6.2.3) OTIMISMO É LUZ (6.2.3) RESILIÊNCIA É OBJETO LUMINOSO (6.2.3) CRENÇA POSITIVA É SOL (6.2.3) COMPREENDER É VER (6.2.3/ 6.2.4/ 6.2.5) CHUVA É OBSTÁCULO (6.2.3) RESILIÊNCIA É SEGUIR PISTAS (AMBIENTAIS/CONTEXTUAIS) (6.2.4) RESILIÊNCIA É INVESTIGAÇÃO (6.2.4) INVESTIGAÇÃO É PERCURSO (6.2.4) RESILIÊNCIA É EVENTO (6.2.4) PESCURSOS SÃO EVENTOS (6.2.4) RESILIÊNCIA É MOVIMENTO (6.2.4) SOLUÇÕES SÃO DESTINOS (6.2.4) RESILIÊNCIA É VISÃO (6.2.5) MENTE É OLHO (6.2.5) RESILIÊNCIA É AUTOCONFIANÇA (6.2.6) FORÇAS PSICOLÓGICAS SÃO FORÇAS FÍSICAS (6.2.6) RESILIÊNCIA É FORÇA FELINA (6.2.6) RESILIÊNCIA É FORÇA ANIMAL (6.2.6) CRENÇAS SÃO FORÇAS ANIMAIS (6.2.6/ 6.3.2/ 6.3.3) RESILIÊNCIA É ATRAÇÃO DE RELACIONAMENTOS POSITIVOS (6.2.7) INTIMIDADE EMOCIONAL É CONTATO FÍSICO (6.2.7) RESILIÊNCIA É ATRAÇÃO (6.2.7) INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE FÍSICA (6.2.7) RESILIÊNCIA É MANIFESTAÇÃO FÍSICA (6.2.7) SENTIMENTOS SÃO FORÇAS EM CONTATO (6.2.7) PROCESSOS MENTAIS SÃO FORÇAS FÍSICAS (6.2.7/ 6.3.1) PROCESSOS MENTAIS SÃO PERCEPÇÕES FÍSICAS (6.2.4/ 6.2.6/ 6.2.7/ 6.3.2/ 6.3.3) RESILIÊNCIA É SENTIDO DE VIDA (6.2.8) PROPÓSITOS SÃO DESTINOS (6.2.8) RESILIÊNCIA É JORNADA (6.2.8) CRENÇAS SÃO JORNADAS (6.2.8) RESILIÊNCIA É VIDA (6.2.8) VIDA É JORNADA (6.2.8) PROCESSOS MENTAIS SÃO CAMINHOS FÍSICOS (6.2.8) RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1) FORÇA DA CRENÇA É RESISTÊNCIA DA PLANTA (6.3.1) RESILIÊNCIA É METAMORFOSE DA BORBOLETA (6.3.2) MUTABILIDADE DA CRENÇA É RESILIÊNCIA DO ANIMAL (6.3.2/ 6.3.3) RESILIÊNCIA É BORBOLETA (6.3.2) CRENÇAS SÃO ANIMAIS (6.3.2/ 6.3.3) RESILIÊNCIA É PROPRIEDADE ANIMAL (6.3.2/ 6.3.3) RESILIÊNCIA É RENASCIMENTO DA FÊNIX (6.3.3) RESILIÊNCIA É FÊNIX (6.3.3) RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE ELÁSTICA (6.3.4) FORÇAS INFLUENCIANDO CRENÇAS SÃO FORÇAS MODELADORAS (6.3.4) RESILIÊNCIA É ELÁSTICO (6.3.4) FORÇA DA CRENÇA É FORÇA DO OBJETO (6.3.4) FORÇAS PSICOLÓGICAS SÃO OBJETOS FLEXÍVEIS (6.3.4) RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5) FLEXIBILIDADE DA CRENÇA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5) RESILIÊNCIA É BAMBU (6.3.5) FORÇA DA CRENÇA É FORÇA DO BAMBU (6.3.5) FORÇAS DA NATUREZA SÃO OBSTÁCULOS (6.3.5)
Frame	ALIMENTO (6.1.1) RESILIÊNCIA (todos de I2) PLANTA (6.1.2) BALANÇA (6.1.3) LUTA (6.1.4) EQUILÍBRIO (6.2.1) CORPO (6.2.2/ 6.2.5) CLIMA (6.2.3) INVESTIGAÇÃO (6.2.4) FELINOS (6.2.6) ABRAÇO (6.2.7) JORNADA (6.2.8) FLOR (6.3.1) BORBOLETA (6.3.2) FÊNIX (6.3.3) ELÁSTICO (6.3.4) BAMBU (6.3.5)	
Domínio matriz	OBJETO (6.1 toda/ 6.2.2/ 6.2.3/ 6.2.5/ 6.3.1/ 6.3.4/ 6.1.5) ANIMAL (6.2.6/ 6.3.2/ 6.3.3) OBSTÁCULO (6.14) CORPO (6.2.1) EVENTO (6.2.4/ 6.2.8) MANIFESTAÇÕES CORPORAIS (6.2.7) MANIFESTAÇÕES AFETIVAS (6.2.7) PLANTA (6.3.1/ 6.3.5) PROPRIEDADES PSICOLÓGICAS (6.2.6/ 6.3.2/ 6.3.3)	
Esquema imagético	CONTÊINER (6.1.1/ 6.2.1/ 6.2.2/ 6.2.5) PROCESSO (todas) PARTE-TODO (6.1.1/ 6.2.5) VERTICALIDADE (6.1.2/ 6.2.3/ 6.3.1/ 6.3.5) CICLO (6.1.2/ 6.3.2/ 6.3.3) ORIGEM-PERCURSO-META (6.1.2/ 6.1.4/ 6.2.3/ 6.2.4/ 6.2.8) EQUILÍBRIO (6.1.3/ 6.2.1) FORÇA (6.1.3/ 6.1.4/ 6.2.1/ 6.2.6/ 6.2.7/ 6.3.1/ 6.3.2/ 6.3.3/ 6.3.4/ 6.3.5) BLOQUEIO (6.1.4/ 6.2.3/ 6.3.1) RESISTÊNCIA (6.2.1/ 6.3.1/ 6.3.2/ 6.3.4/ 6.3.5) OBJETO (6.1.3/ 6.2.1/ 6.2.2/ 6.2.3/ 6.2.4/ 6.2.5/ 6.2.6/ 6.3.1/ 6.3.2/ 6.3.3/ 6.3.4/ 6.3.5) CONTEÚDO (6.2.2) CONTATO (6.2.7) ATRAÇÃO (6.2.7) REMOÇÃO DE BARREIRA (6.3.2/ 6.3.3) COMPULSÃO (6.3.3) DISPERSÃO (6.3.3)	

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2021

Com o quadro 1, finaliza-se, portanto, este capítulo, enumerando os mecanismos cognitivos subjacentes aos conceitos de resiliência. As metonímias PARTE-TODO e sua especificação PROPRIEDADES DO OBJETO PELA RESILIÊNCIA embasam as metáforas (e símile) postuladas ao longo do estudo – grifadas em negrito no quadro. O uso do termo “objeto” na nomeação da metonímia PROPRIEDADES DO OBJETO PELA RESILIÊNCIA visa abarcar os veículos metonímicos *objetos em si, pessoas, animais, plantas* ligados à resiliência nas conceptualizações. As metáforas convencionais não foram listadas.

No decorrer das análises, foram elencadas outras metáforas mais esquemáticas em relação às que foram propostas para resiliência, mas, no quadro 1, foram listadas apenas aquelas que tem relação direta com as metáforas de resiliência. Em relação aos esquemas imagéticos, além dos que foram apontados nas representações cônicas das estruturas hierárquicas – em que foram elencados apenas os de maior destaque –, também foram incluídos, no quadro 1, outros esquemas imagéticos que foram pontuados no texto deste capítulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo trabalhar o conceito de resiliência em diferentes aspectos e, nesta busca, decidiu-se investigar esse conceito em uma visão multimodal. A fim de alcançar esse objetivo, os objetos de estudo escolhidos foram conceitos de resiliência retirados do *site* da SOBRARE, onde foram encontrados os livros *Conceitos Básicos da Resiliência* (BARBOSA, 2019), *Apostila ERA* (BARBOSA, 2020) e *Guia rápido – o que é resiliência* (ASSIS, 2020). Por meio desses materiais, foram selecionadas quatro (4) definições de resiliência que apareceram mais de uma vez ao longo dos textos da SOBRARE e que evidenciavam gatilhos para processos metafóricos e metonímicos, sobretudo na ativação de domínios concretos na conceptualização de resiliência.

O outro conjunto de dados selecionados foi os oito (8) Modelos de Crenças Determinantes, retirados da *Apostila ERA* (BARBOSA, 2020). Os trechos literais das definições desses MCDs foram relacionados a imagens exibidas na primeira página de busca no *Google* Imagens, tendo palavras-chave de cada MCD como critério de pesquisa. Os demais objetos de estudo constituem uma coletânea de cinco (5) principais símbolos de resiliência, determinados ao notar que, ao pesquisar sobre resiliência no *Google* Imagens, aparecerem símbolos como a flor de lótus, a metamorfose da borboleta, a fênix, o elástico e o bambu.

Duas perguntas nortearam o estudo do conceito de resiliência em uma visão multimodal: quais são os processos cognitivos subjacentes às conceptualizações de resiliência analisadas? Quais ferramentas conceptuais são comuns aos conceitos de resiliência abarcados pelos dados analisados? Com relação à primeira pergunta, os resultados apontaram que há diversos processos cognitivos e estruturas conceptuais subjacentes às conceptualizações de resiliência analisadas, como, por exemplo, metáforas, mesclas, metonímias, ativação de espaços mentais, *frames*, compressões, domínios e esquemas imagéticos.

A responder à segunda pergunta – quais ferramentas conceptuais são comuns aos conceitos de resiliência abarcados pelos dados analisados? –, foi possível observar algumas ferramentas conceptuais comuns aos conceitos de resiliência nas diferentes áreas de conhecimento e culturas abarcadas pelos dados analisados, conforme apresentado no quadro 1. Como exemplos recorrentes, foram observados, em todos os *inputs* 2, o espaço mental e o *frame* RESILIÊNCIA; o esquema imagético PROCESSO em todas as análises, devido ao processo físico/ psicológico/ emocional para alcançar resiliência, e o domínio matriz OBJETO em todas as análises da seção 6.1; em RESILIÊNCIA É FLOR DE LÓTUS (6.3.1), RESILIÊNCIA É

FLEXIBILIDADE ELÁSTICA (6.3.4) e RESILIÊNCIA É FLEXIBILIDADE DO BAMBU (6.3.5) e nas análises dos MCDs *leitura corporal* (6.2.2), *otimismo* (6.2.3) e *empatia* (6.2.5).

Além disso, nota-se que, de um total de dezessete (17) análises, dez (10) são estruturadas pelo esquema imagético FORÇA e doze (12) pelo esquema imagético OBJETO (CONCRETO/ ABSTRATO). A partir desse dado, infere-se que a resiliência é algo que requer força (física e/ou mental) para superar as adversidades cotidianas e obter melhor qualidade de vida. Ademais, como foi apontado no capítulo 2, o conceito de resiliência tem origem na área da Física.

Logo, observa-se que o conceito de resiliência partiu de um aspecto concreto, como a capacidade que um material possui de retornar ao seu estado inicial após sofrer deformações, para um aspecto abstrato, como a capacidade de um indivíduo obter equilíbrio psicológico após sofrer estresses mentais/ físicos/ emocionais. Essa trajetória do concreto para o abstrato, basilar nos estudos cognitivistas, foi revelada nas conceptualizações de resiliência ao longo da análise, evidenciando o *continuum* OBJETO → CORPO(ANIMAIS/PLANTAS) → CONCEITO.

Assim, com o passar dos anos, a noção de resiliência passou a ser trabalhada pela Psicologia e vem sendo utilizada com mais frequência nesse ramo, principalmente conforme as dificuldades da vida vão aumentando. Ademais, dentre diversas culturas do mundo, há diferentes visões sobre a resiliência e, conseqüentemente, diferentes conceptualizações e símbolos, porém todos possuem aspectos em comum: a força e a superação de adversidades.

A aplicação da Teoria da Metáfora Conceptual Estendida (KÖVECSES, 2017, 2020) nesta dissertação foi desafiante, pois trata-se de uma teoria muito recente e pouco estudada. Porém, essa teoria foi capaz de apresentar justificativas satisfatórias para as questões abordadas aqui.

Neste trabalho, desenvolve-se ideia de que emoção e razão estão intrinsecamente conectadas. A inteligência e a afetividade estão integradas: a evolução desta depende das construções feitas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas. Percorrer esse caminho de autoconhecimento resultará na autodescoberta de constante transformação no nosso processo evolutivo enquanto humanidade. Assim, quando razão e emoção são equilibradas, há harmonia interior, o que colabora com o processo de desenvolvimento de resiliência.

REFERÊNCIAS

ADMINISTRADORES. **Grandes truques para entender a linguagem corporal das pessoas.** Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/grandes-truques-para-entender-a-linguagem-corporal-das-pessoas>. Acesso em: 14 jan.2020.

ADMVITAL. **A importância da autoconfiança.** Disponível em: <https://admvital.com/blog/a-importancia-da-autoconfianca/>. Acesso em: 14 jan. 2020.

A MENTE É MARAVILHOSA. **Conto de transformação:** a borboleta que achava que ainda era uma lagarta. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/conto-de-transformacao-borboleta/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

A VOZ DA SERRA. **Metamorfoses.** Disponível em: <http://acervo.avozdaserra.com.br/colunas/paula-farsoun/metamorfoses>. Acesso em: 7 jan. 2020

BARBOSA, G. **Os pressupostos nos estilos comportamentais de se expressar resiliência.** v.1, n.1, p.1, jul. 2012. Disponível em: http://sobrare.com.br/Uploads/20120727_os_pressupostos_nos_estilos_comportamentais_de_se_expressar_resili%C3%Aancia.pdf. Acesso em: mar. 2020.

BARBOSA, M. **Conceitos Básicos de Resiliência:** Guia de Estudos para Alunos Universitários. 1. ed. SOBRARE, 2019.

BARBOSA, M; BARBOSA, G. **ERA:** Exercícios de Resiliência. 1. ed. [S.l.]: SOBRARE, 2020.

BARBOSA. M; ASSIS, P. **Guia rápido:** o que é resiliência.1.ed. [S.l.]: SOBRARE, 2020.

BERNARDO, S.; VELOZO, N. de A.; ABREU, Gisele. “Prefiro subir quadrado do que descer redondo”: metáfora e integração conceptual em meme religioso. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 79, p. 44-53, jan./abr. 2019.

BIGGS, R., *et al.* Toward Principles for Enhancing the Resilience of Ecosystem Services. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 37, p. 421-448, 2012.

BONANNO, G. A. Loss, Trauma, and Human Resilience: Have We Underestimated the Human Capacity to Thrive After Extremely Aversive Events? **American Psychologist**, 2004.

CHARTERIS-BLACK, J. **Fire metaphors:** Discourses of awe and authority. London: Bloomsbury Academic, 2017.

CHRISTOPHER, J. C.; RICHARDSON, F. C.; SLIFE. B. S. **Thinking Through Positive Psychology**, v. 18, p. 563–589, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0959354308093395>. Acesso em: 14 dez. 2019.

CLARK, H. **Using language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CONTI OUTRA. **Saiba porque a flor de lótus é um dos símbolos mais antigos e profundos do nosso planeta.** Disponível em: <https://www.contioutra.com/saiba-porque-a-flor-de-lotus-e-um-dos-simbolos-mais-antigos-e-profundos-do-nosso-planeta/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

CVV. **Qual o sentido da vida?**. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/blog/qual-o-sentido-da-vida/>. Acesso em: 14 jan.2020.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. **Figurative language.** Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2014.

DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. M. **Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do risco à proteção.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DIARIO DA REGIÃO. **Resiliência foi a palavra mais tatuada em 2017.** Disponível em: https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2017/12/vida_e_estilo/comportamento/1090006-resiliencia-foi-a-palavra-mais-tatuada-em-2017.html. Acesso em: set. 2020.

DOC PLAYER. **Universidade Federal de Minas Gerais:** Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos por Natália Sperandio (2014). Disponível em: <https://docplayer.com.br/74031789-Universidade-federal-de-minas-gerais-programa-de-pos-graduacao-em-estudos-linguisticos.html>. Acesso em: 14 jan. 2020.

DREAMSTIME. **Ilustração stock homens de negócios otimistas e pessimistas.** Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/ilustra%C3%A7%C3%A3o-stock-homens-de-neg%C3%B3cios-otimistas-e-pessimistas-image72311041>. Acesso em: 14 jan. 2020.

ESTUDO KIDS. **Metamorfose das borboletas:** fases e como é a transformação. Disponível em: <https://www.estudokids.com.br/metamorfose-das-borboletas/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

EVANS, V. **A Glossary of Cognitive Linguistics.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive Linguistics: an introduction.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FARIA, E. **Dicionário escolar latino-português.** 4. ed. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação, Ministério da Educação e Cultura, 1967.

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language.** United Kingdom: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think:** conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basis Books, 2002.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Mental Spaces: conceptual integration networks. *In:* GEERAERTS, D. (ed.). **Cognitive Linguistics: basic readings.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

FERRARI, L. **Espaços Mentais e Construções Gramaticais: do uso linguístico à tecnologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Ana Paula. **Com açúcar e sem afeto: as metáforas dos relacionamentos amorosos em revistas femininas e masculinas**. 2019. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. *In*: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA. *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

FLACH, F. **Resiliência: A arte de ser flexível**. W. Dupont, Trad. São Paulo: Saraiva, 1991.

FORCEVILLE, C. **Pictorial and Multimodal Metaphor**. 1. ed. Berlim: Mouton de Gruyter, 2016.

FORCEVILLE, C. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. *In*: KRISTIANSEN, Gitte; ACHARD, Michel; DIRVEN, René; MENDOZA IBÁÑEZ, Francisco Ruiz de (ed.). **Cognitive Linguistics: current applications and future perspectives**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 379-402.

FOWLER, H. W.; FOWLER, F. G.; ALLEN, R. E. **The concise Oxford Dictionary of Current English**. 8. ed. Oxford: Clarendon Press, 2002.

FREEMAN, A.; DATTILIO, F. M. **Compreendendo a Terapia Cognitiva**. Editorial Psy, 1998.

FREEPIK. **Pessoas de negócios apertando as mãos e conversando em diálogo de texto**. Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-premium/pessoas-de-negocios-apertando-as-maos-e-conversando-em-dialogo-de-texto_1877541.htm. Acesso em: 14 jan. 2020.

GEERAERTS, D. **Introduction: a rough guide to Cognitive Linguistics**. *In*: GEERAERTS, D. (org.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GIBBS, R.; LIMA, P.; FRANÇOZO, E. **Metaphor Is Grounded in Embodied Experience**. [S.l.]: Basic Books, 1999.

GIBBS, R. W., JR.; Colston, H. L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *Cognitive Linguistics*, v. 6, n. 4, p. 347–378, 1995.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *In*: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. (ed.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 349- 377

GRADY, J. *et al.* Blending and metaphor. *In*: GIBBS, R. W.; STEEN, G. (ed.). **Metaphor in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, [20--].p. 101–124. Disponível em:

http://www.sscnet.ucla.edu/comm/steen/cogweb/CogSci/Grady_99.html#top. Acesso em: 11 fev. 2020.

GRADY, J. E.; OAKLEY, T.; SOULSON, S. Blending and Metaphor. *In*: STEEN, G.; GIBBS, R. W. Jr. (ed.). **Metaphor in cognitive linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, 1999.

GROTBERG, E. **A guide to promoting resilience in children**: strengthening the human spirit. The Hague: The Bernard van Leer Foundation, 1995.

INTELLIGENTIA. **Diagnóstico estratégico**: a análise do ambiente de competição. Disponível em: <http://blog.intelligentia.com.br/diagnostico-estrategico-a-analise-do-ambiente-de-competicao/>. Acesso em: 14 jan. 2020.

JORNAL DO EMPREENDEDOR. **10 lições incríveis do bambu**. Disponível em: <https://jornaldoempreendedor.com.br/destaques/inspiracao/10-licoes-incriveis-do-bambu-por-garr-reynolds/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

JORNAL NOROESTE. “**Ostra feliz não faz pérola**: uma reflexão sobre a importância do sofrimento para o desenvolvimento humano”. Disponível em: <http://www.jornalnoroeste.com/pagina/colunas/ostra-feliz-nao-faz-perola-uma-reflexao-sobre-a-importancia-do-sofrimento-para-o-desenvolvimento-humano>. Acesso em: 13 nov. 2019.

KÖVECSES, Z; RADDEN, G. Metonymy: Developing a cognitive linguistic view. **Cognitive Linguistics**, v. 9, n. 7, p. 37-77, 1998.

KÖVECSES, Z. **Extended conceptual metaphor theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

KÖVECSES, Z. **Language, mind and culture**: a practical introduction. New York: Oxford University Press, 2006.

KÖVECSES, Z. Levels of metaphor. **Cognitive Linguistics**, v. 28, n. 2, 2017.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in Culture**: universality and variation. New York: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Z. **Where metaphors come from**: reconsidering context in metaphor. New York: Oxford University Press, 2015.

KÖVECSES, Z.; POLZENHAGEN, F.; VOGELBACHER, S.; KLEINKE, S. **Cognitive explorations into metaphor and metonymy**. Frankfurt: Peter Lang, 2014

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. *In*: ORTONY, A. (ed.). **Metaphor and thought**. EUA: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. V. 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LARANJEIRA, C. A. S. J. Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 3, p. 327-332, 2007.

LEAL, Morgana de Abreu. **Metáforas do medo**. 2020. 238 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

LITTLEMORE, J. *Metonymy*: **Hidden shortcuts in language, thought and communication**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

LONGMAN Dictionary of Contemporary English. 3. ed. [S.l.]: Longman Dictionaries, 1995.

LUTHAR, S. S.; CICCETTI, D.; BECKER, B. The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. **Child Development**, v. 71, n. 3, p. 543-562, 2000.

MACMILLAN dictionary blog. **Word of the day**: resilient. Disponível em: <https://www.macmillandictionaryblog.com/resilient#:~:text=Origin%20of%20the%20word,to%20mean%20'springing%20back'>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MALTA, D. *et al.* Fatores de risco relacionados à carga global de doença do Brasil e Unidades Federadas, 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v.20, n.1, maio 2017. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rbepid/2017.v20suppl1/217-232/#>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MENTE e movimento. **O sequestro da amígdala**. Disponível em: <https://www.menteemovimento.com.br/single-post/2017/03/09/O-sequestro-da-am%C3%ADgdala>. Acesso em: 14 jan. 2020.

MUNDO amarelo. **Assim é o amor**. Disponível em: <https://mundoamarelo.wordpress.com/2011/09/28/assim-e-o-amor/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

NASH, W. A. **Resistência dos materiais**. G. E. O. Giacageia, Trad. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

OJEDA, E. N. S. Introducción: Resiliencia e subjetividad. *In*: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S.; RODRÍGUEZ, D. (org.). **Resiliencia y subjetividad**: los ciclos de la vida. Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 17-20.

ORIGEM da palavra. **Metamorfose**. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/metamorfose/#:~:text=Resposta%3A,%2C%20%E2%80%9Cforma%2C%20aspecto%E2%80%9D>. Acesso em: 11 jan. 2020.

PINTO, J. L. T. **Compêndio de resistência dos materiais**. São José dos Campos, SP: UNIVAP, 2002.

PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol*, v. 22, n. 1, p. 1-39, 2007.

PSICANALISE CLINICA. **Fenix**: significado na psicologia e mitologia. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/fenix/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

RADDEN, G.; KÖVECSES, Z. Metonymy in language and thought. *Academia*, Amsterdam, v.4, n.1, p. 17-60, set. 1999. Disponível em: https://www.academia.edu/16520463/Metaphor_metonymy_relationship. Acesso em: mar. 2020.

REVISTA Prosa Verso e Arte. **Seja como a flor de lótus**: renasça a cada dia diante da adversidade!. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/seja-como-a-flor-de-lotus-renasca-a-cada-dia-diante-da-adversidade/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

RUTTER, M. (1991) apud INFANTE (1997). **Resilience**: some conceptual considerations. *In*: INITIATIVES CONFERENCE ON FOSTERING RESILIENCE, 1991, Washington D.C., 1991. [S.l.: s.n., 1991].

SABEDORIA e outros conchavos. **Malcolm e a metáfora dos elásticos**. Disponível em: <https://sabedoriaeoutrosconchavos.blogspot.com/2015/11/malcolm-e-metafora-dos-elasticos.html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SEGREDOS do mundo. **Fenix** – história por trás de um dos mais famosos seres mitológicos. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/fenix/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M.(2000). Positive psychology: an introduction. *American Psychologist*, v. 55, p. 5-14, 2000.

SELIGMAN, M. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. *In*: SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. (ed.). **Handbook of positive psychology**. New York: Oxford University Press, 2002. p. 3-9.

SHELDON, K. M.; KING, L. Why positive psychology is necessary. *American Psychologist*, v. 56, n. 3, p. 216-217, 2001.

SIMBOLISM of things. **Flor de lótus**. Disponível em: <https://symbolismofthings.com/flor-de-lotus/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SOBRARE. **Conceitos básicos da resiliência**. [S.l.: s.n.], 2019. E-book.

SOBRARE. **Fundamentos e ferramentas da Abordagem Resiliente**. Disponível em: <http://sobrare.com.br/fundamentos-e-ferramentas-da-abordagem-resiliente/>. Acesso em: 8 abr. 2020.

SOBRARE. **Desenvolvendo uma cultura resiliente nas organizações**. Disponível em: <http://sobrare.com.br/wp-content/uploads/2015/11/ebook-desenvolvendo-uma-cultura-resiliente-nas-organizacoes.pdf>. Acesso em: jun. 2019.

SOBRARE. **Resultados do quest_resiliencia** – tabela de categorias. Disponível em: http://sobrare.com.br/quest_resiliencia-tabela-de-categorias/. Acesso em: 12 jan. 2020.

SPERANDIO, Natália Elvira. Repensando a motivação metonímica da metáfora: uma análise pela perspectiva da Integração Conceitual. **Signo**: Santa Cruz do Sol, v.40, n.71, p. 15-28, jun. 2016. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/6045/pdf_1. Acesso em: 30 nov. 2020.

SUPER interessante. **Onde surgiu e o que representa a mitológica ave fênix?**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/onde-surgiu-e-o-que-representa-a-mitologica-ave-fenix/>. Acesso em: 14 jan. 2020.

TAVARES, J. A resiliência na sociedade emergente. *In*: TAVARES, J. (org.). **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 43-75.

THE NEW Michaelis illustrated dictionary. 3th ed. São Paulo: Melhoramentos, 1961. v. 1.

VIVA bem. **Empatia pode ser ensinada**; saiba como incentivá-la nas crianças. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/12/13/empatia-pode-ser-ensinada-saiba-como-incentiva-la-nas-criancas.htm>. Acesso em: 14 jan. 2020.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *In*: DELL'AGLIO, D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. M. (org.). **Resiliência e psicologia positiva**: interfaces do risco à proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 45-68.